CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Camila da Conceição Marques

EFEITO DE REPRESENTATIVIDADE:

a formação dos processos de identificação de meninas negras por meio dos efeitos da representatividade na rede social e sua importância

Belo Horizonte

2024

Camila da Conceição Marques

EFEITO DE REPRESENTATIVIDADE:
a formação dos processos de identificação de meninas negras por meio dos efeitos da representatividade na rede social e sua importância

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Tecnologias e Processos Discursivos

Linha de pesquisa: II - Discurso, Mídia e Tecnologia

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Carla Barbosa Moreira

Belo Horizonte

2024

Marques, Camila da Conceição
M357e Efeito de representatividade : a formação dos processos de identificação de meninas negras por meio dos efeitos da representatividade na rede social e sua importância / Camila da Conceição Marques. – 2024.
148 f. : il.

Orientadora: Carla Barbosa Moreira

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2024.
Bibliografia.

1. Mulheres negras - Identidade racial. 2. Análise do discurso. 3. Instagram (Rede social on-line). 4. Racismo. I. Moreira, Carla Barbosa. II. Título.

CDD: 305.896

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus Nova Suíça – CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

CAMILA DA CONCEIÇÃO MARQUES

EFEITO DE REPRESENTATIVIDADE: A FORMAÇÃO DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DE MENINAS NEGRAS POR MEIO DOS EFEITOS DA REPRESENTATIVIDADE NA REDE SOCIAL E SUA IMPORTÂNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 22 de fevereiro de 2024, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.ª Dr.ª Carla Barbosa Moreira (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Márcia Fonseca de Amorim
Universidade Federal de Lavras

Prof.ª Dr.ª Mariana Jafet Cestari
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Às minhas avós, Maria Marques da Silva e Neusa da Conceição (*in memoriam*), por serem meus exemplos de força e sensibilidade.

AGRADECIMENTOS

Essa é a concretização de uma caminhada que teve seu início ainda em 2018, com o primeiro passo oficialmente dado em 2019. Eu precisava muito ter estado aqui. Faltam-me palavras para agradecer ao Posling/Cefet-MG todo o acolhimento e amor que a mim foram confiados nestes últimos anos. Aqui experimentei o afeto: fui ouvida, considerada e até mesmo, amada. Aqui, por meio do acolhimento de professores como Cláudio Lessa, Luciana Azeredo, Renato Caixeta, Luiz Antônio Ribeiro, Carla Barbosa Moreira e tantos outros, pude ganhar impulso para voar rumo ao mundo das ideias e leituras mais profundas da nossa amada Análise do Discurso. Depois de anos tão duros, sinto que fui profundamente recompensada.

Agradeço muito a Deus por ter me dado forças para continuar perseverando pela minha pesquisa durante todos esses anos, mesmo em meio a muitos nãos, como no mercado de trabalho, nos processos seletivos em que reprovei e na vida de um modo geral. As dificuldades financeiras também vieram, mas, decididamente, eu continuei. A perseverança é uma marca presente na minha vida. Nunca deixei de lutar. Em todos os momentos, tive certeza que a Nossa Senhora estava comigo, pois, quem melhor para interceder por nós quanto uma mãe?

Falando em mãe, cito a minha, Udicélia. Mãe, os seus cafés, o seu silêncio, as suas orações, sua paciência e renúncia foram fundamentais para que eu tivesse amparo para cuidar da minha pesquisa. Pai, obrigada pela compreensão perante a tanta ausência. Aos meus irmãos, Caroline e Rômulo: obrigada por torcerem tanto por mim. Agradeço também a Vera Lúcia Alecrim (Tia Lúcia) e Juliana Nunes (Ju) por tanto carinho e compreensão diante do meu cansaço, além da minha amiga Lisandra, que sempre intercede por mim. Olho para vocês e vejo que não estou só.

Falando em mães, é importantíssimo agradecer à mãe do Caetano, professora Carla, que assumiu o enorme desafio de orientar uma aluna que sequer conhecia a AD Materialista. Obrigada, professora, por ter me guiado e aceitado assumir a minha pesquisa, além de me ouvir acerca dos meus anseios enquanto pesquisadora e viabilizar as nossas orientações. Ter a sua escuta foi fundamental para humanizar a pesquisa e a própria cura dos meus traumas pessoais. Superamos muitas coisas, como o amadurecimento teórico (apesar de ainda estar aprendendo) e pude ter a experiência de ter sido sua aluna em sala, onde mais uma vez, o acolhimento seu e de meus colegas fez toda a diferença. Sentirei falta de atrasar o jantar do Caetano, rs.

Falando em acolhimento, não poderia esquecer os amigos que o Cefet-MG me deu. Agradeço a todos os colegas que estiveram comigo durante todos esses anos, mas destaco o querido Magno Martins. Amigo, você foi um presente que o Posling me deu.

Conforme já mencionado, sinto que precisava ter estado aqui. Foi uma honra ser Posling durante esses anos. Aproveito para compartilhar o desejo de que a pesquisa brasileira seja cada vez mais reconhecida e valorizada, assim como nossos professores e as escolas públicas de todo o Brasil que tanto resistem ao descaso e, nos últimos anos, a polarização política. Desejo também um futuro em que a nossa história, enquanto pessoas negras, seja construída por nós, por meio das oportunidades. Falando em oportunidades, agradeço ao *Programa Ações Afirmativas de Concessão de Bolsas de Estudos e Permanência para Cursos de Mestrado* fornecido pelo *Grupo Carrefour* que viabilizou para que eu pudesse me dedicar à escrita e ao desenvolvimento da pesquisa. A oportunidade da bolsa chegou em um período no qual eu precisava me dedicar ao aprendizado teórico da AD Materialista diante da mudança teórica gerada pela troca da orientação. Além disso, eu tinha acabado de perder o emprego. Agradeço à professora Carla pela indicação do meu nome e a coordenação do Posling/Cefet-MG. Mais uma vez, as ações afirmativas foram fundamentais na minha vida.

Por fim, reforço que foi uma honra ter sido aluna do Posling. Para essa instituição só o meu carinho, gratidão e respeito. Não digo adeus porque sei que as ideias nunca terminam, apenas ganham novos significados. Mal posso esperar por novas aventuras!

Ainda assim eu me levanto

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.
Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.
Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.
Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?
Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.
Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Porquê eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?
Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.
Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.

Maya Angelou

"Uma mulher negra feliz é um ato revolucionário."
Juliana Borges, escritora e ativista

RESUMO

A partir da crescente cobrança por representatividade e diversidade em diversas esferas da vida social e midiática, nossa pesquisa tem como finalidade investigar os efeitos dessa mesma cobrança conforme seus frutos na construção da identidade de meninas negras. Mais especificamente, por meio da análise de *posts* nos perfis do *Instagram* de Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho, ambas jornalistas e mulheres negras, analisamos o efeito originado a partir da posição discursiva gerada entre elas e as meninas em um momento de crescente ascensão e protagonismo de suas carreiras. Esse mesmo resultado, nomeado como efeito de representatividade, é percebido na medida em que observamos que a presença de ambas as jornalistas valida de forma positiva os processos de identificação dessas meninas. Em um país racista e desigual com o Brasil, o crescimento de mulheres negras atuando em profissões de destaque e prestígio é a prova de que uma outra realidade é possível, sendo a representatividade uma ferramenta real para, conforme afirma Souza (2021), a geração de processos de identificação positiva da pessoa negra com a sua negritude. Desenvolvendo a pesquisa, percebemos, por exemplo, que a presença das jornalistas fez com que essas meninas passassem a gostar de seus próprios cabelos, fortalecendo a sua autoestima. Para sustentarmos os argumentos apresentados ao longo da pesquisa, recorremos aos conceitos, termos e estudos comuns à Análise do Discurso: a memória discursiva (Pêcheux, 2014), a ideologia e tudo que a envolve (Althusser, 1985), a formulação e circulação de sentidos (Orlandi, 2008) e outros. Além disso, recorremos a autores ligados à formação do inconsciente (Lacan, 1999). Uma pretensão desta pesquisa está em entender como o racismo ocorre e afeta toda a sociedade de uma maneira estrutural (Almeida, 2019), gerando profundas desigualdades (Gonzalez; Hasenbalg, 1982). A apresentação de dados estatísticos ao longo da pesquisa enumera e contemporiza o trabalho acadêmico.

Palavras-chave: Representatividade. Análise do Discurso. Mulher negra. *Instagram*. Racismo.

ABSTRACT

Based on the growing demand for representation and diversity in different spheres of social and media life, our research aims to investigate the effects of this same demand based on its fruits in the construction of the identity of black girls. More specifically, through the analysis of posts on the *Instagram* profiles of Aline Aguiar and Maria Júlia Coutinho, both journalists and black women, we analyzed the effect arising from the discursive position generated between them and the girls in a moment of increasing ascension and protagonism of their careers. This same result, named as the representativeness effect, is perceived as we observe that the presence of both journalists positively validates the identification processes of these girls. In a racist and unequal country like Brazil. The growth of black women working in prominent and prestigious professions is proof that another reality is possible, with representation being a real tool for, as Souza (2021) states, the generation of processes of positive identification of black people with his blackness. Developing the research, we realized, for example, that the presence of journalists made these girls start to like their own hair, strengthening their self-esteem. To support the arguments presented throughout the research, we resorted to concepts, terms and studies common to Discourse Analysis; such as discursive memory (Pêcheux, 2014), ideology and everything that surrounds it (Althusser, 1985), the formulation and circulation of meanings (Orlandi, 2008) and others. Furthermore, we turned to authors linked to the formation of the unconscious (Lacan, 1999). One aim of this research is to understand how racism occurs and affects the entire society in a structural way (Almeida, 2019), generating profound inequalities (Gonzalez; Hasenbalg, 1982). The presentation of statistical data throughout the research enumerates and compromises the academic work.

Keywords: Representativeness. Discourse Analysis. Black woman. *Instagram*. Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira boneca *Barbie* negra 31
Figura 2 – Vídeo de criança se sentindo representada por Maju Coutinho 35
Figura 3 – A pequena Lívia confunde a apresentadora Aline Aguiar com sua própria mãe ...98
Figura 4 – O telejornal da hora do almoço atrai um novo público 100
Figura 5 – A partir de um ato, mudanças podem ser geradas. Aline Aguiar relata que seus cabelos inspiraram uma criança 105
Figura 6 – Crianças empoderadas 106
Figura 7 – Criança relata que os próprios cabelos se parecem com os da apresentadora 107
Figura 8 – O relato de Bento, de apenas 2 anos 108
Figura 9 – Relato via *story* na rede social *Instagram* 110
Figura 10 – "Mamãe, é você?" 111
Figura 11 – Aline se torna inspiração para corte de cabelo de Duda 112
Figura 12 – Reconciliação com a autoestima 113
Figura 13 – Criança imita Maria Júlia Coutinho 115
Figura 14 – Pertencimento na hora da previsão do tempo 116
Figura 15 – A confiança passada por Coutinho no exercício da profissão inspira meninas negras 117
Figura 16 – Eduarda passou a se sentir bonita por se ver parecida com a apresentadora 120
Figura 17 – O telejornal mais assistido do País foi parar na revista em quadrinhos 121
Figura 18 – Criança se espanta com a "semelhança" com Coutinho 122
Figura 19 – O vídeo de Maria Alice viralizou em todo o País 124
Figura 20 – Maria Alice foi até São Paulo se encontrar com a apresentadora 125
Figura 21 – Os figurinos de Coutinho são imitados por crianças de todo o Brasil 126
Figura 22 – Os cabelos de Coutinho inspiram e ditam tendência 127
Figura 23 – Representatividade: propósito e missão 128
Figura 24 – Mais uma vez, os cabelos de Coutinho fazem sucesso entre as meninas negras de todo o Brasil 129
Figura 25 – Coutinho se emociona com o carinho de suas pequenas telespectadoras 129
Figura 26 – A pequena Clara reproduziu uma foto de Coutinho feita para a revista feminina *Marie Claire* 130
Figura 27 – Flor de Maria demonstra carinho pela apresentadora 131

Figura 28 – Maju Coutinho organizou um destaque em seu perfil nas redes sociais somente para organizar as fotos das crianças 132
Figura 29 – Sara Pereira reproduziu o *look* com a mesma cor de Coutinho 132

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1 Contexto da pesquisa: anseios de uma não-pesquisadora 14
1.2 Introdução à pesquisa 16
1.3 Justificativa para o desenvolvimento da pesquisa 17
1.4 Definição da pergunta de pesquisa 23
1.5 Objetivos da pesquisa: geral e específico 23
1.5.1 Objetivo geral 23
1.5.2 Objetivos específicos 23
2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO 25
2.1 A teoria da Análise do Discurso – as contribuições de Michel Pêcheux e suas referências 25
2.2 O papel da língua na Análise do Discurso 28
2.3 Formação discursiva – um convite ao pensamento de Michel Foucault 33
2.4 O interdiscurso e o seu papel dentro da Análise do Discurso 37
2.5 O interdiscurso por Maingueneau – o discurso para além das palavras 42
2.6 As alegorias do discurso – interpretando o que está no não-dito 45
2.6.1 Uma introdução sobre a relação entre linguagem, sentido e o "ser negro".....45
2.6.2 O que é o sentido: entendendo o conceito e como, em narrativas negras, ele se encontra 48
3 COLONIALIDADE E RACISMO – CONCEITO E MEMÓRIA 58
3.1 "Como o sujeito negro é lido pela sociedade brasileira?" Compreendendo a denominação externa (do outro) para a construção da própria identidade 58
3.2 Sobre colonização e colonialidade 61
3.3 O lugar do negro na sociedade 63
3.4 O recorte e o significante na memória – por que naturalizamos isso? 66
3.5 O negro e o pertencimento 69
3.6 Mulheres negras e vulnerabilidades 72
4 A JORNADA DAS MULHERES NEGRAS PELA ENUNCIAÇÃO DE SI E VIA ANÁLISE DO DISCURSO NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO 74
4.1 A autonomia das mulheres negras e a legitimidade de sua própria enunciação 74
4.2 A relação entre o Feminismo Negro e Análise do Discurso: o que as mulheres negras dizem sobre si? 81

4.3 “Quem são as mulheres negras do Brasil?” – Experiências recorrentes, mas não iguais 88
5 DELIMITAÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DO CORPUS: DEMARCAÇÃO E CIRCUNSTÂNCIAS DE ANÁLISE 92
5.1 Procedimentos metodológicos: condições de produção da análise e delimitação de material do *corpus* 92
5.2 Efeito de representatividade: ação a partir da produção de sentido 95
5.2.1 Tópico da análise: relembrando os objetivos da pesquisa e introdução à análise.....103
5.3 Análise imagético-discursiva e linguística: Aline Aguiar 104
5.4 Análise imagético-discursiva e linguística: Maria Júlia Coutinho 114
5.5 O efeito de representatividade: perspectivas discursivas e apontamentos 133
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 136
REFERÊNCIAS 141

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto da pesquisa: anseios de uma não-pesquisadora

Embora meu projeto tenha sido aceito pelo Posling/Cefet-MG em 2021, o tema desta pesquisa, assim como sua concretização, teve início em 2018, a partir do artigo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo título era "A trajetória da mulher negra jornalista: das consequências da escravidão até a conquista do protagonismo"[1]. Com base nos eixos herança escravocrata, mobilidade por meio da educação até o protagonismo por meio da presença da TV e mídias sociais (uma das jornalistas retratadas no artigo é digital *influencer*), retratamos questões ligadas às mulheres negras e ao acesso da população negra à educação.

Ainda não sabia que esse artigo seria o embrião do que, hoje, é a presente dissertação de mestrado, mas os questionamentos já entravam em combustão dentro de mim. Eu, mulher negra, crescida na periferia da grande Belo Horizonte, desde criança, além de me teletransportar para outro(s) mundo(s), vi na educação o meio de mudar o rumo da minha vida. Passei boa parte da minha juventude sonhando e estudando para estar em uma universidade. Vi como referência a jornalista Glória Maria em um Brasil com poucos negros na TV, como era nos anos 2000. Sua presença na televisão aos domingos foi um norte para que buscasse um outro sentido para a minha vida. Com isso, tornei-me fruto das políticas de cotas raciais por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni). Como milhões de brasileiros, fui a primeira pessoa da minha família a ter um diploma de graduação.

Durante o triênio 2015-2018, temas como empoderamento feminino, representatividade e o próprio feminismo negro ganharam força nos espaços de debate. Destaco, aqui, o lançamento da coleção "Feminismos Plurais", sob a coordenação da filósofa Djamila Ribeiro, com livros ligados a feminismo negro, empoderamento feminino, racismo estrutural e religioso, entre outros. Destaco, também, a repercussão negativa que gerou a ausência de pessoas negras na novela *Segundo Sol* (TV Globo, 2018), ambientada em Salvador (BA), cidade com maior população negra fora da África[2].

Inevitavelmente, esse movimento por demandas sociais exerceu enorme influência nos rumos que minha vida acadêmica estava tomando, assim como na jovem mulher que estava me tornando. Eu nunca havia pensado sobre as diferenças acerca mulheres negras e mulheres

[1] A trajetória da mulher negra jornalista. Disponível em: https://encurtador.com.br/hirE0. Acesso em: 27 jun. 2023.
[2] Novela *Segundo Sol* causa revolta nas redes por ter poucos atores negros. Disponível em: https://bit.ly/40wLhPF. Acesso em: 24 mar. 2023.

brancas, mas sabia de histórias envolvendo racismo com as mulheres da minha família, das vezes em que fui tratada de modo diferente de minhas amigas brancas, das situações nas quais a empatia me foi negada ou das várias vezes em que fui ridicularizada durante os anos de faculdade por levar questões relacionadas às mulheres negras para os debates em sala de aula, de tal modo que o meu psicológico foi totalmente afetado. Naquele período, também comecei a seguir grupos no *Facebook* relacionados à questão da transição capilar.

Após a conclusão da graduação, comecei a cursar as disciplinas isoladas oferecidas pelo Posling na tentativa de aperfeiçoar o meu então projeto. Diante do acolhimento tido pelos professores e colegas, dei-me conta dos abusos sofridos durante os anos anteriores e do quão real é o fato de que pessoas negras são sistematicamente silenciadas em nossa sociedade. Além das disciplinas cursadas no programa, durante o ano de 2020, fiz parte do Orientação Afirmativa, iniciativa informal de mestres e doutores ligados a Universidade Federal do Estado de Minas Gerais (UFMG) que visa a ajudar estudantes negros a prepararem seus projetos de pesquisa para os processos seletivos de mestrado e doutorado na instituição. Reprovei nos processos seletivos de 2018, 2019 e 2020 realizados pelo Posling/Cefet-MG, além das seleções que tentei na UFMG e na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) em 2020, mas continuei cursando as disciplinas por sentir que tinha uma missão. Enquanto isso, prossegui tentando me firmar como profissional no mercado da comunicação.

Ao ser aceita como aluna regular no Posling/Cefet-MG, minha então orientadora me sugeriu que encontrasse algo em comum para justificar a escolha das jornalistas Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho como *corpus* de pesquisa. Ao voltar a analisar seus *posts* na rede social *Instagram*, vi que ambas tinham uma conexão com as crianças negras, embora elas não fossem o público prioritário para os produtos nos quais atuavam – neste caso, os telejornais *MG1* e o *Jornal Hoje* (apresentado por Coutinho entre 2019 e 2021), gerando um fenômeno comunicacional. A pandemia da Covid-19, em 2020, levou ao *boom* das *lives*, produzindo diversas *trends* no *Instagram*. Ressalto a *Don't rush challenge*, que estimulou uma onda de auto-exaltação à beleza das mulheres negras nas redes sociais[3].

Um outro fato que merece a devida observação é a forma como a imprensa brasileira mediou fatos como os casos George Floyd e João Alberto da Silva, ambos homens negros brutalmente assassinados. A edição do telejornal *Em pauta*, da *Globo News*, do dia 2 de junho de 2020, no qual jornalistas brancos comentaram o assassinato de Floyd, provocando

[3] Iza, Taís Araújo fazem desafio viral de beleza natural à "montação". Disponível em: https://bit.ly/3LPiemh. Acesso em: 24 mar. 2023.

incômodo nas redes sociais a ponto de a *TV Globo* realizar a edição do dia seguinte apenas com jornalistas negros como forma de autocrítica[4].

Intrinsecamente, língua e história caminham juntas, promovendo verdadeiras e significativas mudanças na forma em que enxergamos a sociedade e, enquanto pessoas negras, existimos. Embora nossa pesquisa seja fruto de anseios pessoais, acredito que estou contribuindo com uma nova perspectiva para o futuro acerca de como mulheres negras serão enxergadas pela sociedade. Ainda há um longo caminho, mas, aos poucos, estamos traçando uma nova narrativa. Sob o nosso próprio olhar.

1.2 Introdução à pesquisa

Sabemos que o racismo é presente e persistente em nossa sociedade, sendo a causa do apagamento das pessoas negras no processo histórico da construção da sociedade brasileira e aprofundamento das desigualdades sociais. Todavia, em nenhum momento nos questionamos ou nos movimentamos tanto acerca da presença de negros nos espaços de poder e, consequentemente, na mídia quanto agora. O nosso processo de curadoria, realizado na análise das imagens nos levou a refletir sobre a forma como as redes sociais – e de modo particular, o *Instagram* – são fundamentais nesse processo de afirmação e de reivindicação da presença de pessoas negras em espaços de destaque.

Focamos neste questionamento com a justificativa de que, embora tenha havido diversas organizações voltadas para o movimento negro ao longo da História do Brasil, elas sempre atuaram de forma mais fragmentada. Foram os casos da Frente Negra Brasileira, criada em 1931 e extinta em 1937 pela ditadura do Estado Novo; da Associação Cultural do Negro, que esteve em atividade entre 1954 e 1976, sendo que, na década de 1960, entrou em crise por questões financeiras, além da instauração da ditadura militar, retomou as atividades em 1969 até o seu encerramento definitivo; o Teatro Experimental Negro, fundado por Abdias do Nascimento, esteve em atividade entre 1944 e 1951; o Centro de Cultura e Arte Negra, instaurado em 1971, estando em atividade por 10 anos; o Quilombhoje, coletivo cultural de São Paulo iniciado na década de 1980; e, por último, o Movimento Negro Unificado, lançado em 1978, sua importante trajetória foi determinante para a derrubada do mito da democracia racial até então existente no País.

[4] *Globo News* faz autocrítica inédita sobre brancos discutindo racismo e escala só negros para jornal. Disponível em: https://bit.ly/40fFr5x. Acesso em: 24 mar. 2023.

Ao depararmos com a história de origem desses movimentos, percebemos que, em algum momento, a ditadura militar (1964-1985) e contextos como o Milagre Econômico (1968-1973) impactaram profundamente na dispersão das ideias desses grupos. A "nova ordem" da sociedade brasileira no País ocultou (e silenciou) o negro não-militante do fato de se tornar consciente acerca da questão racial. Em *Lugar de Negro* (1982), Lélia González e Carlos Hasssenbalg reconhecem que o golpe de 1964 implicou na desarticularção das elites intelectuais negras, sendo esta rearticulada somente anos depois. Ainda assim, essa movimentação não teve a projeção devida, não sendo difundida entre a maior parte da população, uma vez que tais movimentos foram historicamente marginalizados. Esse fator ajuda e perpetua a cultura e estrutura eurocêntrica na qual estamos todos inseridos, tanto negros quanto brancos. Somente em 2003, por meio da Lei nº 10.639/2003, que o ensino da cultura afro-brasileira foi incluído nas disciplinas dos ensinos fundamental e médio.

Reconhecemos que pontuar acontecimentos históricos é determinante para compreender as condições de produção e circulação de sentidos e sua interpretação, fundamentais na Análise de Discurso e muito retratado nesta dissertação. A circunstância de exclusão, ocultamento e desigualdade imposta ao negro (a alienação acerca das questões sociorraciais é um dos recursos adotados pela população negra para fugir ou sofrer menos com os efeitos do racismo) agrava e aprofunda a desigualdade social no País, mantendo uma estrutura que favorece quem já está no topo da pirâmide social há várias gerações. A busca por representatividade na qual a população negra está hoje não deixa de ser uma retomada: de orgulho e busca pela ressignificação de sua própria história. Sem dúvidas, uma jornada desafiadora, mas fundamental para ainda esta e as futuras gerações.

1.3 Justificativa para o desenvolvimento da pesquisa

Conforme apontamentos apresentados anteriormente, refletimos acerca da questão de "onde está o negro durante o curso da História do Brasil?". Anteriormente, mencionamos que a própria ditadura desarticulou o movimento negro. De fato, o País possui o correspondente a 56% da sua população declarada preta ou parda, mas somente nos últimos anos dentro desse mesmo grupo cresceu a porcentagem de pessoas que se declararam pretas ou pardas. Em 2021, o percentual de pessoas pretas subiu de 7,4% para 9,1%. Com relação às pessoas pardas, por sua vez, o percentual subiu de 45,6% para 47%[5]. Lembrando que, para o IBGE,

[5] População cresce com mais pessoas negras e pardas. Disponível em: https://encurtador.com.br/fxQS1. Acesso em: 18 maio 2023.

esses dados remetem à etnia na qual a pessoa se declara ao ser questionada, sendo a forma como ela mesma se define. Logo, percebemos que, em algum momento, as pessoas passaram a deixar de se declararem como *morena-clara*, *morena-escura*, *cor de canela*, *mulato*, *jambo* e outros nomes para, de fato, se auto denominarem como negras e pardas. Posteriormente, falamos a respeito do colorismo.

Em *Nem muito preto, nem muito branco,* Schwarcz (2012) descreve que o hábito de camuflar, típico do brasileiro se aplica também à questão da cor da pele. No livro, a historiadora revisita a história do censo demográfico do País e a forma como as pessoas se identificam. Uma informação constatada na obra é que, nos dois primeiros levantamentos (1872 e 1890), foi destacada a busca por informações sobre pretos, brancos e mestiços, sendo que, no levantamento de 1872, os grupos eram divididos entre escravos e livres. O termo *pardo*, por sua vez, surge como uma maneira de "encaixar" aqueles que não são exatamente negros, nem exatamente brancos, como uma forma de camuflar, equilibrando as desvantagens de ter a negritude (uma vez que ser negro não se resume a ter a pele escura). Essa seria uma explicação para o que o sociólogo brasileiro Oracy Nogueira, chamaria de *preconceito de marca*[6], mencionado no livro.

Em uma pesquisa realizada em 1976, os brasileiros se atribuíram a 136 cores diferentes, reveladoras de uma verdadeira "aquarela do Brasil" (Schwarz, 2012, p. 65). Diante dessa incerteza, os traços físicos e os cabelos se tornam características que levam as pessoas a sofrerem algum tipo de discriminação, além disso, existe a questão do "trânsito social", que acontece por meio da ascensão econômica, como exemplifica o trecho abaixo:

> Cores por aqui representam uma forma de linguagem privilegiada, que repercute cultural, econômica e socialmente. Definir a cor do outro ou a sua é mais do que um gesto aleatório; o ato vincula outros marcadores fundamentais para a conformação e o jogo de identidades. Em entrevista recente com um dentista negro, feita numa cidade do interior de Minas Gerais, recebi uma resposta das mais significativas. Disse ele: "Quando eu era negro minha vida era muito difícil". Ocorre que esse profissional havia envelhecido, subira na carreira como dentista, seu cabelo havia ficado branco, ele entrou para uma espécie de Rotary Club local e àquela altura fumava cachimbos. Sua resposta, porém, nada tem de ingênua ou de risível. Ela resume uma experiência social brasileira, sofrida por sinal, em que, durante muito tempo, foi bem melhor embranquecer; a mudança de cor como que resumia uma experiência de ascensão social (Schwarz, 2012, p. 68).

[6] O preconceito racial de marca trata-se de uma definição baseada na aparência por meio da cor da pele em que é possível equilibrar a "desvantagem" da cor diante de algum atributo associado a ela sendo um meio de promover uma espécie de apagamento da cor. Disponível em: https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1883-oracy-nogueira-o-homem-que-desvendou-o-racismo-brasileiro.html. Acesso em: 20 set. 2023.

Durante muito tempo, assumir-se negro no Brasil era algo remetido a sofrimento, sendo, portanto, negativo. Souza (2021), ao debruçar-se sobre a experiência e os efeitos da violência sofridos a partir do racismo, chegou à seguinte conclusão a respeito:

> A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se autorrestringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude de bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade (Souza, 2021, p. 36).

Estudar sobre os efeitos de representatividade vai ao encontro do entendimento das mudanças desse quadro negativo por meio da desconstrução e ressignificação de estereótipos e ideologias presentes em nossa sociedade. Além de fruto dos movimentos de resistência (ativismo) e cobrança da própria população em tempos de popularização e debate nas redes sociais, percebe-se que representatividade é, também, algo lucrativo. Em 2019, em entrevista à BBC Brasil, o escritor e estudioso Nei Lopes afirmou que, na época, o mercado estava descobrindo o potencial do povo negro, reconhecendo esse movimento como uma conquista positiva. Por outro lado, o intelectual alertou que isso tinha mais a ver com consumo do que com representatividade[7].

Com o crescimento do movimento de pessoas passando pela transição capilar, a partir de meados de 2014, mulheres e meninas negras brasileiras abraçaram o movimento que foi algo além da aparência física, indo para o resgate da própria identidade, fazendo com que as marcas de beleza repensassem em linhas de cabelos e beleza para mulheres negras e crespas. Em 2019, mulheres negras movimentaram R$704 bilhões por ano. Mesmo assim, há resistência, apesar da lucratividade, 8 em cada 10 mulheres brasileiras não se reconheciam nas propagandas[8].

Acreditamos na relevância da pesquisa mediante ao fato de que as mudanças já mencionadas mudam o curso de uma narrativa já estabelecida, tornando a existência da população negra mais plena e mais plural. Pude perceber que estávamos diante de algo no qual acredito que seja impactante quando volto a analisar as imagens de ambas as jornalistas e ver que, a partir da imagem das apresentadoras, meninas negras passaram a valorizar e até mesmo a gostarem de seus cabelos e sua negritude.

---

[7] Presença maior de negros na mídia tem "mais a ver com consumo do que representatividade", diz Nei Lopes. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-50482127. Acesso em: 18 maio 2023.

[8] Negras movimentam R$704 bi por ano, mas são escanteadas pela publicidade. Disponível em: https://encurtador.com.br/lAJT6. Acesso em: 19 maio 2023.

Nesse instante, observar e analisar esse efeito me levou a refletir e aprofundar ainda mais em meus estudos. Pude, então, dar-me conta de que não se tratava apenas de um pioneirismo, mas, sim, de uma nova perspectiva sobre um assunto tão em voga nos dias atuais como a valorização da beleza e autoestima negra feminina. Os efeitos da representatividade em nossa sociedade já são sentidos, pois as crianças dessa e das próximas gerações terão como referência pessoas parecidas com elas, com sua autoestima fortalecida. Elas crescerão entendendo que não há nada de errado com a sua pele e nem com seus cabelos, sendo estes motivos de orgulho e grandeza, assim como a história africana.

Ao longo deste trabalho, abordamos essa perspectiva por meio da Análise do Discurso pecheutiana e da avaliação dos *posts* do *Instagram* das jornalistas Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho. A seguir, apresentamos a biografia de ambas as jornalistas.

Aline Aguiar: trajetória profissional e pessoal

Aline Cristina Araújo de Aguiar nasceu em 2 de abril de 1984, em Belo Horizonte. Filha de pai também jornalista, desde criança Aline desejou seguir a profissão. Em 2007, após terminar o curso de Jornalismo no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), onde foi estagiária da *UniBH-TV*, Aguiar começou a sua carreira em Varginha, no sul de Minas Gerais, em que trabalhou na afiliada local da *TV Alterosa* e na *EPTV*, afiliada da *TV Globo*. Em 2011, Aline chegou à *TV Globo Minas*, onde atualmente apresenta o *MG1* e o *Bom Dia Brasil* com as notícias locais.

Na *TV Globo*, Aline atuou em reportagens voltadas para os telejornais e no programa *Terra de Minas*, onde viajou por todo o Estado. Aline realizou a cobertura do desabamento do viaduto Batalha dos Guararapes, em julho de 2014. O viaduto foi construído com a finalidade de melhorar a mobilidade urbana da cidade de Belo Horizonte, obra que foi realizada no Brasil naquele ano. O município sediou alguns Jogos Olímpicos. A obra custou R$ 13 milhões e causou a morte de duas pessoas.

Outro fato de destaque noticiado pela jornalista foi a ruptura da Barragem de Fundão, em Mariana, em novembro de 2015. À época, o rompimento foi considerado o maior desastre ambiental da História do País e o maior do mundo se tratando de rejeitos, com um volume total despejado de aproximadamente 60 milhões de metros cúbicos[9]. Ele causou a morte de 19 pessoas. A jornalista passou vários dias no local noticiando ao vivo e em grandes reportagens

[9] Caso Samarco: entenda as consequências legais da maior tragédia ambiental do Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3A0ApP6. Acesso em: 13 abr. 2023.

sobre os desdobramentos dos fatos. Ganhou a Medalha da Inconfidência em 2016 – premiação que é realizada anualmente pelo Governo de Minas Gerais desde 1952.

Em 2015, Aline decidiu voltar a usar o seu cabelo natural, passando pela transição capilar pela primeira vez, quando um cabeleireiro sugeriu que ela deixasse o cabelo ficar natural[10] . Desde então, a jornalista passou a usar os cabelos ao natural, compartilhando suas vivências no *Instagram* ao mesmo tempo em que recebia relatos de telespectadores. Aline é mestra em Estudos de Linguagens pelo Posling/Cefet-MG e possui pós-graduação em Direitos Humanos e Responsabilidade Social. Em sua dissertação intitulada como *Resistir e Reexistir: análise discursiva de narrativas de vida sobre transição capilar*[11], defendida em 2021, retratou o movimento crescente de mulheres negras assumindo os seus cabelos naturais e como os imaginários acerca do cabelo crespo se perpetuaram ao longo da história. Por meio de depoimentos recolhidos por e-mail, Aline refletiu sobre os possíveis imaginários sociodiscursivos construídos a respeito dos cabelos cacheados e crespos.

Por meio dos relatos, a jornalista investigou os sentidos produzidos por essas mulheres relacionados à transição. Além disso, foram observadas a maneira como essas mudanças contribuíram para a reconstrução da identidade das autoras dos relatos. As análises apontaram que o alisamento do cabelo foi uma condição naturalizada para que elas se sentissem pertencentes em uma sociedade cujo ideal de beleza era pautado em características eurocêntricas. Algo que me chamou a atenção foi justamente a expressividade presente nas palavras dessas mulheres e a forma como as mesmas foram desvendadas, dimensionando a escrevivência[12] e dando voz a esse dizer que, por muitos anos, fora silenciado, domesticado, como os próprios cabelos cacheados e crespos em suas diversas formas.

Maria Júlia Coutinho: trajetória pessoal e profissional

Conhecida como Maju Coutinho, Maria Júlia Coutinho Portes nasceu em 10 de agosto de 1978, em São Paulo. Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero em 2002, Coutinho começou sua carreira como estagiária na Fundação Padre Anchieta, instituição gestora da *TV Cultura* e das rádios *Cultura FM* e *Cultura Brasil*, em São Paulo. Na *TV*

[10] Aline decide voltar a usar os cabelos cacheados. Disponível em: https://bit.ly/3KYh0n1. Acesso em: 13 abr. 2023.
[11] Disponível em: https://bit.ly/48c3syL. Acesso em: 9 set. 2023.
[12] Escrevivência é um termo criado pela escritora mineira e negra Conceição Evaristo. A palavra se refere à junção das palavras "escrever" e "vivência" sendo que, em sua significação, ela carrega as experiências de etnia e de gênero. A própria escritora atesta que "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade". Disponível em: https://bit.ly/45Z8BZ2. Acesso em: 9 set. 2023.

Cultura, apresentou o *Jornal da Cultura* e o *Cultura Meio-Dia*. Na *TV Globo* desde 2007, Maria Júlia atuou como repórter, passando a apresentar eventualmente a previsão do tempo do *Jornal Nacional* e do *Jornal Hoje*, cobrindo também as previsões do tempo do *Hora Um da Notícia* e o *Bom Dia Brasil*, ambos jornais matutinos da TV Globo.

Em 2015, Maju se tornou a apresentadora fixa de meteorologia do *Jornal Nacional*, tornando-se conhecida do grande público por meio da sua forma descontraída de conduzir o quadro e seus *looks* coloridos, algo que, até então, não era comum aos olhos dos telespectadores. Esse didatismo levou a um crescimento do interesse acerca dos temas ligados à previsão do tempo por parte do público. Com a ajuda de especialistas, em 2016, a jornalista lança seu primeiro livro, *Entrando no clima*. Entre 2017 e 2019, Maria Júlia Coutinho passou a apresentar de forma ocasional o *Jornal Hoje* e o programa *Saia Justa*, no canal *GNT*, além do programa *Papo de Almoço*, da *Rádio Globo*. Em setembro de 2019, a apresentadora assumiu o *Jornal Hoje*, onde ficou até 2021, quando migrou para a apresentação do dominical *Fantástico*, em que está atualmente.

A fim de evidenciarmos o distanciamento de pessoas negras do local de credibilidade (no caso, a apresentação de um telejornal), apresentamos, nesta dissertação, duas situações de racismo vivenciadas pela jornalista e apresentadora. A primeira ocorreu em julho de 2015, quando Coutinho foi alvo de ataques racistas na página oficial do *Jornal Nacional* no *Facebook*. A repercussão do caso por parte do público levou à *hashtag #SomostodosMaju* aos *trending topics* do *Twitter*[13]. Na época, a jornalista teve espaço durante a edição do telejornal para falar sobre o caso, em que respondeu com a famosa frase "Os cães ladram e a caravana passa".

A segunda situação ocorreria em 2019, poucos dias após a sua estreia como apresentadora fixa do *Jornal Hoje*. Na época, o colunista Daniel Castro, publicou em sua página no portal *Notícias da TV*, ligado ao portal *UOL* uma coluna tecendo críticas à jornalista. No texto, Castro contou e apontou os erros cometidos por Coutinho durante a edição dos dias 7 e 8 outubro de 2019 do telejornal. O tom depreciativo usado em sua coluna gerou repúdio por parte de entidades ligadas ao jornalismo, como o Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo[14], e a própria opinião pública. A *TV Globo* veio a público desmentir a notícia por meio de nota. O colunista do jornal *Folha de São Paulo,* Thiago Amparo, fez o

[13] *#SomosTodosMajuCoutinho* chega ao topo dos *trending topics* do *Twitter*. Disponível: http://glo.bo/40is2co. Acesso em: 13 abr. 2023.
[14] Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial emite nota de repúdio ao texto do jornalista Daniel Castro. Disponível em: https://bit.ly/3KA6rWZ. Acesso em: 13 abr. 2023.

seguinte questionamento na rede social *Twitter*[15]: "Quantos jornalistas brancos tiveram seus erros gramaticais contabilizados em matéria do UOL? Sabe qual o nome desta obsessão em encontrar erros que nos coloquem num lugar subalterno? Racismo, puro e simples."

1.4 Definição da pergunta de pesquisa

Enquanto telespectadora, entre 2019 e 2021, observei o crescimento de *posts* das jornalistas acerca das crianças que acompanhavam os telejornais apresentados por Aguiar e Coutinho. Isso faria algum sentido, uma vez que ambos vão ao ar no horário de almoço. Porém, um telejornal não é direcionado para crianças, logo, não haveria um motivo para atraí-las. Essas crianças, certamente, acompanhavam o noticiário por influência de seus pais ou responsáveis, mas, ainda assim, elas não só assistiam, mas aguardavam a presença de ambas jornalistas no horário dos programas. Logo, essa presença fazia sentido para elas.

Dessa forma, definimos como pergunta de pesquisa o seguinte questionamento: "**Qual é a importância da ascensão do protagonismo de mulheres negras atuantes no telejornalismo nacional na construção da identidade de meninas negras?**"

1.5 Objetivos da pesquisa: geral e específico

1.5.1 Objetivo geral

A presente dissertação tem como finalidade analisar o discurso originado pela posição discursiva gerada entre as jornalistas e as meninas negras por meio dos *posts* na rede social *Instagram*. Embora as jornalistas não se comuniquem de forma direcionada para as crianças, elas se identificam e criam um elo com as apresentadoras, a ponto de mandarem recado para elas (isso fica evidente no capítulo direcionado para as análises).

1.5.2 Objetivos específicos

- Analisar o modo como a materialidade linguística e imagética interferem nos processos de identidade e sentido das crianças. Observar as palavras adotadas pelas

[15] Quantos jornalistas brancos tiveram seus erros gramaticais contabilizados em matéria do UOL? Sabe qual o nome desta obsessão em encontrar erros que nos coloquem num lugar subalterno? Racismo, puro e simples.Twitter: @thiamparo. Disponível em: https://bit.ly/3L08AfP. Acesso em: 13 abr. 2023.

crianças e pelas jornalistas que levam à identificação dos efeitos de representatividade e como isso reflete, também, no relacionamento dessas meninas com a sua autoestima.

- Analisar e entender o processo de identificação no discurso entre crianças e jornalistas negras na plataforma digital *Instagram* na construção da autoestima.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 A teoria da Análise do Discurso – as contribuições de Michel Pêcheux e suas referências

Embora seja um campo da Linguística e da Comunicação, assim como Orlandi (2005), temos o entendimento de que a Análise do Discurso aborda o discurso no sentido de tratar o caminho que leva a algo, como diz a própria Orlandi, o "percurso". Ainda conforme Orlandi (2005, p. 17), "o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos para os sujeitos". Entretanto, para conceber o discurso, é preciso levar em conta as condições sócio-históricas de produção de sentido. Com o entendimento de como a ideologia se constrói em um texto (Brasil, 2011), conseguimos introduzir o pensamento de Pêcheux nesta dissertação.

Filósofo e linguista francês, Michel Pêcheux (1938-1983) foi um dos pioneiros da Análise do Discurso (AD) baseando-se em importantes estudos realizados por Canguilhem e Althusser. Filósofo e médico francês, Georges Canguilhem (1904-1995) teve como principal tese a conclusão de que, ao contrário das ciências exatas, a vida não possui lógica. Ao questionar a normalidade e a patologia publica[16] na obra *O normal e o patológico*, em 1966, na qual interpela o fato de que a doença é alheia à vida do sujeito. Com isso, Canguilhem traz à tona que vivências influenciam a vida do sujeito como um todo, inclusive na área de saúde.

Por sua vez, Louis de Althusser (1918-1990) também foi um filósofo francês, nascido na Argélia, cujo pensamento ainda é influente na filosofia marxista. De acordo com ele, a ideologia não reflete o mundo real, mas representa a relação imaginária entre os indivíduos para o mundo real. Logo, estamos imersos na ideologia a fim de estabelecer a nossa própria realidade, pois diferentes ideologias se resumem também a distintas representações, tanto da realidade social, quanto da imaginária.

Conhecendo um pouco o pensamento dos filósofos que antecederam Pêcheux, compreendemos que a negação do sujeito e da situação e a gramática gerativa transformacional que, até então, tinham protagonismo nos estudos da linguagem deixam de ocupar um lugar central nas discussões sobre a linguagem e o discurso (Brasil, 2011). Anteriormente, mencionamos filósofos que vivenciaram contextos como a crise de 1929, a

[16] Originalmente, o livro *O normal e o patológico* é fruto da tese de doutorado de Georges Canguilhem sobre o normal e o patológico, defendida em 1943. Logo, a obra publicada em 1966 é uma adaptação da tese. Disponível em: https://bit.ly/3FyXmML. Acesso em: 8 dez. 2022.

Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Argélia (1954-1962) e o Maio de 68 – cujo movimento foi cenário da efervescência para o estudo do que viria ser a Análise do Discurso como conhecemos hoje[17]. Trazer esses fatos para o presente material, ainda que introdutoriamente, é uma pretensão em explicar para o(a) leitor(a) como as ideias se dão a partir de contextos, uma vez que, memória, história, interpretação são determinantes para a interpretação e difusão da mensagem. Assim, a linguagem deixa de ser apenas um sistema simbólico para considerar os sentidos, visto que estes estão em permanente movimento[18].

Embora tenha dado continuidade aos estudos de Althusser, Pêcheux refaz, em diversos momentos, as pesquisas em definições dentro da Análise do Discurso, como ideologia, interpelação e rituais nos aparelhos ideológicos. Baseado na tese do filósofo, Pêcheux relaciona áreas como Linguagem, Ideologia e Ciências Humanas com o objetivo de compreender a materialidade histórica da língua. Ao responder o que seria o discurso para Pêcheux, Fairclough (2001) refaz o caminho realizado pelo filósofo, recordando que, com base nos estudos de Althusser, a presença da ideologia de forma autônoma se dá por meio das instituições sociais e relações econômicas.

A ideologia está além dos ideais, pois se constitui por meio da interpelação das pessoas em suas posições de sujeito, embora estas se vejam como livres de qualquer atravessamento. Esses processos acontecem na família e na sociedade, em ambientes como a escola, a Igreja, o grupo de amigos, o já mencionado núcleo familiar e outros que fazem parte da constituição do ser humano enquanto indivíduo e sujeito social. Althusser nomeia essas instituições como *Aparelhos Ideológicos do Estado* (AIEs) cujo objetivo está em perpetuar a ideologia dominante (Passos, 2017).

Para o presente trabalho, podemos lembrar da invisibilidade do povo negro nas suas diferentes formas. Orlandi (2007), quando se refere ao interdiscurso, recorda que somente podemos ter a língua e a história conjugadas pelo efeito ideológico. Ainda seguindo a sua interpretação, a pesquisadora alerta que, no interdiscurso, algo sempre "fala antes", fazendo referência a Pêcheux (2014). Se o discurso é a conjugação da Língua com a História que nos leva a ter uma impressão da realidade, a memória, o domínio do saber e os outros dizeres *já-ditos* são o que sustentarão (fazendo a composição do interdiscurso) do dizer.

Com essa visão, trazemos à cena a própria percepção pecheutiana sobre essa possível estrutura por trás da ideologia presente no discurso (Pêcheux, 2006). Para ele, no íntimo das

[17] A relação entre o maio de 1968 e o estruturalismo. Disponível em: https://bit.ly/3uyCLlh. Acesso em: 8 dez. 2022.
[18] Análise do Discurso. Disponível em: https://bit.ly/3w5LKeD. Acesso em: 8 dez. 2022.

coisas (pessoas, acontecimentos e processos) está o "real", determinando o que pode ser ou não. Sobre esses espaços discursivos (onde a ideologia se concretiza), Pêcheux afirma:

> Nesses espaços discursivos (que mais acima designamos como "logicamente estabilizados") supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes da sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo, tal que este universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços). (Pêcheux, 2006, p. 31).

Retornemos à França de 1968, onde, para entender a AD, é necessário levar em conta que, além do cenário sociopolítico, o enfraquecimento do modelo estruturalista contribuiu para que Pêcheux não configurasse o discurso como teoria, abrangendo – mesmo que de forma crítica – conceitos ligados à psicanálise, ao materialismo histórico e à linguística (Reis, 2018). As reivindicações dos estudantes parisienses naquele ano foram a ruptura para o início de um novo olhar para o mundo.

A partir de então, as Ciências Sociais e a Linguística passaram a questionar a rigidez do estruturalismo filosófico, contestando, também, o Positivismo, que se concentrava no conteúdo (no concreto), não levando em consideração o contexto e/ou cenário. O Estruturalismo se trata de um método de análise das Ciências Humanas e Sociais que ganhou espaço em áreas como Linguística, Psicologia e Antropologia no século XX. Entre seus representantes, estava Loius de Althusser[19]. Para a construção e compreensão deste trabalho, entendemos como necessário ir e vir em contextos e fatos, uma vez que discurso é movimento.

Anteriormente, mencionamos que Althusser nomeia como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) como realidades que apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e organizadas. Logo, voltamos ao fato de que o modo como a sociedade funciona é pré-determinado por algo (Estado). Mais adiante, conferimos como as lutas de classes (a questão racial é uma luta de classe), que atravessam os AIE's abalam essa "ordem", assim como o eurocentrismo foi imposto para os nativos e os africanos na América.

Podemos entender que se trata do AIE de informação, composto por mídias como a imprensa, a rádio, a TV e, nos dias atuais, as mídias sociais (Althusser, 1985). Uma vez que observamos um Aparelho (repressivo) do Estado, damo-nos conta acerca da pluralidade de AIE's. Entendemos, então, que as ideologias possuem materialidade e que estas são quem precisam ser estudadas. Orlandi (2007) convoca-nos a refletir sobre o fato de a ideologia ser

[19] Estruturalismo. Disponível em: https://bit.ly/3Xftnjc. Acesso em: 9 dez. 2022.

inconsciente, pois é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história na sua materialidade. Dessa forma, a ideologia é a consequência da relação do sujeito com a língua e com a história na sua materialidade (Orlandi, 2007a, p. 40).

Consideramos pontuar a respeito da ideologia devido ao fato de que esta pesquisa lida com a inversão de algo que é determinado (a associação do negro ao negativo) e adotado há séculos, assim como anteriormente pontuamos que a ideologia é o efeito da relação com o sujeito. A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas, sim, com ela no mundo, com suas formas de significar, levando em conta a "produção de sentido em suas vidas" (Orlandi, 2015, p. 16).

2.2 O papel da língua na Análise do Discurso

A língua é onde o discurso acontece. Orlandi (2015) alerta que, ainda que a Análise do Discurso aborde Língua e Gramática, ela não deixa de focar no discurso. A Análise do Discurso compreende a Língua fazendo sentido, como trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constituída no indivíduo e sua existência ou seu enredo. Graças às raízes marxistas presentes na Análise do Discurso, podemos entender o papel da história e da memória na produção e na interpretação do discurso. É justamente na interpretação, existente por conta da dialética, essa relação, por conta do estruturalismo, já determinada, pode passar por um deslocamento, gerando novas perspectivas.

Em sua teoria, a Análise do Discurso possui três grandes pilares: o Materialismo Histórico, com Althusser e Marx; a Linguística, com Saussure; e a Psicanálise, com Freud e Lacan – sendo Freud uma influência para o psicanalista francês. Lacan afirmava que o inconsciente se estruturava como linguagem, somada às noções de simbólico, imaginário e real[20]. Esses pilares contribuem para uma área de estudo que lida com a questão da Língua e sua exterioridade e suas inconsistências. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163-164), por sua vez, consideram que:

- O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

[20] Como Lacan renovou a Psicanálise e a aproximou das Ciências Humanas. Disponível em: https://bit.ly/42SSImg. Acesso em: 20 fev. 2023.

- A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Dentro de um contexto de rompimento ideologia e farsa da democracia racial na qual, por muito tempo, enquanto pessoas negras, foi nos instituída, seria a ideologia algo subjetivo? Naturalmente, o racismo no Brasil não é subjetivo: ele é estrutural, causando danos há mais de 500 anos. Para que uma ideologia seja "aplicável", é necessário que haja uma estrutura (no caso, a Língua). São nestes três pilares em que a língua é direcionada enquanto a ideologia é difundida por meio da subjetividade. No entanto, é preciso ter atenção, pois a ideologia é uma "representação" da relação imaginária dos indivíduos em suas condições reais de existência (Althusser, 1985, p. 85). Uma Ideologia (prática ideológica) é naturalizada por meio do discurso, tendo como meio de prática (e difusão) a Língua. Sobre a relação língua-discurso-ideologia, Orlandi (2015) conclui:

> Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2015, p. 17).

Quando dita, toda palavra é submetida a um processo histórico e as circunstâncias nas quais ela é proferida modulam a sua interpretação. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2006), ao retratar a eleição de François Mitterrand para a Presidência da França, em 1981, evidencia não só este acontecimento, mas todo o cenário em volta, o que dimensiona a expressão "on a gagné" (Ganhamos!). A memória, o ambiente, o tom de voz do apresentador na TV, os efeitos… Todos esses fatores tensionam o acontecimento, gerando o efeito real do discurso.

Toda formação discursiva é atravessada pela objetividade material contraditória do interdiscurso, residente no fato de que "algo vem antes", independente daquilo que está em curso. Por sua vez, o interdiscurso é aquilo que caminha "entre" as formações discursivas que, por sua vez, compõem os discursos presentes em uma formação ideológica. O sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui, mas dissimula seu assujeitamento sob a aparência da autonomia (Reis, 2018).

Ao levarmos em conta o fato de que a Língua não é transparente, conseguimos compreender a sua maleabilidade. Assim sendo, reforçamos a contribuição da psicanálise; que

teoriza a não-transparência do sujeito e a linguística; não se constituindo na não-transparência da língua (Orlandi, 2002, p. 65 *apud* Moreira, 2009, p. 35). Essa moldabilidade da Língua se dá devido ao fato de o sujeito ser mutável, assim como suas crenças. Apesar de repetitivo, é sempre necessário pontuarmos acerca da flexibilidade da linguagem que, embora rígida, a Língua é exercida pelo sujeito, sendo este interpelado por constantes mudanças.

> Ao mesmo tempo, é a língua que falha, porque se constitui na ordem simbólica, enquanto, na história, o equívoco como fato do discurso é a falha da língua. Não podemos, assim, na relação com a linguagem, pensar senão em uma determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos (Moreira, 2009, p. 36).

Tendo este trabalho como uma de suas maiores motivações para a questão da representatividade, pretendemos ir a fundo sobre os sentimentos despertados diante daquilo que traz sensação de pertencimento a aquelas que, por muito tempo, não foram totalmente consideradas por meio de uma perspectiva discursiva. Neste caso, referimo-nos às crianças negras. Para se ter uma noção, a boneca *Barbie* foi criada pela empresa americana *Mattel* em 1959. A primeira *Barbie* negra foi lançada em 1980[21]. Neste caso, referimo-nos às crianças negras. A primeira versão da boneca mais famosa do mundo tinha cabelos loiros ou castanhos, tornando-se um fenômeno e construindo um padrão de beleza feminino distante da realidade nos anos seguintes.

Miranda (2023) relata que, ainda na década de 1940, o casal de psicólogos americanos Kenneth e Mamie Clark fez um experimento, que ficou conhecido como “Teste da boneca”. O casal mostrava bonecas de diferentes tons de pele para as crianças e perguntavam quais eram as mais bonitas ou as mais simpáticas. Como resultado, o experimento mostrou que até mesmo crianças negras apontavam as bonecas brancas como as favoritas. O texto de Miranda (2023) ainda apresenta outra curiosidade: Kitty Black Pearkins, designer negra criadora da *Barbie Black* em 1980 (na imagem abaixo) conta que se inspirou na cantora Diana Ross (ícone da beleza negra), criando uma boneca com cabelos crespos, nariz e boca maiores que os da versão branca da boneca. Embora a repercussão tenha sido menor, sem dúvidas, a versão da boneca negra fez com que meninas negras pudessem sair do lugar de coadjuvantes para serem também protagonistas.

[21] Disponível em: http://glo.bo/3SoNNFs Acesso em: 9 dez. 2022.

Figura 1 – Primeira boneca *Barbie* negra

Fonte: Pinterest[22].

Por sua vez, a subjetividade nos permite compreender os efeitos formados a partir do contato e daquilo que o sujeito compreende sobre os efeitos da comunicação que ocorre por intermédio da linguagem via exercício da Língua. Nesse caso, podemos pontuar os efeitos formados a partir do que Maria Júlia Coutinho e Aline Aguiar falam em seus respectivos programas e, também a imagem de ambas, que levam milhares de meninas a pensarem: "igual ao meu cabelo".

Embora utilizasse a Linguística de Saussure e a Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss, Lacan evidencia o significante diante do fato de que ambas linhas possuem o sentido específico. O autor reconhece que não há significante que represente exatamente o sujeito, pois este está sempre deslizando entre significantes[23]. Foi por meio de Lacan que surgiu o **significante** que, embora não haja uma definição propriamente dita, para fim de compreensão do que se trata, classificamos como a intenção ou finalidade existente por detrás do **significado**, representando o conceito, a real definição do que já conhecemos. Para o

[22] Disponível em: https://pin.it/3Ij3YMV. Acesso em: 20 fev. 2023.
[23] A linguagem em Lacan (uma introdução). Disponível em: https://bit.ly/40H9qDh. Acesso em: 20 fev. 2023.

psicanalista, o significante transpassa o significado, sendo que não há um significante que represente totalmente um sujeito. Lacan explica que:

> Quanto à questão da emergência, há um ponto que é essencial apreender: é que o significante como tal é algo que pode ser apagado e que não deixa mais do que seu lugar, isto é, não se pode mais encontrá-lo. Essa propriedade é essencial e faz com que, apesar de podermos falar de emergência, não possamos falar de desenvolvimento. Na realidade, o significante a contém em si. Quero dizer que uma das dimensões fundamentais do significante é poder anular a si mesmo. Existe, quanto a isso, uma possibilidade que, no caso, podemos qualificar como modalidade do próprio significante. Ela se materializa por uma coisa muito simples, que todos nós conhecemos, e cuja originalidade não podemos deixar que seja dissimulada pela trivialidade do uso – é a barra. Qualquer espécie de significante é, por natureza, uma coisa que pode ser barrada (Lacan, 1999, p. 355-356).

É justamente o fato de que não há um significante que representa totalmente um sujeito que nos direciona ao entendimento do fato de que o sujeito a todo o tempo está interpretando, dando sentido a todo o momento porque essa é uma exigência sofrida por ele. Ao surgirem no século XIX, as Ciências Humanas tentaram padronizar disciplinas, como Linguística e Psicanálise. Entretanto, naquele período, a Europa estava vivendo a segunda fase da Revolução Industrial, em um momento no qual as fábricas se multiplicavam no continente, moldando um padrão de sociedade, em que as humanidades se constituíram como um conjunto sistematizado de disciplinas[24].

A tentativa de padronizar o sujeito e o seu discurso até então para interpretá-lo foi baseada no paradigma positivista, gerando conflitos, pois, de acordo com o positivismo, os dados sempre vêm provar o que é apresentado, o que não contempla o inesperado, nem o desvio. Por sua vez, o sujeito não pode ser classificado nem categorizado dado que ele é interpelado ideologicamente (Althusser, 1985) que, entre os significantes, sobressai. É na interpelação, na qual há um esquecimento, que acontece o discurso. Temos essa conclusão em Orlandi (2005, p. 35) que explica que é por meio do esquecimento ideológico, no qual temos a ilusão de sermos a origem daquilo que dizemos quando, na verdade, retomamos aos sentidos pré-existentes.

Ao abordar sobre a forma-sujeito do discurso, Pêcheux (2014) pontua os dois esquecimentos: *esquecimento nº 1*, o sujeito acredita ser a origem do sentido (esquecimento ideológico); e o *esquecimento nº 2*, em que, de fato, ele acredita no que diz. Por meio disso, notamos que há diferença entre o que de fato é aquilo que ele interpreta. A forma que o sujeito vê o mundo trata-se apenas de uma leitura própria daquilo que ele entende, podendo ser uma

[24] Ciências Humanas também são ciência. Disponível em: https://encurtador.com.br/xDJZ4. Acesso em: 18 jun. 2023.

visão única ou, então, um recorte de visões adquiridas (inconscientemente ou não). A esse respeito, Pêcheux (1995) afirma:

> Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente, determinada de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (Pêcheux, 1995, p. 53).

Sobre a interpretação do sujeito, o filósofo vai além:

> E é neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o outro nas sociedades e, na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver uma ligação, uma identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes (Pêcheux, 1995, p. 54).

Percebemos, então, que a subjetividade se trata dos efeitos gerados com o contato ou visão daquilo que é exposto aos nossos olhos. Em *A escrita de si*, de 1984, Foucault define a subjetividade como a forma pela qual o sujeito faz a experiência em si próprio em um jogo da verdade, no qual ele se relaciona com si mesmo (Foucault, 2004, p. 236, adaptado). Esses efeitos causados pela subjetivação se tratam exatamente do significante, pois, conforme o próprio Lacan (1999, p. 355): "O significante representa o sujeito para o outro significante". E, ainda assim, não há um significante que represente totalmente o sujeito justamente pelas modulações que este apresenta ao longo da sua existência.

2.3 Formação discursiva – um convite ao pensamento de Michel Foucault

Voltadas para a relação entre poder e conhecimento, suas teorias mostram como essas conexões são usadas para controle social por meio das instituições, Michael Foucault possuía raízes marxistas em sua formação[25]. Embora sua formação tenha também origem estruturalista, essa ligação se rompe quando o francês desenvolve uma técnica própria, chamando-a de "arqueologia". Sua obra filosófica e literária é dividida em três fases: o *Foucault arqueológico* (anos 1960), o *Foucault genealógico* (anos 1970) e o *último Foucault*

[25] Michel Foucault. Disponível em: https://bit.ly/3w3HcoT. Acesso em: 13 dez. 2022.

(década de 1980)[26]. Em *Arqueologia do Saber* (originalmente publicada em 1969), o filósofo descreve (e critica) a forma como os pensamentos (formação discursiva) são governados por meio de regras:

> Entretanto, talvez fosse descoberta uma unidade discursiva se a buscássemos não na coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e, eventualmente, em sua incompatibilidade. Não buscaríamos mais, então, uma arquitetura de conceitos suficientemente gerais e abstratos para explicar todos os outros e introduzi-los no mesmo edifício dedutivo; tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão (Foucault, 2008, p. 40).

Na obra, Foucault aborda sobre a *descrição dos acontecimentos discursivos*, que se trata dos elementos – ditos ou não – que envolvem o discurso, fazendo composição na qual é formado o significado. Ao se dar conta de que, embora a formação discursiva se trate de um conjunto de enunciados, ela não se resume a objetos linguísticos, como as frases, mas são subordinadas a uma mesma regularidade, Foucault percebe o fato de que o discurso não se refere a uma unidade, mas sim a uma dispersão. Essa conclusão do filósofo rende a seguinte afirmação:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2008, p. 43).

Para nosso trabalho, entender os elementos que compõem o discurso, é fundamental a fim de compreendermos o papel da representatividade e contribuição das mulheres negras nos meios de comunicação em massa[27], como a televisão, visto que é uma ferramenta de promoção da construção da identidade racial de forma positiva[28]. Na foto a seguir, esse fato é constatado, gerando um efeito de sentido positivo, uma vez que, historicamente, o cabelo crespo sempre foi associado a algo ruim e esteticamente menos bonito.

[26] Michel Foucault. Disponível em: https://bit.ly/3w3HcoT. Acesso em: 13 dez. 2022.
[27] Criança que viralizou em vídeo com Maju conta admiração pela apresentadora: “cabelinho igual o meu”. Disponível em: http://glo.bo/3HV4DrS. Acesso em: 21 dez. 2022.
[28] Representatividade: Bonecas pretas são distribuídas em escolas do Rio. Disponível em: https://bit.ly/3FLdk5e. Acesso em: 21 dez. 2022.

Figura 2 – Vídeo de criança se sentindo representada por Maju Coutinho

Fonte: Portal *G1*.

Foucault (2008) descreve que, apesar de não estar em evidência ou ser constantemente falada, uma Língua constitui sempre um sistema para possíveis enunciados. Acima, reafirmamos que os elementos mulher, negra e televisão estabelecem conexão para com as crianças negras, ainda que os produtos televisivos, como no caso dos telejornais, não sejam direcionados para elas. Seguindo o pensamento foucaultiano, é necessário questionarmos tal ordem, pois é a partir dela que a classificamos como *discurso velado*. Sobre a descontinuidade discursiva, Foucault esclarece:

> Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui, essa irredutível – e muito frequentemente minúscula – emergência (Foucault, 2008, p. 31).

O que Foucault quer dizer é que, de fato, os enunciados detêm regras, mas eles possuem "acidentes", gerando uma possível descontinuidade desse percurso. Foucault (2008) reafirma, ainda, que a análise do campo discursivo é orientada de modo diferente, compreendendo o enunciado na sua singularidade; determinando as suas condições de existência; correlacionado com outros enunciados; e, até mesmo, excluindo outras formas de enunciação.

Essa "descontinuidade de percurso" ocorre justamente porque não há uma fronteira que limite o que está dentro e o que está fora do discurso. Isso acontece porque como não se trata de uma estrutura rígida, o discurso se constitui de fragmentos que, sim, podem se perder. Sendo a heterogeneidade constitutiva do discurso, o distinto faz com que Pêcheux questione a

noção da identidade dentro do discurso, já que o interdiscurso se revela flexível. Essa instabilidade acaba sendo revelada por Pêcheux (2006):

> Esta fronteira entre dois espaços é tanto mais difícil de determinar na medida em que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo, e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela. Já nesta região discursiva intermediária as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar: os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas, nos quais se encontram inscritos, os enunciados que sustentam esses objetos e esses acontecimentos (Pêcheux, 2006, p. 53).

A diferença de abordagem de ambos filósofos sobre a formação discursiva se dá pelo fato de que Foucault não considera o conceito de ideologia. Quando Pêcheux inclui o conceito de ideologia na formação discursiva, ele cria a noção de *formação ideológica*, sendo esta conceituada pelas relações de classe, vigentes em uma determinada formação social. Entendemos, então, que o espaço no qual é ambientado o acontecimento discursivo não é fechado, quando Orlandi (2005, p. 42) alerta que "o sentido não existe em si, sendo determinado pelas posições ideológicas, colocadas em um jogo sócio-histórico em que as palavras são produzidas".

Pêcheux entende que a formação discursiva age dentro da formação ideológica, que é um conjunto confuso de representações e atitudes que, embora não sejam universais, referem-se a posições de classe em confronto umas em relação às outras. "A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito" (Orlandi, 2005, p. 43).

Apesar de mais limitada quando comparada com a noção discursiva de Foucault, ao trabalhar com processos de identificação e assujeitamento (noções originadas por meio de Althusser), Pêcheux estabelece a identificação do indivíduo interpelado em sujeito para que ele se torne um sujeito do discurso. Vale lembrar que nas articulações de mais de uma formação discursiva pode ocorrer uma contraidentificação, não sendo esse processo em etapas separadas e sujeito a contestação. Dada a explicação, concluímos que nem sempre uma narrativa de viés racial tem o efeito da representatividade. Uma vez que esta pesquisa trabalha sob a pauta identitária, sendo esta não determinada, de antemão, reconhecemos que não existe um processo de identificação exato.

2.4 O interdiscurso e o seu papel na Análise do Discurso

Para entendermos o que é o interdiscurso e como funciona sua atuação, inicialmente, precisamos ter de forma clara e prática a sua definição, apesar do fato de que nos debruçamos sobre o conceito ao longo dos próximos parágrafos.

A palavra interdiscurso é a junção das palavras *inter* – do latim 'entre' – e *discurso* – que, embora possua vários significados, para a nossa pesquisa, definimos como 'comunicação oral' ou 'enunciado', embora já tenhamos pontuado que o discurso possui um percurso. Logo, com essa introdução, conseguimos entender o que Orlandi (2005) quer dizer quando afirma que a memória faz parte do discurso, assim como a forma na qual ela "aciona" as condições do discurso se fazendo valer.

O interdiscurso ativa a memória adormecida presente no discurso. Podemos defini-lo como a constituição do discurso já-existente (Maingueneau, 2015) e com isso, apropriamos essas ideias pré-existentes, empregando-as em novas formas de texto. Pêcheux (2014, p. 197) afirma que toda prática discursiva está inscrita no complexo-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, que definem a instância ideológica na conjuntura histórica apresentada. Ele explica que, por meio dos efeitos como o pré-constituído, essas formações mantêm entre si uma relação de, em suas palavras, determinação dissimétrica, sendo um local de "reconfiguração".

Para chegarmos ao entendimento sobre a atuação do interdiscurso, conceituamos a noção de memória discursiva segundo Orlandi (2005) e Indursky (2011). Justificando a nossa afirmação anterior de que o interdiscurso "ativa" a memória adormecida, Orlandi (2005) salienta que, diante do fato do interdiscurso ser definido como "aquilo que fala antes" faz com que na memória discursiva, o saber discursivo torna possível todo o dizer, retornando sob a forma algo pré-constituído uma vez que, na base do dizível, o já-dito sustenta cada palavra.

Ao interpretarmos Indursky (2011) notamos que, embora tenhamos noções como *repetição*, *pré-constituído* e o próprio *interdiscurso* dentro da Análise do Discurso remetendo à noção de memória, ela mesma nos atenta sobre o fato de que a reflexão acerca do sentido se inicia a partir das *relações de parafrasagem*. Assim, diferentes enunciados são mantidos no interdiscurso de uma matriz de sentido.

Essa mesma matriz se organiza no campo de uma Formação Discursiva (FD). Entretanto, ao destacar o fato de que, se a matriz dos sentidos se institui por meio do *processo de repetitividade*, ela também coloca os limites dessa repetição, pois a matriz de sentido estabelece o que pode e deve ser dito no interior de uma formação discursiva. Ou seja, há

sentidos que não podem ser produzidos em uma FD. Trata-se de um entendimento importante para a construção da nossa pesquisa, pois nos mostra que há uma delimitação no que tange as formas-sujeito na esfera de uma FD ao decifrarmos que a memória não diz respeito a todos os sentidos, mas, sim, aos sentidos autorizados.

O interdiscurso funciona como um depósito no qual é permitido o apagamento (esquecimento) de elementos que fazem uma Formação Discursiva (FD). Embora guardado, esse recurso pode até ser esquecido, mas permanece à disposição. Entretanto, é necessário atenção, pois essa referência não está restrita ao próprio texto, mas um trabalho sobre outros discursos[29]. Seguindo o pensamento de Fanon (1998), de que "falar é existir", o discurso é o efeito gerado pela ação da linguagem, por meio da Língua. Em nossa pesquisa, a concepção de discurso adotada se dá conforme os efeitos de representatividade que atravessam as meninas negras, elevando-as a uma condição de sujeito, ainda que sob a intervenção de um responsável.

De acordo com Leão Brasil (2011), a noção de discurso não se configura em um consenso entre pesquisadores diante das diferenças de campos de estudo em que ele circula. Para Fairclough (2001), o discurso é uma prática na qual está a significação de mundo por meio da representação. Na perspectiva do linguista, o discurso é entendido como uma prática social conforme o uso da linguagem[30]. O discurso é a história na Língua (Brasil, 2011). O interdiscurso está intricado na formação ideológica, sendo que Pêcheux (2014) o classifica como o encadeamento do pré-constituído e o efeito da articulação, que também constroem o interdiscurso. Assim,

> o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intricado nesse complexo) e fornece "a cada sujeito" sua "realidade", enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas- experimentadas (Pêcheux, 2014, p. 149).

Ainda explorando *Semântica e Discurso*, a abordar a relação entre o *já-dito* e a articulação, Pêcheux (2014) nos direciona à compreensão do conceito de já-dito, pois, tratando-se da construção de identidade de pessoas negras em uma sociedade como a brasileira (condições de produção de sentido), alguns valores são adotados por meio da

[29] POSSETTI, Silvio. Observações sobre o interdiscurso. *In*: ENCONTRO DO CELSUL, 5., Curitiba-PR, 2003, **Anais** [...]. p. 140-148. Disponível em: https://bit.ly/3WO5Wgw. Acesso em: 27 dez. 2022.

[30] Contribuição da análise crítica do discurso em Norman Fairclough para além de seu uso como método: novo olhar sobre as organizações. Disponível em: https://bit.ly/3khVi3s. Acesso em: 27 dez. 2022.

atribuição dada pelo Outro. Posteriormente, ao retratarmos a perspectiva decolonial, pontuamos essa observação onde procuramos abordar a questão acerca das características direcionadas ao sujeito negro pelo sujeito branco por meio de sua própria percepção. No livro, o filósofo descreve que o caráter da forma-sujeito (sujeito do discurso tende a absorver/esquecer) o interdiscurso, sendo que este aparece como "já-dito".

Com base em Althusser, Pêcheux caracteriza esse *déjà-vú* como um reconhecimento mútuo entre sujeitos e o sujeito, por si mesmo. Mais adiante, ele conclui que é justamente nesse reconhecimento de cada sujeito por si mesmo que ele esquece do verdadeiro lugar que ocupa (Pêcheux, 2014, p. 158), o que explica o **assujeitamento ideológico**. Pêcheux (2014) explica que, ainda que possua enredamentos, as formações discursivas correspondentes ao complexo com dominante do Aparelho Ideológico do Estado (AIE) possui relações específicas de contradição-desigualdade-subordinação, constituindo "linhas de demarcação". Ainda que essas linhas possuam equívocos em suas formulações, essas nascidas em meio a uma ideologia dominante, apresentam algum equívoco. Ou seja, há uma estrutura pré-constituída, porém com algum grau de autonomia. Interpretamos, neste equívoco, por sua vez, a possibilidade de ocorrer diferentes modos de subjetivação.

Sobre o assujeitamento, aproveitamos para apresentar a abordagem de Zandwais (2003) acerca dos modos de subjetivação. Para a pesquisadora, ao revelar a preocupação em solidificar que os dispositivos políticos devem ser alimentados pela epistemologia e por práticas políticas de forma conjunta, Pêcheux (2014) aborda as relações entre a forma-sujeito e as modalidades da subjetivação para além dos conceitos prontos ao dedicar uma parte de *Semântica e Discurso* sobre a atuação da forma-sujeito do discurso na apropriação dos conhecimentos científicos e da política do proletariado. Na prática, isso representaria a abordagem entre a forma-sujeito e as modalidades da subjetivação para além dos conceitos marxistas que deram origem às raízes estruturalistas presentes na Análise do Discurso Materialista.

> Sabemos que toda prática discursiva está, sobretudo, inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas. Essas formações discursivas mantêm entre si relações de determinadas dissimétricas (pelos efeitos de "pré-constituído" e "efeitos-transversos" ou de "articulação" expostos mais acima), de modo que elas são o lugar de um trabalho de reconfiguração que constitui, segundo o caso, um trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição ou um trabalho politicamente e/ou cientificamente produtivo (Pêcheux, 2014, p. 197).

Citando Fontana (2018), Pereira e Modesto (2020) lembram que os processos de constituição dos sujeitos e dos sentidos se inscrevem estruturados pela contradição, o que complementa a frase anterior. Pois, "se os indivíduos são interpelados em ideologia, é neste momento que as identificações de gênero se dão" (Pereira; Modesto, 2020, p. 278). Ao dimencionarem a respeito da noção mais básica de interpelação enquanto chamamento, Pereira e Modesto retomam o pensamento de Fanon (1998) mostrando que o terceiro olhar sobre o negro é decisivo, fazendo com que os sujeitos negros se reconheçam nesse lugar de negros (Pereira; Modesto, 2020).

Ao evidenciar alguns efeitos de sentido detectados por Pêcheux na Análise do Discurso, Mutti (2003) mostra como Michel Pêcheux propõe a desfação da rigidez presente na AD (originada pelo Estruturalismo, conforme apresentado anteriormente) por meio de *Análise do discurso: três épocas* (1983). No texto, além de apresentar as AD's 1, 2 e 3 propostas por Pêcheux, Mutti propõe o que classificamos como "flexibilização da análise", permitindo-nos uma forma de analisar que possibilita ver as falhas na Língua e nos equívocos do sujeito, lidando com a complexidade de apresentar "o encontro entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões" (Pêcheux, 1983 *apud* Mutti, 2003, p. 2).

A presente pesquisa se propõe a estudar os efeitos de sentido em indivíduos negros de acordo com uma corrente teórica averiguada por pessoas e contextos (condições de produção) nas quais negritude nunca foi uma questão. Embora estejamos cientes de que seguir uma teoria é reconhecer o que já está posto, podemos, sim, propor uma variação se tratando de processos de pesquisa. Em nosso trabalho, fazemos isso ao intercalarmos AD com as questões raciais. Logo, enxergamos que raça e gênero são fundamentais para o funcionamento dos sujeitos e sentidos. E, assim como Pereira e Modesto (2020), enfatizamos que "não há sujeito que se constitua historicamente sem a marca singular de gênero e raça" (Pereira; Modesto, 2020, p. 278).

Conforme mencionamos, Pêcheux segue um caminho diferente de seus antecessores sobre a Análise do Discurso (AD), pois é no discurso que está o protagonismo do indivíduo enquanto sujeito no mundo. Ainda segundo Mutti (2003), quando Pêcheux desconstrói os métodos de análise na AD1 levando a formulação na AD2, ele passa a considerar o sujeito como dispersão. Na prática, isso significa que o sujeito é concebido como a função que pode desempenhar diferentes práticas dependendo da posição na qual se encontra.

Aqui, entra o conceito do interdiscurso e a noção foucaultiana do sujeito como dispersão. Com isso, conseguimos ter uma amplitude na visualização das relações "entre" as Formações Discursivas (FD's), proporcionando a manutenção do conceito de Formação

Discursiva em nome da regularidade do sentido. Por outro lado, o sujeito não tem essa dimensão acerca da sua noção de discurso, sendo ainda afetado por tal efeito, não havendo, também, uma dimensão exata. Maldidier (2003), ao diagnosticar a intenção de Pêcheux, conclui:

> O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento (Maldidier, 2003, p. 15-16).

Entendemos assim que, dentro do discurso estão a tríade *Língua, sujeito e história*, sendo este uma materialidade da Língua em consonância com a História. Na Análise do Discurso (AD), não existe uma linearidade, sendo justamente esse fato a ser tratado na terceira fase da Análise do Discurso, quando é questionada a heterogeneidade na AD. Nessa fase, fica mais evidente que o sujeito vai além da posição ou da função, sendo pleiteado pelo consciente e também pelo inconsciente, não havendo possibilidade de dimensionar suas falas.

Pêcheux reconhece que falta uma explicação detalhada na articulação entre ideologia e inconsciente, mas diz que ambas têm importância máxima na questão ideológica e do marxismo presente nos estudos de Althusser. Mutti (2003) afirma que esse questionamento amplia a nossa capacidade, enquanto discursivistas, de análise na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que não nos distanciamos do que, de fato, consiste a Análise do Discurso.

> O processo de análise discursiva, aponta Pêcheux, deve ocorrer ‘em espiral’, combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/escritas),de construções de questões, de estruturações de redes de memórias e de produções da escrita. Chama a atenção para a análise do gesto de interpretação como efeito capaz de fazer intervenção no processo, bem como para a questão representada na emergência do sujeito-leitor (Pêcheux, 1983 *apud* Mutti, 2003, p. 2).

Esses “cruzamentos” propostos por Pêcheux são fundamentais ao voltarmos o olhar ao indivíduo brasileiro (para o presente material: a identidade de meninas negras). É preciso levar em conta o discurso nesta sociedade, atravessando a interpretação para chegar à real compreensão do mesmo, à produção de sentidos e seus possíveis efeitos. Para diferenciarmos compreensão e interpretação, recorremos a Orlandi (2007), que chama de *compreensão* o modo como são produzidos os sentidos no discurso. Sobre interpretação, a pesquisadora explica que ela está presente em qualquer manifestação de linguagem, não havendo sentido sem sua presença.

> Para interpretar, o fazemos de nossa posição sujeito, determinados pela ideologia, nos reconhecemos nos sentidos que interpretamos. Mas para compreender é preciso teorizar. É preciso não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer. É aceitar que a linguagem não é propriedade privada. É social, é histórica. Não é transparente (Barreto, 2007, p. 3).

Sobre esse processo de identificação, Fontana (2018) alerta que a questão da identificação de gênero apresenta um espaço proveitoso de reflexão acerca da contradição constitutiva dos processos de produção de sentido e sujeito. Essas identificações reforçam o imaginário social, ao mesmo tempo em que estouram como acontecimento, promovendo deslocamento de sentidos e emergindo novas modalidades de subjetivação (Fontana, 2018, p. 64). Trazendo essa perspectiva para a questão racial, como contrapartida, Pereira e Modesto (2020) retratam os efeitos da racialização na questão da interpelação ideológica. Com a afirmação de Fontana (2018) de que os processos de constituição dos sujeitos se estruturam de forma contraditória, Pereira e Modesto (2020) concluem que:

> Em outras palavras, não há sujeito que se constitua historicamente sem a marca singular de gênero e raça. É possível dizer, então, que as identificações de gênero e raça se estabelecem a partir de dois lugares: o primeiro seria a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, o assujeitamento, e o segundo, simultâneo ao primeiro, seriam as formas de individualização do sujeito pelas demandas que o faz se significar de posições gendradas e racializadas. Diante disso, destacamos o segundo como responsável pela interdição histórica dos lugares de enunciação (Pereira; Modesto, 2020, p. 278-279).

2.5 O interdiscurso por Maingueneau – o discurso para além das palavras

Embora muitos discursivistas associem o discurso ao uso da Língua, esse não está restrito apenas a tal. Desse modo, dedicamos um tópico em nossa pesquisa a Dominique Maingueneau diante do ponto de partida de sua abordagem na Análise do Discurso, voltada para indivisibilidade do texto e do quadro social da sua produção e circulação. Ao citar B. Paltridge, Maingueneau (2015) afirma que o discurso ultrapassa a palavra, o grupo de palavras e a frase. Assim, a organização delas é determinante para que a comunicação tenha um bom êxito. De acordo com o pesquisador, a própria concepção de discurso denuncia sua instabilidade, de forma que cabe a sua circunstância determinar a maneira na qual é empregada:

- como *substantivo não contável*, graças a sua derivação ou origem em nossas próprias crenças;

- ou, então, enquanto *substantivo contável*, referindo-se a acontecimentos da fala (o discurso dentro de determinado contexto) ou conjuntos textuais (discursos publicitários, por exemplo).

Com essa multifacilidade, ao mesmo tempo que o discurso pode se referir a um objeto, ele transcende ao ato de comunicar, favorecendo a funcionalidade dos textos. Para que o discurso cumpra a sua finalidade, é necessário que haja sintonia entre palavras, cenário, contexto, meio de produção, além de sujeito falante e ouvinte (referimo-nos, dessa forma, para retomar a troca entre telespectador e comunicador, eixo central deste trabalho). Nessa sintonia, por sua vez, está a atuação do interdiscurso, que não é concreto, mas é e está nítido na mensagem. O interdiscurso não é facilmente identificável, uma vez que pressupõe uma imensa gama de enunciados sociais e históricos, exteriores ao sujeito e a ele anteriores[31].

> O discurso só adquire sentido no interior de um imenso *interdiscurso.* Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. O simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, um jornal televisivo...) implica que o relacionamos com os outros textos do mesmo gênero; a menor intervenção política só pode ser compreendida se ignorarem os discursos anteriores e os enunciados que então circulam nas mídias (Maingueneau, 2015, p. 28).

O que diferencia a abordagem de Dominique Maingueneau na Análise do Discurso e, de modo mais específico, no interdiscurso é a sua funcionalidade, o que é fundamental para a nossa pesquisa, pois é também um anseio nosso explicitar como o discurso atua no cotidiano. Dentro do interdiscurso, Maingueneau faz uma divisão do mesmo em três categorias (Possenti, 2003):

- **Universo discursivo**: Maingueneau entende que os conjuntos discursivos de todos os tipos que interagem em uma combinação de acontecimentos dados. Essa é a versão equivalente do interdiscurso proposto por Pêcheux.
- **Campo discursivo**: aqui, o professor compreende que um conjunto de formações discursivas em concorrência se demarcam de forma correspondente em uma certa região do universo discursivo. Não se tratam de delimitações óbvias, sendo uma abstração que nos permite ter trocas múltiplas.

[31] HEINE, Palmira. Reflexões sobre o interdiscurso. **Revista Intersecções**, v. 3, n. 3, 2010. Disponível em: https://bit.ly/3jonRf4. Acesso em: 28 dez. 2022.

- **Espaço discursivo**: trata-se dos subconjuntos das formações discursivas, cuja relação o analista julga pertinente para o seu propósito. Na prática, refere-se a uma delimitação para a realização da pesquisa, a fim de compreendermos as relações hierárquicas (relevantes) entre os discursos praticados por falantes e as formações discursivas que lhe deram possibilidades em um mesmo campo.

Dessa forma, referimo-nos ao trabalho em delimitar um espaço discursivo, no qual os enunciados referentes às formações discursivas (FD's) estão em relação ao objeto da análise. Logo, em um campo de análise em que esse mesmo objeto é disputado por diferentes FD's, a partir de um conjunto de formações de múltiplos temas que se conectam na conjuntura situada do objeto analisado[32]. Porém, essa relação é marcada de forma superficial, sendo necessário que haja um processo de simplificação (análise semântica) da mesma. Sobre essa falta de delimitação na formação discursiva e sua heterogeneidade, com base em Courtine e Marandin, em *Novas tendências em Análise do Discurso* (1997), Maingueneau afirma:

> O fechamento de uma formação discursiva é fundamentalmente instável, não se constituindo em um limite que, por ser traçado de modo definitivo, separa um interior e um exterior, mas inscrevendo-se entre diversas formações discursivas, como uma fronteira que se desloca em função de embates de luta ideológica (Maingueneau, 2015, p. 112).

Ao questionar a relação entre a formação discursiva e o interdiscurso, o pesquisador vai além, afirmando que, sobre uma ligação com o interdiscurso, é preciso que uma formação discursiva seja definida segundo seu interdiscurso e não o seu inverso (Maingueneau, 2015, p. 113). Sobre o processo permanente de reconfiguração do interdiscurso, o autor explica:

> O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-constituído, produzidos fora dela, com elas provocando sua redefinição e redirecionamentos, suscitando igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a degeneração de determinados elementos (Maingueneau, 2015, p. 113).

Um aspecto nos estudos de Maingueneau que nos interessa é o fato dele destacar a dualidade presente na instância de subjetividade no interdiscurso: ao mesmo tempo em que ela chancela o sujeito como sujeito do discurso, ela o assujeita. Maingueneau assume que há o *outro* do discurso, embora ele não seja detectável no espaço discursivo. Ainda que sob uma

[32] O interdiscurso – Dominique Maingueneau. Disponível em: https://bit.ly/3OuhPGK Acesso em: 30 jul. 2023.

forma descentrada, esse *outro* dentro de um espaço discursivo (que equivale ao interdiscurso de Pêcheux).

Logo, entendemos que não há como assegurar que o sujeito seja filiado a apenas uma FD, pois ele sequer é fechado em si e não possui autonomia. Não há como assegurar que todos os caminhos de uma interpretação (gesto de leitura) específica assegurarão o sentido desse discurso. Sobre as constantes mutações, Maingueneau esclarece (2015, p. 115): "De forma mais geral, toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva, construída de formulações que se repetem, recusam e transformam outras formulações. 'Memória' não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história".

Ainda que não-identificável, mas sim um espaço incerto entre dois maciços, enquanto discursivistas, não podemos reduzir o discurso ao linguístico. Para isso, devemos recorrer à contribuição da Filosofia, cuja definição é classificada como a área de conhecimento que questiona o próprio[33]. São esses questionamentos em que os dilemas sobre o indivíduo são evidenciados. Uma vez que linguagem e discurso são movimento, enquanto disciplina criadora de conceitos, a Filosofia tem como missão permanecer em atuação, sendo o alicerce da AD (parte dos precursores da Análise do Discurso são filósofos).

2.6 As alegorias do discurso – Interpretando o que está no não-dito

2.6.1 Uma introdução sobre a relação entre Linguagens, sentido e o "ser negro"

Para esta pesquisa, a nossa pretensão está em trazer os efeitos de construção de identidade por meio da imagem e presença das apresentadoras Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho. Além do dito e do visual, é preciso entender o subjetivo, as intenções por trás do que está visível. Afinal, são duas mulheres negras dentro de um espaço de enorme visibilidade, diante de milhões de pessoas. Esse ambiente, de protagonismo e prestígio, cria a expectativa do lugar de referência para quem assiste, seja o público-alvo do noticiário, ou não, como é o caso das meninas negras – pois, conforme Orlandi (2007), para compreender a linguagem, é preciso entender o silêncio.

Em *Interpretação: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico* (2007a), Orlandi nos convida à constatação do quão fundamental é o silêncio (uma vez que não há sentido sem ele). Sendo esse um fato que leva a linguagem a tentar domá-lo. Em *As formas do silêncio*

[33] O que é filosofia. Disponível em: https://bit.ly/3w3vM4P. Acesso em: 14 jan. 2023.

(2011), ela aprofunda nos estudos sobre ele, guiando rumo ao entendimento de que, entre outras coisas, das variações presentes sobre o silêncio, como o silenciamento, a censura e o "colocar em silêncio". Logo, há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão acerca do não-dito absolutamente distinta que se tem estudado sobre a rubrica do "implícito" (Orlandi, 2011). Nesse ponto, em referência a Ducrot, ela reconhece que esse mesmo implícito esconde outra significação.

Fazemos essas junções dessas obras de Orlandi diante do dimensionamento que a pesquisadora oferece sobre a questão do efeito, que se trata de um "despertar". Essa é uma interpretação necessária em nossa pesquisa. O efeito de representação no qual estamos trabalhando não é o silenciamento do negro enquanto sujeito (embora esse também faça parte), nem censura, mas, sim, uma determinada circunstância é despertarda. Orlandi explica com exatidão sobre o que é o silêncio (2011, p. 13): "O silêncio é assim a 'respiração' (o fôlego) da significação, um lugar de recuo necessário para que possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite o movimento do sujeito."

Compreender a constituição de discurso e as suas condições de produção nos leva ao entendimento dos efeitos de sentido formulados na produção do discurso. Para o presente material, percebemos que, apesar de a população negra represente 56% da população, ver mulheres negras exercendo profissões de destaque e com voz, ainda causa impacto[34]. Ter a pele negra é estar em permanente adaptação, criando versões do sujeito que se moldam dentro do limitado timbre de voz que lhe é concedido, afinal, quando mulheres negras se posicionam são tratadas como raivosas. O silenciamento delas é feito em forma da constante imposição de limitações, elas são fadadas ao mínimo. A presença delas contempla mulheres que nunca tiveram o devido reconhecimento pela história. Sobre o "privilégio da sensibilidade", Souza (2021) comenta:

> O "privilégio da sensibilidade", que se materializa na musicalidade e ritimicidade do negro, a singular resistência física e a extraordinária potência e desempenho sexuais são atributos que revelam um falso reconhecimento de uma suposta superioridade negra. Todos esses "dons" estão associados à "irracionalidade" e ao "primitivismo" do negro, em oposição à racionalidade e ao "refinamento" do branco. Quando se fala na emocionalidade do negro é quase sempre para lhe contrapor a capacidade de raciocínio do branco (Souza, 2021, p. 61).

[34] Mulheres negras estão cansadas de serem silenciadas. Disponível em: https://bit.ly/3QLpGQ6. Acesso em: 29 ago. 2022.

Graças às formações imaginárias, como pontua Orlandi (2009), buscamos as projeções dos lugares sociais. Elas podem ser definidas como as instâncias nas quais estão profissionais como médicos, professores, engenheiros e, para esta pesquisa, os jornalistas, uma vez que eles exercem alguma autoridade nos locais onde atuam, sendo referência em seus ofícios. As condições de produção são determinantes na concepção das formações imaginárias, assim como ocorre nas formações ideológicas, em que as atitudes e representações se relacionam em uma conjuntura dada.

> Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166).

Por conta do conhecimento e da relação de confiança e credibilidade que possuem no meio do qual pertencem (o jornalista possui uma relação de confiança com quem o lê/assiste/ouve), esses grupos tornam-se referência, pois detém conhecimento. No caso do jornalista, a informação. Orlandi (2009) afirma que ter conhecimento é uma forma de ter poder, por isso a necessidade do indivíduo em explicar tudo o que existe. Uma das atribuições do jornalista é mediar e explicar a informação. Ao descrever a finalidade da linguagem, Orlandi (2009, p. 7) afirma: "Ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que lhe é parte necessária de seu mundo e de sua convivência com outros seres humanos."

Então, esse percurso nos leva à compreensão de que essas instâncias se constituem por meio da relação de forças, embora não sejam únicas e atemporais. Ao pensarmos nessas ligações, somadas ao sentido e à antecipação, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira na qual a formação social está presente na História (Orlandi, 2005, p. 41). Em artigo, ao mapearem a atuação de jornalistas negros em Minas Gerais, Cruz e Lopes (2019) refletiram sobre o efeito da palavra "negro" ao adjetivarem palavras como imprensa, jornalismo e jornalista e as suas implicações.

Ambas as jornalistas relatam que este sequer é um tema citado, diante da ausência de dados estatísticos que retratam a representação na profissão, classificando isso como um

dilema[35]. Afinal, na sociedade atual, associar o "jornalista" a "ser negro", ainda é um processo em percurso. Ambas reconhecem a prática jornalística como falar sobre o mundo, sendo esta mais ou menos complexa diante das vozes que a compõem.

> O jornalismo nasce da pulsão de falar o mundo; falar o outro, falar ao outro; da atração pela diferença, pela novidade, pelo distante; do enraizamento no mesmo, no próximo e em si que marcam a palavra humana desde sempre. Em síntese, o jornalismo faz parte do dizer social (França, 1998 *apud* Cruz; Lopes, 2019, p. 25).

2.6.2 O que é o sentido: entendendo o conceito e como, em narrativas negras, ele se encontra

Conforme Maurício Eugênio Maliska, pesquisador da UFSC, o sentido é o efeito da mensagem, onde temos seus efeitos, ocupando o espaço do dizer[36]. O sentido não é palpável; concreto, pois ele não é decifrável. Pêcheux (2006) reconhece que podem existir vários "reais", sendo esses diferentes do que podem ser evocados. Esse "real" possui um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, mas, sim, produz efeitos. Orlandi (2007) reconhece que o dizer é aberto, pois o sentido está sempre em curso. A linguista ainda assume que a relação do homem com o pensamento não é direta, havendo as suas mediações, assim como há entre o mundo e a linguagem. Por isso, a necessidade do discurso "é pelo discurso que melhor se compreende a relação linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação" (Orlandi, 2007, p. 12).

Portanto, pondemramos que os efeitos do sentido não estão nos interlocutores ou na Língua, que é o elemento concreto, meio do qual o discurso é verbalizado, constitui-se na relação entre interlocutores, frente às condições sociais de produção do enunciado, como mostra Pêcheux (2014). Outro ponto a ser considerado além das condições sociais são as modalidades de preenchimento, também apontadas por Pêcheux (2014), que se tratam daquilo que está imbuído em um enunciado. Ao interpretarmos o pensamento do filósofo no capítulo intitulado como Sujeito, centro e sentido, entendemos o que está por trás do mito (que, no contexto da presente pesquisa explica, por exemplo, o mito de que, inconscientemente, não fazemos associação do jornalista com o "ser negro", como afirmaram Cruz e Lopes (2019) anteriormente, que é uma especialização entre a neutralidade e a indiferença.

---

[35] Na época da publicação do livro, de fato, ainda não havia uma pesquisa para tal. No entanto, em 2021, um levantamento realizado por *Jornalistas & Cia*, *Portal dos Jornalistas*, *Instituto Corda* e *I'Max* mapeou o perfil racial da imprensa brasileira. Disponível em: https://bit.ly/42o3XU4 Acesso em: 1 ago. 2023.

[36] Algumas considerações a respeito dos efeitos de sentido na análise do discurso e na psicanálise. Disponível em: https://bit.ly/3IYYE5A. Acesso em: 21 set. 2022.

Ainda que o mito seja algo inexato e impreciso, não tendo a sua dimensão concreta, nós o tratamos como uma verdade absoluta, uma vez que sequer o questionamos. Mas, em toda essa despretensão, há uma finalidade/intenção, que consiste em manter o *acobertamento ideológico*. Essa "falsa lógica", que fazemos ao não questionarmos o mito (se é verdade, está tão óbvio que não cabe interrogações) é apenas a forma como a ideologia age, perpetuando o domínio de pensamento, visto que recorremos ao que está pré-construído e aos já-ditos.

Neste estudo, damo-nos conta a respeito dos efeitos do sentido quando as meninas negras criam a identificação com Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho ainda que os telejornais apresentados por ambas não sejam direcionados para elas, conforme observamos nos capítulos posteriores.

A Análise do Discurso (em especial, a pecheutiana) trabalha a identificação, porém, de maneira não óbvia. O que Michel Pêcheux faz é trilhar um caminho que nos direciona a identificação, passando antes pela articulação entre a interpelação ideológica, de Althusser, e a questão do sujeito do inconsciente, proposto por Lacan. Em *Semântica e Discurso* (2014, p. 143), Pêcheux explica que não se trata de evocar o "papel da linguagem", mas reconhecer a existência da contradição gerada pela incerteza em saber do que se trata o signo (que designa algo para alguém) ou o significado (daquilo que representa algo para outro significante), embora, para o filósofo, o significante surge diante do fato de que é "nele que está a questão do sujeito como processo (de representação) interior ao não sujeito constituído pela rede de significantes" (Pêcheux, 2014, p. 143). É desse modo que o sujeito resulta dessa rede como causa de si. E é aí que acontece a contradição (produzir como resultado *uma causa de si*) e seu motor em relação ao processo significante na relação interpelação-identificação, configurando realmente como um processo, pois os objetos vão se desdobrando e se dividindo.

Em *O Discurso: Estrutura ou acontecimento* (2006), ao supor sobre a independência do objeto em face de qualquer discurso sobre ele, Pêcheux explica que, no interior do que física, está "o real", o qual determina o que se pode ou não ser. Com isso, não descobrimos o real, mas nos deparamos com ele. Ao interpretarmos essa parte do livro, o que podemos entender é que Pêcheux destrincha meios para obter resultados do que ele chama de "gestão social dos indivíduos", pela identificação, classificação ou comparação. No entanto, abrindo mão de achismos e crenças, ele faz da maneira mais técnica possível, considerando a esgotabilidade da natureza, como o próprio afirma. Ao percorrer esse caminho de interpretação, ele chega à questão do espaço discursivo.

> Nesses espaços discursivos (que mais acima designamos como "logicamente estabilizados") supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes da sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços) (Pêcheux, 2006, p. 31).

Pêcheux (2006) afirma que o sujeito pragmático (nós) tem necessidade diante de suas próprias aflições. Com isso, compreendemos a real dimensão do quão importante é, para o indivíduo negro, ser retratado, de forma não terceirizada nos meios de comunicação e demais espaços de poder. Ao abordar essa temática, faz uso do termo homogeneidade, mas, para a presente dissertação, entendemos que *pertencimento* é a palavra mais adequada. Sobre essa necessidade, reconhece:

> De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículos de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um "mundo semanticamente" normal, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com o seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento) (Pêcheux, 2006, p. 34).

O corpo é aquilo que media o *eu* e o *outro* por meio das interações (Ferreira; Paravidini, 2019). Ao dimensionarmos sobre o significado de um corpo, enxergamos de forma mais profunda quais são as representações direcionadas a esse mesmo corpo na sociedade. Na prática, isso expande as implicações que envolvem o processo de atribuir identidades étnicas a um grupo social (como as pessoas negras em nossa pesquisa), a racialização. Quando avaliamos, entendemos que vai para além da tonalidade da cor da pele, pois se tratando de sociedade brasileira, implica posição e meios para mobilizar-se socialmente. Ter o corpo negro, para o sujeito negro, já é um aviso de que, na linha de partida, ele está um pouco mais atrás do que seus oponentes.

Nogueira (1998) explica que os atributos físicos que caracterizam o negro e, de modo particular, o tom da pele (assim como os traços negroides), expressam a representação de que ao longo da História associam a essas características físicas atributos morais ou intelectuais que vão corresponder a aquilo que se instaura na dimensão do distante (afastamento) e ao próximo (adesão). Logo, a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância do indesejável, do inaceitável, enquanto o corpo branco é tido como o parâmetro da autoaceitação dos indivíduos.

O processo de produção de sentidos, do qual vem a sensação de pertencimento, é permanentemente contraditório. Uma vez que ele reforça o social, promove o deslocamento

dos sentidos, gerando formas diferentes de subjetivação. Com isso, os processos discursivos criam novas modalidades de identificação, explicando o porquê o indivíduo se sente tão "contemplado" com determinadas histórias, estilos, aparência e outros de terceiros. Fontana (2018) afirma que a articulação entre identificações de gênero e outras identificações nos processos de subjetivação, tratando-se de sujeitos historicamente silenciados ou interpelados, promovem esse deslocamento dos sentidos. Tomados por esse processo de subjetivação gera, ao mesmo tempo, um saber modo de falar de si.

> Assim como a língua não é um ritual sem falhas (como nos lembra Pêcheux), a ideologia também não o é, tampouco o corpo. Se os equívocos historicizados, podemos nos arriscar a dizer que o corpo seria o lugar da simbolização onde se marcariam os sintomas sociais e culturais desses equívocos. (Ferreira, 2013 *apud* Fontana, 2018, p. 65).

Sobre o que há por trás da mitificação do corpo negro, Souza (2021) explica que não se trata de uma fala qualquer, mas objetiva, que encobre o real, produzindo o ilusório que, ao negar a história, transforma-a em natureza. A psicanalista vai além e afirma que o "mito é um efeito social que se pode entender como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas" (Souza, 2021, p. 54). Refletir acerca do mito nos leva ao entendimento sobre a origem da naturalização dos estereótipos, pois, antes de pensarmos sobre a questão do corpo do sujeito negro, precisamos entender o que corrobora essa interpretação. Ao longo de *Tornar-se negro*, Souza (2021) compartilha histórias de pessoas negras que lidam com essas interpretações ao longo da vida. Sobre a formação do mito negro, a psicanalista decifra:

> O mito negro configura-se numa das variáveis que produz a singularidade é trimendisionalmente organizada:
> pelos elementos que entram em jogo na composição desse mito;
> pelo poder que tem esse mito de estruturar um espaço, feito de expectativas e exigências, ocupado e vivido pelo negro enquanto objeto da história;
> por um certo desafio colocado a esse contingente específico de sujeitos – os negros (Souza, 2021, p. 55).

É também pretensão desta pesquisa ultrapassarmos a questão da representatividade e do pré-conceito sobre o negro enquanto sujeito, investigarmos acerca da questão dos estigmas que envolvem o corpo do sujeito negro. Enxergamos essa diferença entre *estigma* e mito no fato de, tratando-se do ser negro, o estigma é algo que acompanha o sujeito negro em toda a sua existência, com o sujeito seguindo aquilo que se espera dele, ou não. Antes de qualquer palavra ou pré-julgamento, o corpo é a primeira coisa que expõe quanto o sujeito tenta

imputar algo ou, então, causar alguma impressão, seja ela positiva ou negativa. Enquanto construção simbólica, o corpo do sujeito é textualizado, marcado, exigido e colocado à mostra, indicando sentidos e memórias. Quando se quer causar qualquer impressão, o corpo é o primeiro elemento a ser considerado na construção de sentido. É o corpo que conduz a materialização daquilo que chamamos de papel social (França, 2020).

Nogueira (1998) analisa que, uma vez acometido pelas representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos rejeitados socialmente, o sujeito negro se vê condenado à inferioridade social em sua própria aparência. Souza (2021) chama de *sistema superego do ideal do ego* a construção realizada pelos antecessores na particular história do negro brasileiro, reforçando a questão do estigma apontada anteriormente. Uma vez que suas palavras possuem força e poder, é um dever dos descendentes atenderem seus anseios e ideais sendo uma das variadas expectativas, por exemplo, "clarear" as futuras gerações por meio do casamento inter-racial.

> Minha avó, ela diz que quer se casar de novo. "Casar com um francês pra clarear a família." Quando a gente [as netas] está namorando, ela pergunta se é preto ou branco. Diz que tem que clarear a família. O clarear não é questão de pele, porque negro é questão de miséria, fome. De repente, clarear é também a ascensão econômica e social boa, tudo bem. Tem um lance de cor, mas no sentido de que a cor [preta] lembra a miséria. O preto (para ser aceito como possível integrante da família] tem que ter curso superior. Se for um branco, não precisa. Principalmente em relação a nós- filhos do único filho daqueles que ascendeu- tem muita expectativa. Nós somos filhos do PROFESSOR. (Carmem).
> [Minha avó] era bem negra. Nariz grosso, beiços grossos, voz grossa. [...] Não gostava de negro. Dizia que [...] 'se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se você vir um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco pra limpar o útero.' (Luísa) (Souza, 2021, p. 67-68).

Ao abordar a Emenda Constitucional 7 conhecida como PEC das Domésticas enquanto acontecimento discursivo, Fontana (2018) evidencia a sobre a circulação de vozes e, consequentemente, a produção de sentidos, assim como a historicidade, mediante ao então contexto. Em seu artigo, a professora descreve que, mesmo diante da PEC referente a elas, a voz das trabalhadoras domésticas foi pouco representada. Se por um lado, na grande mídia, a enunciação dessas trabalhadoras era emoldurada pelas edições das reportagens; por outro, na mídia alternativa, a voz delas permaneceu pouco ouvida.

Contudo, em julho de 2016, Joyce Fernandes, mais conhecida como "Preta Rara", criou a página *Eu, empregada doméstica*[37] no *Facebook*. A página reúne depoimentos de trabalhadoras domésticas de forma anônima, ampliando a voz delas. É interessante observar

[37] Perfil de Preta Rara no Facebook. Disponível em: https://bit.ly/3SIKNVw Acesso em 21 set. 2023.

que Fontana (2018) descreve que essa circulação de vozes em primeira pessoa opera processos discursivos de metonimização. Segundo a mesma, esse processo é reforçado no seu funcionamento imaginário por meio das práticas digitais que caracteriza a enunciação nas redes sociais, o que também se aplica ao *corpus* deste artigo, retratado posteriormente. Sobre a enunciação, descreveu:

> Uma enunciação na qual se hipostasia a figura do locutor:uma enunciação do "eu" que se mostra na sua individualidade, na potência de um dizer de si. Múltiplos "eus", que na singularidade de seus testemunhos produzem o esteio no qual se ancora a legitimação imaginária de um lugar de enunciação, significado como 'porta-voz': "não estou sozinha, estou falando por 6 milhões de domésticas"; "eu não estou sozinha aqui hoje, atrás de mim tem seis milhões de domésticas que deveriam estar aqui ao meu lado e que em algum momento elas estarão". Não há mediação institucional nem metaforização das relações de representação política, sindical ou social, apenas a evidência da metonímia dos corpos/vozes multiplicados, que se reconhecem especularmente na sua contiguidade virtual na página: eu, que sou você/ você, que sou eu (Fontana, 2018, p. 68).

Percebemos que o lugar de fala de Preta Rara enquanto mulher, negra e empregada doméstica deu legitimidade para que diferentes mulheres, assim como ela, pudessem se manifestar. Anteriormente, ao abordarmos sobre colonialismo, mencionamos sobre o fato da perspectiva eurocêntrica ter sido imposta ao continente africano e depois, em um segundo momento ao americano, determinante para o contexto atual desses povos. Assim como Fontana (2018), para a presente pesquisa, também nos propomos a pensar a respeito do "lugar de fala" sob uma perspectiva discursiva, redefinindo-o como "lugar de enunciação", em relação ao funcionamento da interpelação ideológica que constitui o sujeito do discurso.

É importante lembrar que esta pesquisa retrata duas jornalistas que, literalmente, exercem a função de mediar, sendo elas uma figura de autoridade. Fontana nos leva ao entendimento de que, no lugar enunciativo, o "lugar de fala" se sustenta em processos metonímicos que o legitimam pela experiência vivida de um *eu* que se identifica com outros (Fontana, 2018, p. 69). Nesse caso, o "lugar de fala" é sobredeterminado pela ideologia, a Língua (o dizer) e o inconsciente, pois o funcionamento da interpelação ideológica se dá como um processo sempre engendrado. Ferreira (*apud* Fontana, 2018, p. 65) salienta, também, que a Língua é um ritual falho, possuindo lacunas.

Se os equívocos da Língua e a ideologia marcam os equívocos historicizados, podemos dizer que o corpo seria o lugar da concretização desses sintomas sociais (Ferreira *apud* Fontana, 2018, p. 65). Em *O segundo sexo* (1949), Simone de Beauvoir menciona que a mulher é retratada como o outro, Ribeiro (2017) recorda que, para Grada Kilomba, a mulher

negra é o *outro* do outro, posição que a distância da condução da própria narrativa. Essa é uma posição que torna fundamental esse local de fala e mais enfático o processo de comunicação e representação para a mulher negra. Sobre *lugar de fala*, Ribeiro (2017) afirma:

> As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um discurso sobre racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde a mulher é branca; um discurso sobre a classe onde raça não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras ocupam um lugar vazio, um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado terceiro espaço. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição sustentado pela polarização de um mundo em um lado negro e de outro lado, as mulheres. (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de raça e gênero se fundem estreitamente um só. Tais narrativas separativas mantém a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos (Ribeiro, 2017, p. 38).

O sentimento de representação (sentir-se representado por algo ou alguém) é uma consequência da interpretação do sujeito não somente em relação ao que não apenas se vê, mas projeta para si aquela situação e/ou aquele contexto. Já mencionamos que a Língua é falha, mas Pêcheux (1995) também pressupõe que não existe prática discursiva sem o sujeito, sendo que ela sempre está em campo contraditório-desigual. Estando, também, sobredeterminada, a prática discursiva é caracterizada a instância ideológica conforme a condição histórica dada.

É a partir da afirmação de que **não há prática sem sujeito** que Grigoletto (2005) aponta que é pelo viés da forma-sujeito que o sujeito do discurso se (des)identifica e constitui o sujeito. Ao realizar o movimento de incorporação-dissimulação dos saberes que circulam no interdiscurso, pelo viés da forma-sujeito é que o sujeito do discurso produz o efeito da unidade e da evidência do sujeito (Grigoletto, 2005, p. 62). Logo, entendemos que é a partir dessa descrição que temos o efeito da representação. Em Análise do Discurso, ao estarmos diante de um determinado objeto, somos instados a interpretar o que um objeto quer dizer.

Orlandi (2007) lembra que, nesse movimento de interpretação, já aparece esse conteúdo como evidência, o sentido desse objeto. A ideologia é quem produz o efeito de evidência dos sentidos, sendo por meio dela que é naturalizado o que se constrói por meio da relação existente entre linguagem, pensamento e mundo. Há uma relação entre a ideologia e o inconsciente na constituição dos sujeitos. Quanto ao *efeito de unidade*, ele se dá por meio de uma relação organizada pela função-ator no tocante a discurso. Orlandi (2008) reforça que essa conexão produz um efeito-imaginário de unidade. Orlandi nomeia esse efeito como

textualidade, pois, de uma forma imaginária coloca o sujeito na origem do sentido, responsabilizando-o por sua produção. Essa, por sua vez, é uma posição mutável, porque mesmo em uma repetição, muda-se o texto, ainda que a posição de sujeito não mude.

Por sua vez, a **noção de enunciação** surge de Benveniste, com base em conceitos saussurianos, não dispensando a diferença entre língua e discurso. Ao invés disso, associa-as, afinal, situa o sujeito como centro de referência, explicando como o aparelho da enunciação marca a subjetividade na estrutura da língua. Se a fala é aquilo que a língua permite produzir, o que explica a transição da língua à fala? Em *Problemas da linguística geral* (originalmente publicado em 1966)[38], Benveniste diferencia a "língua" e a sua "atividade". Ao realizar essa dissociação, o linguista conclui que o exercício da linguagem deixa de ser uma possibilidade para que ocorra a realização daquilo que chamamos de enunciação, sendo definida por Benveniste como a "colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização" (Benveniste, 1974, p. 80), sendo o ponto de mediação entre língua e discurso.

Na Análise do Discurso, a noção de enunciação começa a ser estudada ainda na década de 1960 quando, ligados ao estruturalismo, linguistas franceses limitavam a Língua a um sistema de signos. Em *Análise automática do discurso*, de 1969, Michel Pêcheux começa a considerar a divergência entre língua e fala. Conforme Pêcheux (2014, p. 70), "esta oposição autoriza a reparação triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato".

Na prática, é como se, por meio da fala, o sujeito conquistasse a liberdade intencionalmente. Em diferentes fases da Análise do Discurso, Pêcheux aborda e problematiza a questão da enunciação, levando em conta discurso e produção de sentido dentro de determinada circunstância. Até o presente momento, não tínhamos chegado ao entendimento de como a produção do discurso e a produção de sentidos ocorrem em determinadas posições sociais sob uma perspectiva discursivista, como a posição da mulher negra jornalista (GÊNERO = MULHER + RAÇA = NEGRA + POSIÇÃO SOCIAL = JORNALISTA NA EMISSORA MAIS ASSISTIDA DO PAÍS) com as meninas negras (GÊNERO = MENINAS + RAÇA = NEGRA + POSIÇÃO SOCIAL = BRASIL). Aqui, enfatizamos o fato do "ideal" presente no imaginário da sociedade brasileira, pois, a menina/criança ideal e merecedora de afeto, no imaginário dessa sociedade, é a criança branca.

Ao questionar a ausência de limite entre fala e falante, Pêcheux chega à noção de *processo de produção de discurso*, sendo definido como um conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em "circunstâncias dadas" (Pêcheux, 2014, p. 73).

[38] Escolhemos colocar a data da primeira publicação a fim de mantermos alinhados com o contexto histórico dos estudos realizados pelo pesquisador, pois Benveniste morreu em 1976.

Essa concepção faz com que o ato de enunciação (produção de discurso) deixe de se resumir a transmissão de informação, gerando um efeito de sentido, respondendo a nossa inquietação a respeito da instância na qual está quem enuncia. Neste material, já retratamos que a temática da estética eurocêntrica como um fator do colonialismo no continente americano e, de forma particular, no Brasil, enquanto último país do continente a abolir a escravidão e, mesmo tendo boa parte da população negra, o poder de decisão – e referência – ainda está nas mãos das pessoas brancas. Pretendemos evidenciar, por meio desta dissertação, o lado de quem nunca pertenceu, pois, é nesse sujeito que acontecem os efeitos.

> É supor que- entendendo-se o real em vários sentidos– possa existir um outro tipo de saber, que se reduz à ordem das "coisas-a-saber" ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos (Pêcheux, 2006, p. 43).

Em *A máscara*[39], Grada Kilomba relata que, no âmbito do racismo, os brancos querem e precisam controlar a boca, tornando-a o órgão da opressão. Ao retratar sobre a máscara do silenciamento, por meio de metáfora, Kilomba faz uma analogia com a máscara usada para castigar os negros durante o período da escravidão, a escritora portuguesa recorda sobre as memórias do negro que são asfixiadas, porém, prontas para serem contadas, como um ator atrás da coxia, pronto para entrar em cena. Como quem muito espera pela sua vez.

Ao longo de todas as leituras e interpretações elencadas até aqui, apresento uma relação entre a Análise do Discurso e a questão racial. Certamente, o racismo não é um tema retratado pelos autores pioneiros na AD, mas é determinante para a presente pesquisa. Conscientemente, sabemos que não teremos todas as respostas acerca da produção de sentido para o negro enquanto sujeito social, embora seja um anseio fazê-lo da forma mais honesta possível. O tema representatividade e a sua ascensão são recentes e, por isso, essa mudança da própria autopercepção do negro é algo que sim, podemos classificar como um fenômeno novo.

O ato de relacionar é vital para a existência humana e a construção da identificação humana vai além de se inspirar em um modelo a ser seguido. A partir do momento em que é concedido ao indivíduo negro o pertencimento na sociedade, ainda que haja barreiras, os padrões começam a ser rompidos. E, por meio do efeito de representatividade, o negro entende que suas características podem existir em plenitude, rompendo com velhas crenças.

[39] Disponível em: https://piseagrama.org/artigos/a-mascara/. Acesso em: 26 jul. 2022.

Nas próximas páginas, falamos a respeito da autonomia exercida pelas mulheres negras a partir da sua própria enunciação. Trata-se de uma condição adquirida por meio do efeito de representatividade, que ocorre quando o indivíduo se dar conta de que não há nada de errado com sua cor ou seus traços. Ter o protagonismo da própria história é importante, mas refletir questões como gênero, classe e raça são necessárias para entendermos o quão fundamental são as quebras dos ideais de dominação estabelecidos.

3 COLONIALIDADE E RACISMO – CONCEITO E MEMÓRIA

3.1 "Como o sujeito negro é lido pela sociedade brasileira?" – Compreendendo a denominação externa (do outro) para a construção da própria identidade

Sabemos que o período da escravidão no Brasil (1530-1888) foi determinante para a construção da identidade dos brasileiros enquanto povo. Por outro lado, também conhecemos os efeitos dessa construção de identidade, sendo ainda presentes na sociedade. Abandonados à própria sorte, após a abolição da escravidão, a população negra teve pouca ou nenhuma oportunidade de mobilização social. Realizada em 2019, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) revelou que, mesmo com programas sociais, o perfil de pessoas pobres no Brasil permanece igual: mulheres, negros e pessoas com pouca instrução[40]. Entre os brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza, mais de 70% são pretos ou pardos.

Embora esta dissertação não tenha como foco abordar somente a questão do racismo, retratá-lo é determinante para que possamos entender a forma como são atribuídas as características ao sujeito negro pela sociedade. Conforme afirma Almeida (2019), o racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Dessa forma, não devemos ver o racismo como uma patologia, mas, sim, como uma manifestação social. Pois, mesmo em um país com a metade da sua população declaradamente preta ou parda[41], ainda não é natural ter a presença de negros em posição de destaque, embora esse questionamento pudesse ser facilmente respondido que se trata de uma consequência do racismo estrutural presente em nossa sociedade. Apesar disso, não responde o porquê de naturalizamos o preconceito e, consequentemente, o racismo.

Seguindo o pensamento de Almeida (2019), percebemos que chegamos a essas conclusões devido ao fato de que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades e de indivíduos, cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Essas são as consequências do colonialismo que ainda é parte da sociedade, não só brasileira, mas mundial, mesmo que seja em diferentes manifestações. Em *Pele Negra, máscaras brancas*, Fanon (1998) descreve sobre essa dependência do colonizado, na busca velada pela aprovação do sujeito branco.

---

[40] Mulheres, negros e pessoas com pouca instrução são maioria entre os pobres. Disponível em: https://bit.ly/3JfuXLR. Acesso em: 2 jun. 2022.

[41] Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Disponível em: https://bit.ly/3zwnzIJ . Acesso em: 26 jul. 2022.

> *Minha mãe querendo um filho memorandum*
> *se sua lição de história não está bem sabida*
> *você não irá à missa de domingo*
> *com sua domingueira*
> *esse menino será a vergonha do nosso nome*
> *esse menino será nosso Deus-nos-acuda*
> *cale a boca, já lhe disse que você tem de falar francês*
> *o francês da França*
> *o francês do francês*
> *o francês francês.* (Fanon, 1998, p. 36).

É importante considerarmos que Fanon (1998) aborda sobre a profundidade que representa a compreensão da dimensão *para-o-outro* do homem de cor, pois, o falar é uma afirmação sobre o existir. A obra do psiquiatra retrata a relação de pessoas negras em quadros e situações diversas, revelando dilemas específicos desse grupo. Modesto (2018), por sua vez, ao analisar a obra de Fanon com o olhar voltado para a Análise do Discurso, faz a relação entre a interpelação ideológica e a questão racial e detecta a interpelação como uma experiência em terceira pessoa quando se trata de "uma pessoa de cor".

Por meio da análise de Modesto (2018), conseguimos observar a interpelação ideológica (sob a perspectiva da Análise do Discurso) no tocante à questão racial, ao fazer a leitura da obra de Fanon, ele constata a respeito do funcionamento social que provoca o negro constantemente e o situa em lugares específicos que o vilanizam, atribuindo a ele adjetivos como *o mau*, *o perigoso*, *o sujo*, *o feio* e tantos outros.

Essa foi uma reflexão levantada pela atriz Taís Araújo em uma palestra realizada pelo *TED Talks*, em 2017, quando fez a seguinte menção: "No Brasil, a cor do meu filho faz com que as pessoas mudem de calçada, escondam as suas bolsas e que blindem seus carros"[42]. Modesto (2018) conclui que, se em Althusser, o sujeito é definido pelo lugar ocupado no interior da linguagem, em Fanon, esse mesmo sujeito acaba sendo definido pela ordem do visível.

> Pela consideração de que, 'no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal' (FANON, 2008, p. 104) e de que o conhecimento do corpo negro pelo próprio corpo negro é inevitavelmente afetado por uma terceira pessoa, sendo, desse modo, uma experiência em terceira pessoa, Fanon mostra que ele precisou lidar com a ambivalência de seu chamamento – preto! – como algo que produz no negro uma indecisão a respeito do que fazer (Modesto, 2018, p. 133).

[42] Como criar crianças doces num país ácido | Taís Araújo | TEDxSãoPaulo. Disponível em: https://bit.ly/49iEgqf Acesso em: 14 set. 2023.

Uma vez que cultura possa ser definida como um conjunto de crenças, tradições e costumes, podemos entendê-la como um sistema, porque há uma relação envolvida pelo movimento dos sentidos em sua criação, conforme apresenta Nascimento (2018). Tal movimento, por sua vez, leva ao entendimento de forma profunda acerca da cultura como meio de criação (uma cultura que nos é condicionada, somos influenciados a adotar padrões de comportamento). Assumimos valores e opiniões, formando a nossa percepção sobre o mundo e o olhar deste sobre nós. O ser humano é naturalmente sociável, sendo esta uma das motivações de sua existência. Por isso, para ser aceito e sentir-se pertencente, é comum que ele adote os costumes de um determinado grupo (de forma consciente ou não).

Citando Orlandi e Massmann (2016), Nascimento (2018) apresenta o conceito de cultura pensando também como um trabalho, estendendo-a para a vida em sociedade. Por isso, ao compreendermos a cultura como criação em sua historicidade, entendemos que o diferente deve ser visto sob diferentes formas no cotidiano. Assim, abrangemos a questão da pluralidade para além da diversidade, entendendo o diferente em relação ao outro, sem apagar o político constitutivo das relações sociais (Orlandi; Massmann, 2016 *apud* Nascimento, 2018, p. 391). Sobre esse apagamento da cultura original de um povo colonizado, Fanon (1998) esclarece o conceito de algo que apenas é transmitido por gerações, concebendo, de fato, o diferente no diferente em relação ao outro.

Em discurso: estrutura ou acontecimento (2006), Pêcheux atesta que é preciso compreender as formas culturais por meio das suas ligações com o cotidiano, como ordinário do sentido. Por sua vez, pensar na origem do sentido nos direciona ao livro *Discurso Fundador*, de Eni Orlandi (2003). Nele, ao se referir ao mito das Amazonas, a pesquisadora nos guia em direção ao entendimento da forma que se dão as conexões culturais em países colonizados, como o Brasil, que não é só branco, nem branco, nem índio e, sim, brasileiro. No livro, segundo Orlandi, o que temos acesso, de fato, trata-se da "relação com o imaginário na construção de um imaginário necessário para dar a cara a um país em formação; para constituí-lo em sua especificidade enquanto objeto simbólico" (Orlandi, 2003, p. 17, adaptado).

É aí que destacamos a reflexão de Nascimento (2018) o qual destaca que a pluralidade não está restrita à diversidade, mas, sim, à compreensão do diferente relativamente ao outro, de forma que não apague o protocolo existente nas relações sociais. Em referência a Orlandi no livro *Linguagem, sociedade, políticos*, de 2014, Nascimento (2018) aborda a adoção do conceito de cultura em substituição ao de ideologia de forma errônea. A cultura não acoberta

os sentidos da ideologia, mas funciona como possibilidade de deslocamento e invenção de espaços coercitivos.

3.2 Sobre colonização e colonialidade

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será (Fanon, 1998, p. 34).

Ao entendermos o *colonialismo* como prática na qual um território exerce domínio político e sociocultural sobre outro[43], compreendemos a razão do apagamento da cultura do povo afro-brasileiro e, principalmente, dos povos indígenas na História do Brasil. Sobre *colonialidade*, podemos entendê-la como a consequência do colonialismo que atravessa gerações. Considerando o contexto da História do colonialismo em todo o continente americano, o que inclui de modo direto, mas em contexto particular o Brasil, notamos que a classificação social de toda uma sociedade também passa pela questão racial. O racismo estrutural é uma das consequências desse modelo de estrutura social, na qual o poder está concentrado nas mãos das pessoas brancas, sendo que as negras são constantemente excluídas da possibilidade de ascensão.

Embora o fenômeno tenha acontecido em todo o continente, em cada uma das Américas (Norte, Central e Sul), possui conjunturas e consequências diferentes, a começar pelo fato de o Brasil ter sido o último país do continente a abolir a escravidão e ser o território com a maior população negra fora da África[44]. Sobre o fato da colonialidade sobreviver ao colonialismo, Maldonado-Torres (2007) alega que isso ocorre por conta da estrutura social e cultural na qual vivemos, sendo que nós mesmos perpetuamos esse modelo.

> Assim, embora o colonialismo precede a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. A mesma se mantém viva nos manuais de aprendizagem, nos critérios do bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos súditos e em tantos outros aspectos da nossa experiência moderna. De certo modo, insuflamos a colonialidade na modernidade do dia a dia (Maldonado-Torres, 2007, p. 131, tradução nossa).

---

[43] Ocupação e exploração de terras coloniais. Educa + Brasil. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/colonialismo. Acesso em: 14 set. 2023.

[44] Top 10 países com maior população negra fora da África. Disponível em: https://bit.ly/2HqaIxn. Acesso em: 26 jul. 2022.

De acordo com Quijano (2005), antes da América, não havia uma concepção sobre o conceito de raça. Possivelmente, a diferença entre europeus e nativos tenha gerado essa ideia. Para o sociólogo, a classificação social da população por raça já explica e origina o caráter colonial da sociedade. Trazendo esse olhar para o contexto da sociedade brasileira[45], obtemos respostas para questões como a diferença salarial entre negros e brancos e os desafios existentes quando refletimos sobre os desafios para mobilidade social que existem para pessoas negras.

Conhecido por ter desenvolvido o conceito de "colonialidade do poder", Aníbal Quijano (2005) descreve que, na América, a ideia de raça foi um meio de tornar legítima a relação de domínio entre negros e brancos. Mencionamos esses grupos porque os indígenas – embora sejam os povos de fato nativos – não formavam parte dessa sociedade colonial. Em um primeiro momento, foi estabelecida a relação de servidão entre nativos e europeus, embora em determinadas localidades, como na Argentina, eles foram exterminados em sua quase totalidade. Naquele período, a principal parte da economia dependia do trabalho escravo. Mesmo quando o mundo começou a debater sobre a mercantilização da força de trabalho, no século XIX, a remuneração salarial concentrava-se quase que exclusivamente entre os brancos.

> Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial (Quijano, 2009, p. 119).

Ao refletir sobre raça e como se deu o processo de concessão da identidade sobre os povos colonizados no continente americano, seguindo a ideia de Quijano, percebemos que essa linha de pensamento complementa a opinião de Almeida (2019). Para o filósofo e professor, o racismo, que se materializa como discriminação racial, é sempre estrutural. Com isso, ele integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável. Nas próximas páginas, abordamos a respeito da forma como o racismo faz parte do modelo social no qual vivemos, o que nos leva à compreensão do que Almeida pretende quando afirma que o racismo integra o modo como política e economia se organizam socialmente.

---

[45] No Brasil, negros são mais pobres, morrem mais e ganham menos que brancos. Disponível em: https://bit.ly/3PFsMnl. Acesso em: 21 jun. 2022.

3.3 O lugar do negro na sociedade

Ao refletirmos para além do fato do racismo ser não só uma parte, mas também integrante das questões que envolvem uma sociedade, é preciso considerar acerca do tratamento direcionado ao negro enquanto indivíduo. Aqui, o que outro entende por sujeito branco, que traz em si a crença eurocentrista, superior, a partir do olhar no qual se julga superior. Se anteriormente, fizemos essa reflexão sob a perspectiva colonial, levando em conta a realidade em todo o continente americano, agora, consideramos o contexto da escravidão de forma tão singular como foi no Brasil.

Inevitavelmente, a escravização do povo negro deixará consequências por muitas gerações. Para termos a noção do quanto essa caminhada ainda será longa, o Brasil levará 66 anos para equiparar a renda de negros com brancos, isso se a tendência de redução da desigualdade social dos últimos 20 anos for mantida para as futuras descendências[46]. Sodré (1999) entende que a identidade, como um conjunto de características que tornam um indivíduo singular, é algo mutável, ou seja, está em permanente construção e, por essa razão, é dada pelo reconhecimento do "outro", sendo que essa representação o classifica socialmente.

Sodré afirma (1999, p. 34): "Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive." Sobre o fato de a identidade ser mutável, O autor amplia a reflexão sobre o fato de que essa mesma identidade pode também ser alimentada, o que traz sentido ao fato do ser humano vir a ser quem desejar. Sobre isso, ele afirma (1999, p. 34): "é algo que se constrói, inventa-se, e sua vivência é alimentada pelos jogos existenciais e narrativos de uma comunidade, transmissíveis pelos usos capazes de configurar uma ética".

Ao ser sequestrado e levado para outro continente e ter a sua nulidade decretada se tornando objeto de alguém, o negro deixou de ser sujeito para, literalmente, pertencer a outra pessoa. Toda a cultura, passando pela religião, dialeto, danças e afins passaram a ser marginalizados. Nogueira (1998) afirma que esse processo de anulação de identidade do negro acontecia ainda no transporte dos navios negreiros a caminho do Brasil. Ao chegar em terras brasileiras, ela era misturada com povos diferentes entre si, mas unidos por um único traço em comum: a cor da pele.

---

[46] Renda de brancos e negros só deve ser equiparada no Brasil em 2089. Disponível em: https://bit.ly/3ovoiUg. Acesso em: 2 jul. 2022.

> A distribuição dos negros era feita de maneira tal que num mesmo ambiente de trabalho eram reunidos negros com línguas, culturas, tradições e religiões diversas, dificultando a comunicação entre os semelhantes. A aculturação era uma conseqüência normal entre culturas diferentes obrigadas a conviver. Perderam progressivamente as identidades originais, mas, nesse processo de transculturação, surgiu nova identidade negra, resultado tanto da transculturação, como da existência e criação de novas formas de resistência (Nogueira, 1998, p. 14).

Em uma sociedade colonial, todas as particularidades do negro, enquanto indivíduo, eram anuladas em um grupo de pessoas com a sua cor (escravizados), no qual o sujeito branco estava na condição de superioridade[47]. Esse mesmo indivíduo, ainda que fosse um ser humano com as mesmas características biológicas de uma pessoa branca, era reduzido apenas a um instrumento de trabalho[48], ao mesmo tempo que precisava ser "agradável" aos olhos de quem quer vigiá-lo. Na citação a seguir, isso torna-se mais evidente em expressões como "pele lisa" ou "baixo-ventre não saliente". Marcada pela desumanização, a individualidade e a dignidade do sujeito negro são abruptamente roubadas, dando lugar à coisificação, como descreve Nogueira (1998):

> É conhecido um documento que orienta os proprietários na compra de 'novas peças' e alerta para o perigo de calotes. Assim aconselha o Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as Enfermidades, escrito em 1839 por I.B.A. Imbert: 'Circunstâncias a que se deve orientar toda a pessoa que deseja fazer uma boa escolha de escravos: pele lisa, não oleosa, de bela cor preta, isenta de manchas, cicatrizes ou odores demasiado fortes; com as partes genitais convenientemente desenvolvidas: isto é, nem pecasse pelo excesso, nem pela cainheza; o baixo-ventre não muito saliente; nem o umbigo muito volumoso; peito comprido, profundo, sonoro, espáduas desempenadas, sinal de pulmões bem colocados; pescoço em justa proporção com a estatura, carnes rijas e compactas; aspecto de ardor e vivacidade: reunidas ter-se-á um escravo que apresentará ao senhor todas as garantias desejáveis de saúde, força e inteligência (Schwarcz, 1996 *apud* Nogueira, 1998).

Passados 136 anos após a abolição da escravidão no País, em um contexto no qual os negros não tiveram nenhum reparo social, recorremos ao conceito de historicidade a fim de compreendermos de forma profunda um fator que, entre outros, explica a forma que a sociedade "lê" esse indivíduo. Além de significar qualidade histórica, a palavra *historicidade* remete também a um conjunto de agentes que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em determinada circunstância (Fonseca, 2020). Afinal, os processos semânticos se desenvolvem de diferentes formas (Fonseca, 2020).

[47] A filosofia se desdobra em entender a fundo tudo que compoẽ o que é o indivíduo. A partir de Descartes, que introduz o conceito de *autonomia do eu*, no primado "Eu sou" e do "Eu penso" independe dos sujeitos concretos (Nogueira, 1998).

[48] Ao nos depararmos com a Sociologia, damo-nos conta sobre a contribuição do relacionamento do indivíduo com os outros tendo como consequência a ordem social.

Em Na minha pele, Lázaro Ramos (2017) recorda sobre determinado momento da carreira, quando recusou papéis em novelas de época a fim de não reproduzir estereótipos. Para o ator e diretor, interpretar determinados personagens, como escravizados e envolvidos com o crime, reproduziam associações à identidade negra das quais ele queria se distanciar, visando a reproduzir histórias de outra forma, como quando ele fez parte da novela *Lado a Lado* (*TV Globo*, 2012). Ao mencionar a retomada do cinema nacional e as obras com temas ligados à violência urbana, ele narra a seguinte situação:

> Fazendo um breve parêntese: é tão "natural" as pessoas associarem negros com armas que me param na rua – e isso não aconteceu uma vez só uma vez, não, mas muitas para elogiar minha atuação em Cidade de Deus (2002). Recebo o "cumprimento" sempre calado, infelizmente solitário daquele engano. Certa vez, no avião, fui abordado por uma passageira que passou longos minutos elogiando meu trabalho, meu talento, se dizia impressionada com a naturalidade que eu tinha de ir da docilidade à agressividade tão rapidamente, que eu fazia tudo com tanta verdade. Agradeci, tirei meu cochilo e só voltei a falar com ela a caminho do desembarque. Na escada rolante nos despedimos como velhos amigos e foi quando ela soltou, com uma piscadela: "Tchau, Zé Pequeno!". E viva Leandro Firmino (Ramos, 2017, p. 99-100).

Nesse trecho, percebemos a construção de uma representação (estereotipada) a partir de uma concepção (negro = arma = bandido) subjetiva. Os pré-conceitos existentes levam à construção dos estereótipos, sendo justamente nesses estereótipos que os sentidos (e, consequentemente, os discursos) são construídos. Para entendermos melhor essa lógica do pré-constituído por meio do discurso, recorremos a Pêcheux em *Semântica e Discurso* (2014), no qual o filósofo, por sua vez, recorre a Frege, matemático e filósofo, que atuou justamente na fronteira entre a Filosofia e a Matemática. Na obra, Pêcheux (2014) relata que Frege sugere que é possível que a linguagem apresente ilusões porque ela é natural e, por isso, malfeita, possuindo assim armadilhas e ambiguidades que podem desaparecer em uma linguagem "bem-feita". Acreditamos que essa lógica que Frege retrata na linguagem seja equivalente ao ato de deduzir, reforçando o estereótipo, pois argumentamos baseados em um "óbvio", mas que se trata apenas de uma ilusão.

Para entender o estereótipo, recorremos a Sousa e Barros (2012), que definem os estereótipos como constituintes em nossa memória sobre um ou grupo de indivíduos, sendo que eles nos permitem a reconstrução da memória que temos desses mesmos estereótipos, de modo a alterar a realidade na qual estão inscritos, de modo que eles se encontram de acordo com os estereótipos que já se apresentam (Lima, 1997 *apud* Sousa; Barros, 2012, p. 204).

Ainda em *Semântica e discurso* (2014), por meio da *tríade língua*, sujeito e história na constituição do discurso, Pêcheux busca relacionar a Linguística com a Filosofia e as Ciências

Sociais com a significação das palavras (semântica). Logo, essa série de preconceitos corresponde à construção de uma significação. Ligando subjetividade e contingência, chegamos ao pensamento de Leibniz. O filósofo e matemático alemão era defensor da chamada *Teoria da prova* e seus conceitos básicos, ou seja, os conceitos da identidade, da verdade e da proposição (Cass, 2013). Dessa forma, Husserl chega à natureza do deslocamento histórico, em que ocorre a oposição clássica entre necessário e contingente, sem romper com o idealismo filosófico moderno, resumido pela relação entre objetivo e subjetivo (Pêcheux, 2014). Para melhor ilustrar o relato acima, apresentamos uma das definições de *expressão objetiva* adotadas por Husserl:

> Definição 1 – 'expressão objetiva' – Dizemos que uma expressão é objetiva quando sua significação depende ou pode depender simplesmente de sua realidade fônico e quando, consequentemente, ela pode ser compreendida sem que, necessariamente, se tenha que levar em consideração a pessoa que a exprime [...] Das expressões objetivas fazem parte, por exemplo, todas as expressões teóricas, por conseguinte, as expressões com base nas quais se edificam os princípios e os teoremas, as demonstrações e as teorias das ciências "abstratas". As circunstâncias do discurso atual não tem a menor influência sobre o que significa uma expressão matemática, por exemplo (Pêcheux *apud* Husserl, 2014, p. 49).

Mais do que uma reprodução do que nos é apresentado ou adquirido, embora em constante modulação, as significações se refletem na formação do pensamento e, consequentemente, nas ações. A fim de sair da superficialidade, abordamos, neste trabalho, o conceito da neurossemântica. Trata-se do modelo que descreve como nós criamos os significados (semântica) e a sua incorporação em nosso corpo por meio do sistema nervoso (neurologia). Com base na concepção de husserliana da subjetividade como fonte e princípio das subjetividades e na acepção fregeana do sujeito portador das representações, Pêcheux (2014) descreve que a subjetividade detém domínio sobre a representação, sendo que a subjetividade se torna o excedente que transborda no conceito, enquanto condição importante na expressão da mesma.

3.4 O recorte e o significante na memória: por que naturalizamos isso?

Entendemos que o racismo e a "leitura social" direcionada aos negros trata-se também de uma reprodução inconsciente de comportamento e padrões. Mas, antes disso, a memória está ali, armazenada, e o conceito, adquirido. Teixeira (2020) registra que, antes da formalização das línguas em instrumentos oficiais e registrados, o que existia era a oralidade.

Graças às relações comerciais e a outros fatores, como a colonização, isso mudou. A memória, por outro lado, permaneceu e permanece.

Se a forma como nomeamos as coisas que compõem o nosso cotidiano está ligada, ainda, às nossas filiações de memória (Teixeira, 2020), naturalmente, os sentidos também são modulados por esse processamento. A Língua é signo; a mensagem é o seu material (significante); e, dos seus efeitos, surgem o sentido. Essa é uma percepção adquirida em Saussure (2006, p. 101), que afirma: "Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica, respectivamente, por *significado* e *significante*. Os dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte." Ao nos referirmos à Análise do Discurso (AD), os elementos significantes não são considerados, tendo como parâmetro o signo, mas sim a cadeia significante. Logo, o analista do discurso busca por ambos, mas sempre ciente desse movimento (Lagazzi, 2009).

A fim de trazer à tona o silenciado, precisamos evidenciar como se forma a memória. Pois, é justamente ela que nos faz ser quem somos, ajudando-nos a compreender o mundo e a sua visão[49]. Indursky (2011) trabalha com a *noção de repetibilidade*, na qual podemos observar os saberes pré-existentes ao discurso do sujeito. Logo, quando o sujeito toma a palavra e forma o seu discurso, o faz entendendo que ele é o dono do seu dizer, agindo sob o efeito do seu esquecimento dos discursos pré-existentes.

Em consequência, "a memória de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante. A memória, neste domínio de conhecimento, é social. E é a noção de regularização que dá conta desta memória" (Indursky, 2011, p. 4). Indursky explica que, se há repetição é porque os sentidos são repetidos ou regularizados, de forma que vão construindo um sentido social, mesmo que essa memória se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do que não é sabido (Indursky, 2011, p. 4).

Longas ou curtas, a memória se trata do armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Por sua vez, na Análise do Discurso, Pêcheux analisa as mudanças que ocorrem em um discurso e as novas significações que um acontecimento histórico invoca por intermédio das novas séries de enunciados que se formam com a desestabilização do que é dito (Achard *et al*., 2007). Pêcheux (2007) reconhece que, para que exista memória, é preciso que haja acontecimento, saindo, assim, da indiferença. Assim, essa impressão causada faz com que a lembrança seja invocada. Outra constatação é

[49] Memória. Disponível em: https://bit.ly/3TRYEYA. Acesso em: 28 out. 2022.

que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade, sendo reconstruído por meio de noções comuns aos membros diversos da comunidade social. Vale reforçar que o acontecimento pode ser composto por fatores explícitos ou não.

Trazendo à tona o recorte racial, tema da presente pesquisa, podemos recordar a forma como a cultura escravagista ainda é presente em nossa sociedade, assim como elementos da cultura negra, como culinária, ritmos musicais e outros. Uma memória presente da cultura de racismo é o chamado "quarto da empregada", que, no período colonial, era retratada pela senzala. Esse cômodo, ainda presente nos atuais modelos de moradia, não representa exatamente o período escravocrata, mas remete a ele, possuindo alguma conexão. Relacionando a linha de pensamento pecheutiana, entendemos que esse exemplo possui essa "memória implícita", ainda assim interligada. Outro fato para pontuarmos seria a preservação das cidades históricas e museus: apesar de não serem implícitos, ao depararmos com eles, imediatamente, damo-nos conta de que há história e contexto naquela estrutura.

Essa memória não-determinada que temos da senzala ao mencionarmos o quarto da empregada se refere ao sentido, mas agindo por meio do *pré-constituído* que, no discurso, está localizado no cruzamento da teoria do discurso com a linguística, respaldando a pré-existência de um conteúdo numa ligação sintática que sem esse *já dito*, não oferece qualquer sentido particular[50]. Para entender sobre o *já dito* e como ele se faz presente recorreremos ao conceito de *memória discursiva*, explicado por Indursky (2011).

Para a linguista, a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado em meio às práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos (Indursky, 2011, p. 17). Ou seja, a memória discursiva concerne aos enunciados inscritos nas formações discursivas, em que recebem o seu sentido (Indursky, 2011, p. 17). Por sua vez, somente entendemos a sintonia de todos esses itens citados anteriormente porque existe o *discurso transverso*, que corresponde a articulação desses elementos (aquilo que corresponde a) à linearidade. Dentro desse ponto, está o *intradiscurso*, que excede a linguagem do discurso. Toda essa sequência compõe uma *formação discursiva*, que determina aquilo que pode ser dito dentro de uma formação ideológica. Pêcheux (2014) a define do seguinte modo:

> Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 2014, p. 147).

[50] O pré-construído – Michel Pêcheux. Disponível em: https://bit.ly/49i41XG Acesso em: 18 set. 2023.

Ao abordar sobre o estatuto do implícito, Pêcheux (2007) alerta sobre a construção de uma certa memória social. Esta, para além da materialidade, justifica o fato de não lidarmos com a memória como se fosse um *déjà vu*. Dentro do discurso, existem várias possibilidades e elas atuam de forma a modulá-lo.

> Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição "no vazio" de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito tenha existido em algum lugar como discurso autônomo (Pêcheux, 1999, p. 13).

Pêcheux (1999), ao mencionar sobre a "regulagem do praxema", descreve a contribuição da memória-trecho, na qual as operações da língua apenas funcionam se estiverem em uma imersão de situação, considerando as práticas adotadas. Aqui, diante do contexto da presente pesquisa, interpretamos essa afirmação relacionando ao papel da jornalista negra que comunica em um país onde a maioria da população é minorizada. Se esse cenário fosse no Haiti, onde apenas 5% da população não pertence a etnia negra[51], talvez o exemplo fosse pouco ou nulo considerado. Para o filósofo, ainda que memorizado, o passado trabalha com reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso no qual nos encontramos, dando sentido aos anseios trazidos para este trabalho. Com isso, conseguimos entender o porquê de alguns padrões permanecerem presentes na atualidade, como o padrão de beleza eurocêntrico.

3.5 O negro e o pertencimento

Desumanizado e, por vezes, inferiorizado, o negro passou a ser associado ao que é ruim; enquanto o branco era o modelo ideal a ser seguido. Rodrigues (1983 *apud* Nogueira, 1998) reconhece que a cultura necessita do negativo para determinar o que é o modelo ideal. Sodré (1999), por sua vez, conclui que nenhum valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular, sendo uma significação já estabelecida. Sobre a percepção de diversidade, o professor reconhece que: "Não basta, assim, afirmar a evidência da multiplicidade humana. A percepção da diversidade vai além do mero registro das aparências, pois o olhar, ao mesmo tempo em que percebe, valora e, claro, determina orientação de conduta" (Sodré, 1999, p. 17).

[51] Haiti. Disponível em: https://bit.ly/3WxY4A8. Acesso em: 3 nov. 2022.

Se nos EUA é considerada a regra de uma gota única[52], onde um ancestral negro, torna uma pessoa negra; no Brasil, ainda que uma pessoa se reconheça como afrodescendente, a tonalidade de sua pele será determinante para o tratamento que a sociedade dará a ela[53]. Com isso, o negro no Brasil passa a negligenciar suas características justamente para pertencer a essa ordem social, na busca para se inserir nesse espaço ideal (isso é exemplificado mais adiante).

> Preso às malhas da cultura, o negro trava uma luta infinda na tentativa de se configurar como indivíduo no reconhecimento de um "nós". Seu corpo negro, socialmente concebido como representando o que corresponde ao excesso, ao que é outro, ao que extravasa, significa, para o negro, a marca que, a priori, o exclui dos atributos morais e intelectuais associados ao outro do negro, ao branco: o negro vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade (Nogueira, 1998. p. 45).

Dessa forma, podemos também compreender o modo como a questão racial é tratada no Brasil por meio do Colorismo. O termo, por sua vez, é usado para se referir ao fato de que, quanto mais pigmentada a pele de uma pessoa, maior a exclusão e a discriminação essa mesma pessoa passará[54]. Nogueira (1998), ao aprofundar seus estudos, aborda esse processo de identidade constituído no psicológico da pessoa negra por dentro, enquanto a sociedade o vê e o atribui valor no campo externo.

> Por outro lado, a imagem do corpo é individual e estritamente ligada à história do sujeito. Suporte do narcisismo inconsciente, é simbolicamente o perfil do sujeito desejante. Que sujeito desejante é o negro, que vê no seu equipamento para satisfação do desejo, o corpo, desde já um entrave – sua cor? Um corpo que é a negação daquilo que deseja, pois seu ideal de sujeito, sua identificação, é o inatingível – o corpo branco (Nogueira, 1998. p. 78).

Sem dúvidas, falar sobre racismo, poder e colonialidade em um contexto do existir em sociedade requer, também, tratar sobre gênero. Seguindo o pensamento de Quijano sobre raça, Lugones (2020) salienta que o poder está estruturado em um padrão de poder capitalista eurocêntrico e global, havendo uma relação de dominação. Anteriormente, abordamos, neste material, acerca da classificação social segundo Quijano, no qual o que entendemos como raça foi estabelecido pelos europeus ao chegarem no continente. Pensando em gênero, entendemos que é papel da interseccionalidade contemplar as mulheres negras nessa discussão sobre

[52] A "Regra de uma gota" e o lado negro da cor. Disponível em: https://bit.ly/3Jb2xT2. Acesso em: 5 jul. 2022.
[53] Colorismo: o que é, como funciona. Disponível em: https://bit.ly/3ovBHLV. Acesso em: 5 jul. 2022.
[54] Você sabe o que é Colorismo? Disponível em: https://bit.ly/3cF4lrs. Acesso em: 9 jul. 2022.

colonialidade e racismo. Criado por Kimberlé Crenshaw em 1989, o termo leva em conta a questão estrutural de racismo, capitalismo e patriarcado – este branco e heterossexual[55].

É papel da interseccionalidade classificar e se atentar às reivindicações particulares das mulheres negras, uma que estas não são brancas (questão da raça) e não são homens (experiência do gênero). De acordo com Lugones (2020), na intersecção entre "mulher" e "negro", há uma ausência na qual deveria estar a mulher negra, precisamente porque nem "mulher" nem "negro" a incluem.

Somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissoluvelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor. Isso significa que o termo "mulher", em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista, já que a lógica categorial historicamente seleciona somente o grupo dominante – as mulheres burguesas brancas heterossexuais – e, portanto, esconde a brutalização, o abuso, a desumanização implicados na colonialidade de gênero (Lugones, 2020, p. 58-59).

Akotirene (2018) descreve a localização interseccional das mulheres negras e a marginalização estrutural presente em sua existência ao recorrer aos textos de Crenshaw[56]. Ao fazer esses apontamentos, a intelectual (Akotirene, 2018, p. 35) afirma que o termo "demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras." Akotirene descreve que esse padrão colonial moderno é responsável pela propagação do racismo e sexismo presente na estrutura social. Na prática, a ausência de direcionamentos políticos, por meio da garantia de direitos para mulheres e meninas negras acarreta em fracassos em políticas públicas (porque as existentes não abrangem o bastante) e fracassos individuais (na falta de meios, não há ruptura das barreiras sociais).

> A inalterabilidade do feminismo branco, movimento antirracista e instâncias dedireitos humanos, se deve ao fato destes, absolutamente, encontrarem dificuldadesmetodológicas práticas na condução das identidades interseccionais. Sensibilidade analítica – a interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a

[55] O que é interseccionalidade e por que devemos falar sobre ela? Disponível em: https://bit.ly/3oAAH9z. Acesso em: 9 jul. 2022.

[56] Em 1989, a advogada e professora estadunidense Kimberlé Crenshaw publicou o artigo "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics", inaugurando o termo interseccionalidade. Dois anos depois, em 1991, "Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor", com a finalidade de localizar internacionalmente as mulheres negras e sua marginalização estrutural. A interseccionalidade é um tema retratado em capítulos adiante.

> identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais.
> No campo jurídico, podemos identificar a exclusão racial por critério de gênero promovida pelo universalismo das políticas públicas relacionadas, o fato de mulheres e meninas negras estarem situadas em pelo menos dois grupos subordinados que, frequentemente, perseguem agendas contraditórias, dando impressão de que todas as violências policiais dilatadas para o sistema penal são contra homens negros. Todas as violências domésticas dilatadas para o encarceramento feminino ou feminicídios são impostas às mulheres brancas (Akotirene, 2018, p. 35-36).

3.6 Mulheres negras e vulnerabilidades

A fim de entendermos de onde vem a concepção acerca da inferiorização da mulher e tudo o que o feminino representa, precisamos compreender que o sistema de gênero como conhecemos foi instituído pelos colonos quando chegaram à América. Lugones (2020) relata que, de acordo com Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, o gênero não era um princípio organizador na sociedade iorubá antes da colonização ocidental.

> A associação colonial entre anatomia e gênero é parte da oposição binária e hierárquica, central à dominação das anafêmeas introduzida pela colônia. As mulheres são definidas em relação aos homens, a norma. Mulheres são aquelas que não têm um pênis; não tem poder; não podem participar da arena pública. Nada disso pertence às anafêmeas iorubás antes da colônia (Lugones, 2020, p. 64).

Ao relatar que Oyěwùmí trata a imposição de raças, inferiorizando africanos e afêmeas como cruciais para a colonização, Lugones (2020) nos leva à compreensão sobre o porquê do tratamento direcionado às mulheres negras durante o período colonial no continente americano. Com esse relato, percebemos que o olhar sobre gênero direcionado para mulheres indígenas e negras na América nunca foi uma questão sobre o ser, mas, sim, uma construção social totalmente voltada para o intuito de dominação. Em seu material, a socióloga descreve que a redução do conceito de gênero, sua estruturalização, racialização e enegrecimento – este determinante para nosso entendimento acerca do tratamento dado a mulheres negras – no qual há a diferenciação sexual em todos os âmbitos da vida, incluindo saberes e práticas e áreas como a economia e espaços de decisão.

Para direcionarmos essa questão para mulheres negras, recorreremos a Davis (2016). A filósofa descreve que, no período da escravidão, as mulheres eram olhadas de forma não menor que homens, sendo tratadas como unidades rentáveis de trabalho (fonte de renda). Uma vez que a referência de feminilidade enfatizava o valor da mãe, companheira e dona de casa, as mulheres negras eram consideradas uma anomalia. Sobre as diferentes realidades dos

estados do Norte (abolicionista) e Sul (escravocrata) dos EUA, a filósofa descreve que enquanto no interior dos estados do Norte, as mulheres escravizadas, nas palavras de Davis, desfrutassem dos "benefícios" da ideologia da condição das mulheres, exercendo tarefas domésticas, a maioria dessas mulheres escravizadas eram trabalhadoras do campo, sendo tratadas como os homens. Força e produtividade eram o que essas mulheres precisavam entregar ao fim do dia para fugirem da ameaça do chicote e do sexo. Sobre o tratamento direcionado às mulheres negras, Davis descreve:

> Mas as mulheres também sofreram de maneiras diferentes, porque eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidos às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres eram: quando era rentável explorá-los como se fossem homens, sendo observados, como efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro de seu papel exclusivo de mulheres (Davis, 2016, p. 11).

Com isso, precisamos ter, de forma clara, o entendimento de que os dilemas acerca da existência das mulheres negras na sociedade não estão apenas ligados à sua negritude ou apenas ao seu gênero, mas por ambos pelos motivos já apresentados. Uma vez que as questões relacionadas ao feminismo negro não são consideradas nos estudos feministas despontados nos séculos XIX e XX, pensadoras negras questionaram demandas ligadas ao gênero e à raça anos depois. Dessa forma, torna o debate e a construção de sua perspectiva ao mesmo tempo urgente, recente, pois mulheres negras ainda reivindicam por espaços e o seu próprio dizer.

É justamente nesse cenário que a interseccionalidade aparece da pluralidade e diversidade feminina, considerando raça, gênero, classe, sexualidade e geração[57]. Nas próximas páginas, destacamos como o contexto de existência é determinante para a construção da identidade do indivíduo consigo próprio e perante a sociedade (o outro).

[57] Feminismos negros e decolonialidade. Disponível em: https://bit.ly/3S43IYQ. Acesso em: 25 jul. 2022.

4 A JORNADA DAS MULHERES NEGRAS PELA ENUNCIAÇÃO DE SI E VIA ANÁLISE DO DISCURSO NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

4.1 A autonomia das mulheres negras e a legitimidade de sua própria enunciação

> E quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. Não nos escondamos detrás das falsas separações que nos impuseram e que tão seguidamente as aceitamos como nossas. Por exemplo: "Não posso ensinar a literatura das mulheres Negras porque sua experiência é diferente da minha". Entretanto, durante quantos anos ensinaram Platão, Shakespeare e Proust? Ou: "Ela é uma mulher branca, o que ela pode dizer para mim" Ou: "Ela é lésbica... O que vai dizer o meu marido, ou meu chefe?" Ou ainda: "Esta mulher escreve sobre nossos filhos, e eu não sou mãe". E assim todas as outras formas em que nos abstraímos umas das outras (Lorde, 1977).

A partir da afirmação de Davis (2016) de que no período da escravidão não havia diferença entre homens e mulheres, percebemos o quão, de fato, as mulheres negras eram tratadas como uma anomalia. Silva (2021) pontua que a Análise do Discurso lida com a língua em movimento com a dimensão social. Logo, entendemos que a Análise do Discurso lida também com a História. Nossa pesquisa trata mulheres negras que são referência para futuras mulheres negras. Logo, é natural retratarmos os movimentos femininos de mulheres negras ou o feminismo negro no Brasil. Entender sobre esses movimentos nos orienta sobre o porquê as demandas das mulheres negras serem tão urgentes e de onde vem essa real necessidade de afirmação; a resistência e, conforme pontuado anteriormente, o pertencimento.

> Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.
> Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?
> Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso… [alguém da audiência sussurra, "intelecto"]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?
> Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

> Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.
> Agradeço a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.
> Sojourner Truth, 1851[58].

Apresento o texto de Truth a fim de expor o que, a meu ver, é a melhor demonstração sobre o modelo social patriarcal – e racista – no qual estamos todos inseridos. Antes de serem negras, mulheres negras são mulheres, o que não as isentam acerca das questões de gênero. Nascida escravizada em 1797, Sojourner Truth foi uma importante abolicionista e defensora dos direitos das mulheres negras nos Estados Unidos. No discurso acima, Truth questiona raça, classe e gênero, contestando o modelo universal. Afinal, como já mencionado, não havia a diferença entre mulher e homem negro (Davis, 2016). Nascida Isabella Baumfree, aos 13 anos, Truth já havia sido vendida três vezes.

Dentro do próprio feminismo, as mulheres negras permaneceram invisíveis. Pensando nisso, apresentamos a palavra *Interseccionalidade*, termo usado pela primeira vez em 1989 pela intelectual negra americana Kimberlé Crenshaw. Akotirene (2018, p. 14) diz que a interseccionalidade visa, de forma teórica, a nomear a indivisibilidade do racismo, o capitalismo e cisgênero (aqui, referimo-nos aos heterossexuais) enquanto estrutura sexual, sendo a interação entre diferentes fatores sociais que definem uma pessoa, pois, gênero, raça e classe não afetam uma pessoa separadamente.

Citando Crenshaw, Akotirene (2018) faz uma observação a respeito da localização das mulheres negras e sua marginalização na estrutura social, denunciando a forma como essa estrutura ainda é mantida em um jogo de cartas marcadas. Para este capítulo, destaco uma observação da pesquisadora em que ela aponta as consequências da falta do que classifica como letramento interseccional quanto ao letramento feminista e antirracista. Essas mesmas perspectivas podem reforçar a opressão, aumentando ainda mais a distância entre mulheres negras, mulheres brancas, homens negros e homens brancos. Na situação descrita a seguir, esse ponto fica mais evidente.

[58] Discurso proferido na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Na ocasião, Truth fez uma intervenção após ouvir um grupo de pastores intervirem sobre os direitos das mulheres. Um fato a ser considerado é que conforme relatos, Truth teve cinco filhos, sendo somente um deles vendidos e não treze, como menciona o texto. A versão mencionada acima trata-se da primeira versão do discurso, publicada um mês após a convenção no Anti-Slavery Bugle (Clarim Antiescravidão) pelo Rev. Marius Robinson, dono do jornal, presente na ocasião. Para a pesquisa, outras versões do texto foram consultadas, confirmando a versão acima. Disponível em: https://bit.ly/3HMBUUG Acesso em: 31 ago. 2023.

> Em 2004, o Estado brasileiro também recebeu condenação pela inobservância da discriminação racial sofrida por Simone André Diniz, pois, em 1997, ao pleitear uma vaga de empregada doméstica, ela encontrou no anúncio da Folha o requisito de 'preferência branca', presencialmente sua inelegibilidade do pleito por ser uma mulher negra. Após essa vítima apresentar a queixa na Delegacia Policial de Investigação de Crimes Raciais, o Estado brasileiro, sobretudo através do Ministério Público, esvaziou a investigação policial, solicitando o arquivamento, por considerar que a criminosa, senhora Aparecida Gisele Mota da Silva, nem sequer praticou atos que pudessem constituir o racismo previsto na Lei 7.716/89, havendo o deferimento do juiz competente sem a desmarginalização de classe, raça e gênero sugerida pela interseccionalidade (Akotirene, 2018, p. 38).

Historicamente, o saber foi e segue sendo negado às mulheres, ainda que elas se esforcem na busca por melhores oportunidades e reconhecimento. Segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), as mulheres ganham, em média, salários 20% menores do que os homens em todo o mundo[59]. Por sua vez, as mulheres negras brasileiras com ensino superior, mesmo em equidade de escolaridade, recebem um salário 55% menor. Realizada pelo Instituto Locomotiva, a pesquisa ainda relata que, enquanto uma mulher negra recebe, em média, R$3.571; um homem branco possui uma renda de aproximadamente R$7,9 mil. Já uma mulher branca possui uma renda média de R$5.097[60].

A partir deste dado, consideramos o ponto de vista de Patricia Hill Collins (2016) que, ao teorizar o contexto das mulheres afro-americanas (sob um olhar acadêmico) aponta que, a partir de um lugar à margem, por meio do status de *outsider within* (forasteira de dentro), houve a produção de um pensamento feminista negro que leva à reflexão negro sobre si mesma (*self*), a sociedade e a família (Collins, 2016, p. 100). Isso descreve que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero. Almeida (2018) reflete que é justamente conforme suas condições de marginalidade social e acadêmica que as mulheres negras teorizam, sendo essa postura crítica essencial para produzir deslocamentos no conceito de intelectualidade baseados em uma perspectiva historicamente eurocêntrica.

Mencionamos anteriormente sobre a situação socioeconômica das mulheres negras no País, sendo determinante não só para o seu *status*, como também para o seu posicionamento social. Ao recordar sobre a relação entre classe e raça, Almeida (2018) mostra que o cerne da questão está no fato de que o capitalismo deve ser compreendido enquanto forma de

[59] Relatório da OIT aponta que mulheres recebem 20% menos do que homens. Disponível em: https://bit.ly/42LsYZ3. Acesso em: 22 mar. 2023.
[60] Mulheres negras recebem 55% menos que homens brancos, diz pesquisa. Disponível em: https://bit.ly/3ZpgROg. Acesso em: 22 mar. 2023.

sociabilidade. Para o professor, a divisão de classes, o processo de individualização e os antagonismos sociais que caracterizam as contradições que formam a sociedade capitalista tem o racismo como veículo importante (Almeida, 2018, p. 113). Trazer as questões econômicas (e dentro delas, as questões ligadas à classe e ao gênero) leva ao entendimento da dimensão dos desafios que envolvem a mobilidade econômica e social da população negra e, em particular, as mulheres.

> Logo, o racismo não deve ser tratado como uma questão lateral, que pode ser dissolvida na concepção de classes, até porque uma noção de classe que desconsidera o modo com que esta se expressa enquanto relação social objetiva torna o conceito uma abstração vazia de conteúdo histórico. São indivíduos concretos que compõem as classes à medida que se constituem concomitantemente como classe e como condições estruturais do capitalismo. Assim, classe e raça são elementos socialmente sobredeterminados (Almeida, 2018, p. 113).

Uma vez que os fenômenos sociais concretos fazem parte não apenas da formação do sujeito como da sua existência, conseguimos chegar ao fato de que a tomada de consciência do quanto à raça interfere em questões sociais, como no trabalho. Afinal, o sujeito social está vinculado à sua condição material, ainda que essa mesma condição não o isente de experimentar o racismo. Se a Análise do Discurso é uma disciplina de interpretação, recorremos ao entendimento do que é o materialismo histórico a fim de aprofundarmos a nossa perspectiva sobre a condição da mulher negra enquanto sujeito social.

O primeiro passo consiste em entender que o materialismo histórico faz oposição ao idealismo, que afirma que a realidade da qual conhecemos depende das ideias existentes no indivíduo. Para o materialismo, o indivíduo está subordinado à sua situação material. Já o segundo passo nos leva à reflexão sobre o fato de que a concepção do materialismo histórico realizada por Karl Marx e Friedrich Engels ocorreu quando a Revolução Industrial estava em plena expansão por toda a Europa (séculos XVII e XVIII). Foi justamente nesse cenário que ocorreu a ascensão da burguesia, o que mudaria para sempre as relações sociais. Aí está a finalidade do materialismo histórico: buscar a origem e entender essa desigualdade, estimulando a tomada de consciência da classe trabalhadora.

Sendo a Análise do Discurso sustentada por meio da articulação Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, é necessário realizarmos a articulação entre a ideologia e o inconsciente, pois, enquanto a primeira interliga sociedade, história e economia, a segunda se volta para a experiência individual (esta singular e intransferível). Ao mencionarmos a esse respeito, voltamos a Orlandi (2005), que aponta:

> Por outro lado, a Análise do Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham com o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a Lingüística) que é a forma 52 encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto lingüístico-histórica (Orlandi, 2005, p. 19).

Paes, Mota e Tocantis (2015) recordam que o imaginário de colonização, historicamente construído, determina o modo como o sujeito produtor da língua produz sentidos para o corpo da mulher brasileira. Usando o vocábulo "pulsão", sob a perspectiva de Lacan, Baldini (2017) explica que o termo está ligado ao fato de que temos um corpo, sendo esse atravessado pela linguagem. Conforme Baldini (2017, p. 25): "A pulsão, tal como é constituída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com que ele mascara sua ignorância, através de uma suposição de uma moral na natureza."

Lélia Gonzalez (1984), por sua vez, pontua que, enquanto pessoas negras, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. O lugar onde nos situamos que é determinante para a nossa interpretação acerca do racismo e do sexismo de forma dupla enquanto fenômeno. Em seus estudos, Gonzalez desmascara o mito da democracia racial, conceito proposto pelo sociólogo Gilberto Freyre difundido principalmente no livro *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. O suicídio de seu marido, Luiz Gonzalez, diante do fato de que sua família, de origem espanhola, não aceitava seu relacionamento com uma mulher negra a leva questionar o tal mito, usando como base teórica o psicanalista Jaques Lacan, também presente nesta dissertação. Por meio de sua obra, fica evidente seu compromisso em articular as lutas mais amplas da sociedade brasileira com pautas voltadas para a questão da negritude e, de modo especial, as mulheres negras. Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Gonzalez (1984) aborda exatamente a figura da mulher negra na sociedade brasileira e como o racismo e o sexismo corroboram para tal.

> Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele que habitualmente vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando a sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar à questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta (Gonzalez, 1979, p. 16).

Sobre a produção e a circulação de sentidos – neste caso, os estereótipos – Fontana e Cestari (2014) reforçam que a luta ideológica se dá também no terreno da linguagem (para

além da imagem), disputando os significantes e produzindo regimes de enunciabilidade. A esse respeito, Pechêux (1997) entende que houve um acontecimento discursivo com uma atualização e deslocamento de sentidos. Por sua vez, ele define o acontecimento discursivo como o ponto de uma atualidade e uma memória, sendo um elemento histórico descontínuo e exterior que afeta a memória, produzindo rupturas e deslocamentos (Pêcheux, 1997). Tendo essa dimensão, entendemos o real efeito da seguinte afirmação de Lélia Gonzalez (1984, p. 226): "Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, trocadora de ônibus, ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão."

Quando Lélia Gonzalez (1984) menciona quais são os lugares destinados às mulheres negras no imaginário social, ela recorre a psicanálise enquanto suporte epistemológico, afirmando que o negro é aquilo que a lógica da dominação tenta domesticar. Em nossa pesquisa, esse é um ponto que vai ao encontro da nossa afirmação que o negro é sempre descrito pelo olhar do branco. Sob o mesmo olhar, Nogueira (1998) aponta que, na psicanálise, o sujeito se define como uma estrutura marcada pela descontinuação do inconsciente e do consciente. Essa interrupção significa que a inconsciência como tal foge à consciência e aos processos que o habitam inconscientemente nos quais não pode exercer um controle consciente. A fim de explicar a lógica da dominação, Gonzalez (1984) recorre a duas noções: a de consciência e de memória.

> Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena (Gonzalez, 1984, p. 227).

"Qual é o lugar certo para a mulher negra estar? Até onde uma mulher negra pode ambicionar?". Esses são questionamentos que, diante do modo como a sociedade brasileira foi condicionada (e se condicionalizou), leva a respostas imediatas (e, com isso, reforçando estereótipos) quando questionados. O legado deixado pela escravidão implica a distâncias sociais entre negros e brancos, o que vale, também, para a educação e, consequentemente, as profissões de prestígio.

Flávia Oliveira, jornalista de *O Globo* e comentarista na *Globo News*, que também é negra, em entrevista ao programa *Espelho* afirmou que, ao escolher um curso para a vaga profissional, jovens negros são orientados a escolher cursos de menor prestígio[61]. Diferentemente das mulheres brancas, as mulheres negras sempre estiveram ligadas ao mundo do trabalho. Sendo assim, é necessário lembrar que diante da tardia abolição brasileira, a organização política das mulheres negras também começou de forma considerada recente no Brasil. Sendo justamente o papel de exercer mudanças sociais, os movimentos políticos exercem a unificação de vozes, gerando questionamentos e incômodos, sendo estes, de fato, causadores das mudanças de perspectivas.

No País, o feminismo negro começa a se organizar politicamente de forma expressiva a partir da década de 1970, com o Movimento das Mulheres Negras (MMN), por meio da percepção de que faltava uma abordagem abrangente das pautas de gênero e raça[62]. Naquela época, a discussão sobre a questão racial ainda não era presente, uma vez que a concepção de feminismo ainda era ligada às mulheres brancas de classe média. As mulheres negras, por sua vez, não eram reconhecidas na identidade histórico-social do País.

Para que as reivindicações saiam do campo das ideias para as ações executadas, requer-se a execução de ações coletivas. Com isso, em uma ordem social no qual tudo lhes foi negado, as mulheres negras brasileiras, comparadas com as americanas, demoraram a se organizar politicamente. Davis (2016) relata que, em 1787, a população negra americana fez uma petição ao estado de Massachusetts para conseguir o direito de frequentar as escolas de Boston. A petição foi registrada e o líder da iniciativa fez da sua casa uma escola. No Brasil, a lei de 1854 obrigava as escolas do Império a aceitarem alunos de qualquer cor, desde que elas fossem livres e saudáveis. Em contrapartida, as escolas particulares poderiam selecionar os alunos de acordo com os interesses dos seus donos[63]. No século XIX, teorias como o Darwinismo Social (em que a raça branca era tida como superior) estavam em ascensão.

No Brasil, o feminismo negro teve o seu primeiro pontapé com a criação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, em 1950, no Rio de Janeiro. A realização do 1º Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, em 1992, merece menção nesta pesquisa, uma vez que se trata de um marco internacional de luta e resistência da mulher negra. Realizado em Santo Domingos, República Dominicana, o encontro instituiu o dia 25 de julho

[61] Flávia Oliveira: Sabrina Fidalgo e Luíse Bello. Lázaro Ramos cede o comando do programa para Flávia Oliveira, que comandaria uma série de entrevistas sobre o protagonismo da mulher. Disponível (somente para assinantes) em: https://globoplay.globo.com/v/9003859/. Acesso em: 10 ago. 2020.
[62] Feminismo negro no Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3iI2XaW. Acesso em: 8 out. 2022.
[63] A primeira escola exclusiva para negros no Brasil. Disponível em: https://bit.ly/3KgJ6dQ. Acesso em: 12 out. 2022.

como o Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe. Na época, foi instituída uma rede de mulheres negras pertencentes à região, com o intuito comum de dar visibilidade à presença da mulher negra nesses continentes, possibilitando, também, a discussão de temas relativos à condição dessas mulheres, principalmente na denúncia do racismo e do sexismo. Em novembro de 2015, aconteceu a Marcha das Mulheres Negras, em Brasília. Com a finalidade de exigir o fim do racismo, a violência e o bem viver, o encontro contou com a participação de 50 mil pessoas.

4.2 A relação entre o Feminismo Negro e Análise do Discurso: o que as mulheres negras dizem sobre si?

> Não admitimos as equivocadas análises que fazem de circunstâncias que nos são impostas, tampouco aceitamos limitadas definições do que sejam as mulheres negras. Somente nós mesmas podemos nos definir. Somos as fontes mais genuínas de conhecimento sobre nós; exigimos que estudos que nos tomem por temática tenham como centralidade nossos pontos de vista de mulheres negras (Silva, 1998).

Percebemos que a organização em grupos de forma política foi e segue sendo fundamental para que as demandas das mulheres negras sejam elencadas, dando voz e concretude às suas necessidades. Joice Berth (2019) descreve que, tratando-se de narrativas negras, é necessário ir além das histórias de opressão, sendo preciso conhecer as trilhas dos caminhos de luta percorridos nessas opressões[64]. Em outras palavras, não perder a perspectiva histórica de resistência e possibilidade de existir por meio da autodefinição.

Entendendo que os processos de identificação são gerados, compreendermos a importância da forma que a presença de Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho produz sentido em crianças negras é necessária para realizarmos esse resgate não somente do papel, mas da existência das mulheres negras em uma sociedade miscigenada, mas estruturalmente segregadora e racista como a brasileira. É fundamental resgatar o modo como esse processo se deu ao longo do tempo, captando a maneira como os estereótipos foram se formando sobre essas mulheres, assim como os seus efeitos também no que se refere ao psicológico.

A fim concebermos sob outra perspectiva acerca de como o sujeito se constitui e como ele é constituído perante os fatores que envolvem o "estar situado" em uma sociedade, recorreremos à percepção do que é a Psicologia Social Crítica e no que ela consiste. Para isso, é preciso voltarmos para a década de 1960, quando aconteceu a chamada "crise" da Psicologia Social. Ela discorreu com a estruturação das correntes sociológicas da Psicologia Social, tais

[64] Ao fazer essa afirmação, Berth (2019) se referia a Lélia Gonzalez.

quais a teoria das representações sociais, o intervencionismo simbólico, a psicologia discursiva, entre outros. Conforme essa corrente, houve uma abertura de ruptura na perspectiva hegemônica na Psicologia Social até então dominante. Logo, rompeu-se a ideia de objetividade, visando a priorizar o ser humano. Foi nesse contexto que a crise começou.

Se para a Análise do Discurso (AD), as pessoas não são proprietárias do seu próprio dizer, sendo submetidas ao mesmo, a noção de que temos do sujeito ser totalmente convicto de quem é e dono do seu dizer se dissipa. O que vale, para a AD, não é o que o sujeito é, de forma concreta, mas, sim, como ele se posiciona. Pêcheux (2014) resume o que apresentamos como o processo de interpelação-identificação, que produz o sujeito no vácuo deixado, pois há um vazio entre a evidência do que o sujeito é (seu nome, sua família, de onde vem, seus ideais...) e como que ele se apresenta. É justamente nesse vácuo que ocorre o processo de identificação-interpelação (Pêcheux, 2014, p. 145).

Pêcheux ainda afirma que quem age subjetivamente, designando o que é e o que deve ser é a ideologia (2014, p. 146). Não existe um sujeito individual: o que existe é uma ideologia se manifestando por meio do sujeito. Isso é demonstrado na linguagem, sendo a ação transformadora e que constitui identidade. Nessa perspectiva de interpretação (em que a linguagem é mediação simbólica), o sujeito é efeito da linguagem. O que entendemos sobre autonomia, na verdade, trata-se da cultura do assujeitamento.

> Ao dizer que o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua 56 subordinação, seu assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia, não estamos, pois, fazendo apelo a nenhuma 'transcendência' (um Outro ou um Sujeito reais); estamos, simplesmente, retomando a designação de Lacan e Althusser – cada um a seu modo- deram (adotando deliberadamente as formas transvestidas e "fantasmagóricas" inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui e reproduz o efeito-sujeito com o interior sem exterior, e especificamente- acrescentaremos- do interdiscurso como real (exterior) (Pêcheux, 2014, p. 150).

É comum dizer que o potencial do ser humano seja determinado por suas características biológicas (físicas). Por outro lado, suas ações são influenciadas por meio de seus aspectos psicológicos (desejos, motivações e inseguranças) e pelo ambiente social (expectativas alheias) no qual está inserido. Juntos, esses três aspectos formam o que iremos classificar como sujeito biopsicossocial, sendo constituídos como um todo. Sabemos que o sujeito é interpelado pela ideologia, sendo ele o efeito da linguagem, já que não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à Língua (Orlandi, 2007b). É na formação discursiva o

lugar no qual ocorre a constituição do sentido e a identificação do sujeito, sendo um efeito da interpelação, como afirma Orlandi (2007b).

A pesquisadora mostra que cada ordem dada à interpretação tem suas formas e condições, não acontecendo da mesma forma em movimentos históricos. Para Orlandi (2007b): "A determinação histórica na constituição dos sujeitos e dos sentidos tem uma forma material concreta distinta nas diferentes formas sociais". Entendemos e reconhecemos o quão fundamental é o subjuntivo, e Orlandi (2007a) nos direciona a respeito da externalização na interpelação do sujeito. A noção que lida com a exterioridade constitutiva é o interdiscurso e já o mencionamos anteriormente.

Ao comparar os sujeitos medieval e capital, Orlandi (2007a) explica que no sujeito medieval, a interpelação ocorre de fora para dentro, não havendo a separação entre o mundo interior e o exterior. Já no sujeito capitalista (moderno), ao mesmo tempo em que ele é livre, ele é submisso, sendo determinado pelo exterior e por um determinador que lhe impõe essa condição. Esse sujeito, então, entende que é conduzido por sua própria vontade.

Orlandi (2007b) afirma que, embora a subjetividade possua como alternativa seus mecanismos linguísticos específicos, não podemos compreendê-la somente por eles, sendo necessário entendê-la também por sua historicidade. O que nos instiga, no entanto, é saber se esse duplo movimento da subjetividade, esse assujeitamento, ocorre sem qualquer resistência por parte do sujeito. Orlandi (2005b) nos convida a fazer essa reflexão, a entender como ocorre a resistência por parte do sujeito e em qual circunstância. Para ser sujeito, ele renuncia a outros discursos ao ser interpelado pela ideologia, uma vez que, ao escolher, o sujeito se posiciona, ocorrendo, então, um movimento de resistência. A interpelação é um processo em que há falhas, sujeitas ao acontecimento do movimento de resistência. É na Língua que incidem tais falhas. A esse respeito, Orlandi (2005b) explica melhor:

> Portanto, em relação à Gramática, não é em seu conteúdo mas no modo como se estrutura seu discurso em função de um sujeito de conhecimento que se encontra a marca da interpelação. A de um sujeito que deve se relacionar com o saber a língua. Sujeito em que a característica forte do individualismo e do humanismo estão presentes. Língua de que a gramática pode prover o conhecimento e, desta forma, o domínio. Aí estão pois expressas as características do sujeito da gramática: o sujeito pragmático. Daí a forma de representação da língua. Daí seu modo de funcionar como norma acessível pelo ensino no modo de funcionamento da sociedade burguesa capitalista (Orlandi, 2005b, p. 6).

Ao revelar a verdadeira relevância da gramática, Orlandi nos faz perceber que é por meio dela que Língua e História se relacionam.

> Ora, esse sujeito não pode resistir à língua sem ser marginalizado ao cair fora da norma. Para entendermos como se resiste e como se cai "fora" da legitimidade vamos usar o exemplo da pichação e vamos caracterizá-la como lugar de resistência. Nosso objetivo é aprofundar na compreensão do segundo movimento, o da individualização pelo Estado, e da possível contradição que permite uma desconstrução da forma histórica do sujeito afetando sua interpelação (Orlandi, 2005b, p. 7).

Por meio de *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (1998), anteriormente tratamos a epidermização da inferioridade na pessoa negra diante dos efeitos psicológicos do racismo. Agora, o que pretendemos é entender determinados comportamentos (individuais e sociais) e seus efeitos na cultura como um todo. Para a Psicologia Social, o *status* de poder de um indivíduo e/ou um grupo pode levar outras pessoas a adotarem determinadas posturas, o que nos auxilia na compreensão sobre o efeito de representação. A Psicologia Social é uma área da Psicologia que tem como foco justamente observar o comportamento do sujeito perante seus relacionamentos, possui ligação com esta pesquisa diante do fato de que os efeitos de representatividade gerados em crianças negras se dão diante de uma relação entre telespectador e apresentador.

Os estudos na área surgiram no século XX, sendo um ramo localizado entre a Psicologia e a Sociologia. Desse modo, cabe à Psicologia Social Crítica situar sobre o saber psicológico, em geral, como uma forma de entender, guiar e regular a vida cotidiana, compreendendo e explicando os meios pelos quais uma "cultura psicológica" (Parker; Burman, 2008 *apud* Gruda, 2017, p. 518) é diferenciada e instituída, sendo instalada para além do conhecimento acadêmico e da prática da psicologia (Gruda, 2017).

Sobre a postura do sujeito em sociedade – que chamaremos de máscara social – apresentamos a abordagem de Theodor Adorno (1903-1969). Um dos fundadores da Escola de Frankfurt, Adorno teve como uma de suas missões investigar as relações humanas, tendo se interessado pela Psicologia Social; que indica a relação entre sujeito e sociedade. Associada ao Instituto para a Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, a Escola de Frankfurt foi uma escola de pensamento e análise filosófica e sociológica surgida na década de 1920. Na década seguinte, em virtude da ascensão do nazismo na Alemanha, o instituto foi transferido para as cidades de Genebra, Paris e Nova York até 1953, quando voltou em definitivo para a Alemanha.

Os pensadores da escola eram judeus e tiveram que fugir para se livrarem da perseguição do regime nazista, inclusive Adorno. Foi na Escola de Frankfurt em que foi desenvolvida a Teoria Crítica, cuja abordagem contrapunha a teoria cartesiana (racionalista), proposta por Descartes. Os autores da Escola de Frankfurt (entre eles, Adorno) fizeram sua

crítica baseados no fato de que se estruturam na percepção de que o uso da razão no nível extremo não gera, como pensavam os iluministas, mais progresso e maior emancipação humana. A própria ciência e tecnologia se transformaram em instrumentos de dominação, impactando a própria cultura. Na Análise do Discurso, esse fator vai ao encontro das condições de produção de sentido, uma vez que a disseminação de uma cultura que favorece ao capitalismo (por meio da imposição de um modelo de padrão) mantém sólidas as bases do capitalismo.

Crochick (2018) esclarece que a distinção entre Psicologia e a Sociologia ocorre diante do fato de que é revelado um objeto cindido e sua própria constituição somada à tendência de sua regressão. Com isso, a atuação social talvez retrate o fingimento, pois a usamos para viver em coletividade (Crochik, 2018). Essa perspectiva nos faz entender, por exemplo, o que leva uma mulher negra a alisar o cabelo quando a única finalidade é atender a uma pressão social. Crochick (2018) ainda explica que, como o sujeito é constituído socialmente, não tem como entendê-lo somente pelo viés psíquico, uma vez que ele é mediado socialmente.

Em *Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise*, de 2015, Adorno critica essa separação da Psicologia, que foca na lógica da Ciência, em detrimento das singularidades do sujeito. Assumimos que essa é uma perspectiva que diverge da Análise do Discurso. Ainda assim, escolhemos mantê-la diante do fato de que, apesar de legítimas, questões raciais são constantemente deslegitimadas. Se nos mantivéssemos alinhados à perspectiva de Souza (2021), trataríamos a questão como patologia (embora seja). Por outro lado, se voltássemos o nosso olhar apenas sob o ponto de vista da AD, ainda que abordássemos autores discursivistas que tratam a questão racial na AD, não abordaríamos a questão do comportamento que, para a compreensão desta pesquisa, é fundamental[65]. Logo, a escolha de explorar uma filiação teórica diferente do discurso é propositalmente realizada em virtude do entendimento.

> As ciências da sociedade e da psique, na medida em que transcorrem lado a lado desconectadas, sucumbem igualmente à tentação de projetar em seu substrato a divisão do trabalho do conhecimento. A separação entre sociedade e a psique é falsa consciência; ela eterniza categorialmente a clivagem entre sujeito vivo e a objetividade que impera sobre os sujeitos mas que provém deles. Não se pode, entretanto, retirar a base dessa falsa consciência através de um decreto metodológico. Os seres humanos não conseguem reconhecer-se na sociedade porque eles são alienados entre si e em relação ao todo. Suas relações sociais são objetificadas se lhes apresentam necessariamente como um ser em si e em relação ao todo (Adorno, 2015, p. 74-75).

[65] A contribuição de Adorno nesta pesquisa consiste em ser um ponto de partida de que a sociedade capitalista impõe um padrão a ser seguido (construção da heteronomia), tornando o sujeito igual aos demais e anulando sua singularidade.

E alerta:

> Somente através da determinação da diferença, e não através dos conceitos ampliados, sua relação será expressa de forma adequada. A verdade do todo reside na unilateralidade, não na síntese pluralista que nada quer saber da sociedade e que insiste idiossincraticamente no indivíduo e em sua herança arcaica exprime mais do que a fatalidade social do que uma que se integra à não mais existente universitas literarum", através da consideração de "fatores" sociais ou através de uma "wholistic approach" [abordagem holística] (Adorno, 2015, p. 75).

Com as citações mostradas acima, damo-nos conta do fato de que não é possível que haja uma dissociação entre o corpo e a psique. Afinal, o sujeito é constituído e se constitui de modo sócio-histórico e por meio dos tensionamentos e contradições ao se relacionar com os outros e com a cultura (Crochik, 2018, p, 521). Ao questionar até onde as conclusões de Freud e Adler são referência em uma tentativa de explicação da visão de mundo de uma pessoa negra, Fanon (1998) recorda que a psicanálise busca compreender determinados comportamentos do grupo definido por nós como família.

O psiquiatra explica que na Europa, enquanto estrutura, a família é a primeira referência de visão de mundo que a criança irá adquirir. Uma criança normal, crescida em uma família normal, será um homem normal (Fanon, 2008, p. 128). Por outro lado, ao inverter a lógica para a criança negra (dado o contexto de colonialismo), ele conclui que uma criança negra ficará anormal ao menor contato com o mundo branco (Fanon, 1998, p. 129). Fanon descreve, ainda, sobre a chegada de um estudante negro jovem a Sorbonne, na França, mas o que podemos usar dessa perspectiva para a pesquisa é o contato do negro com um mundo que é branco, sendo que, diante do iminente risco de repúdio, ele será levado a estar em permanente defensiva.

> A autoridade do Estado, é, para o indivíduo, a reprodução da autoridade familiar através da qual ele foi modelado desde a infância. O indivíduo assimila as autoridades encontradas posteriormente à autoridade paterna: ele percebe o presente em termos de passado. Como todos os outros comportamentos humanos, o comportamento diante da autoridade é aprendido. E é aprendido no seio de uma família que pode, do ponto de vista psicológico, ser identificada pela sua organização particular, isto é, pela maneira com que a autoridade é distribuída e exercida (Marcus, 1949 *apud* Fanon, 1998, p. 128-129).

Ao avançarmos a leitura desse trecho de *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (1998) mostra que a relação entre o "senhor" e o "africano reprimido" trata-se de uma instância instalada de forma inconsciente nas profundezas do coletivo. Ao questionar o modo como

essa lógica persiste na atualidade[66] e suas possíveis consequências, ele conclui que somente recorrendo a catarse coletiva é possível responder essa questão. Na prática, isso quer dizer que se trata de um mito perpetuado pelo tempo. Quando consideramos o inconsciente, precisamos levar em conta a questão da identificação e como ela ocorre.

Na presente dissertação, recorremos à perspectiva de Lacan devido à sua trajetória ligada ao inconsciente presente em toda a sua obra. Para o francês, o inconsciente é estruturado como linguagem sendo que, ao diferenciar o sujeito do significante, o psicanalista apresenta o *estatuto do nome próprio* para falar sobre a identificação, um nome que vale por sua função que particulariza em sua materialidade sonora e que tem como função para sujeito na linguagem nomear mediante a sua bateria significante. Sob um olhar discursivista, devemos nos atentar ao fato de que, em toda prática social, há formações ideológicas em que ocorrem as formações discursivas. Nessas, ocorre uma falha, na qual acontece a *identificação interpelada em sujeito*. Dialogando com a obra de Souza (2021), notamos que, ao negro, essa construção do ego por meio dos processos de identificação, em grande parte é negada, tornando o modelo de identificação normativo-estruturante branco algo a ser seguido.

> O ideal do ego é um produto da decantação dessas experiências. Produto formado a partir de imagens e palavras, representações e afetos que circulam incessantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura. Sua função, no caso ideal, é a favorecer o surgimento de uma identidade do sujeito, compatível com o investimento erótico do seu corpo e pensamento, via indispensável a sua relação harmoniosa com os outros e com o mundo (Souza, 2021, p. 27).

Quando relacionamos sujeito, raça e corpo nos *processos de identificação no discurso,* observamos e dimensionamos acerca dos atravessamentos que ocorrem na pessoa negra. Ao abordar a identidade do sujeito, como em uma espécie de quebra-cabeça (interpreto desse modo), Pêcheux (2014, p. 143) afirma que, no tocante à "questão da interpelação-identificação ideológica, nos leva a colocar, em ligação com esse sintoma, a existência do que chamamos como um processo do significante na interpelação-identificação". Aqui, o filósofo (com base em Lacan) deixa claro que isso é algo que transcende ao papel da linguagem e até mesmo a influência das palavras, deixando incerto o papel do significante (que entendo como um efeito do dizer), ou seja, daquilo que representa o sujeito para outro significante (Pêcheux, 2014, p. 143). Ao conectarmos essa informação com as perspectivas de Nogueira (1998) e Souza (2021), percebemos de fato essa conexão.

[66] O livro foi publicado pela primeira vez em 1952, o que leva o autor a classificar o século XX como um período atual.

Nogueira (1998) identifica que essa internalização do ideal de um ego branco é realizada pelo sujeito negro em virtude da violência racista que o afeta, o que é algo conflitante, uma vez que, diante da adaptação desse ego com o "ser negro" e tudo que envolve esse sacrifício, acarretará no que ela (referindo-se a Jurandir Freire) classifica como *regras das identificações normativas ou estruturantes*.

Seguindo, também, a linguagem psicanalítica, Souza (2021, p. 26) mostra essa mesma contraposição entre o ideal do ego negro e do branco em que essas regras são o que permitem que o sujeito ultrapasse a fase inicial do desenvolvimento psíquico (que ocorre, em um primeiro momento, ainda na infância) no qual o perfil da sua identidade é desenhado sob dupla perspectiva: 1) do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna; 2) da imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perspectivo da criança. Souza detecta que essa é a fase que inaugura a construção da identidade que nomeia com *narcísica, imaginária* ou *onipotente*.

Uma das propostas desta pesquisa é exatamente tentar responder essas lacunas sobre os processos de identificação do sujeito negro, o que nos direciona acerca do entendimento do quanto que a representatividade negra é relevante e, de fato, impactante. Até aqui, temos tentado responder essas lacunas sobre a construção do negro como indivíduo diante de uma realidade negada há tempos por meio da forma como o racismo é perpetuado. Sem dúvidas, é um desafio, mas realmente transformador.

No próximo tópico, descrevemos sobre o que é ser uma mulher negra de forma tão singular como é no Brasil.

4.3 "Quem são as mulheres negras do Brasil?" – experiências recorrentes, mas não iguais

Nenhuma experiência ou jornada sobre ser mulher negra é ou será igual. Por outro lado, essas experiências terão caminhos que, em momentos e contextos semelhantes, se encontrarão. Não é pretensão deste trabalho generalizar existências, mas, sim, fazer apontamentos pontuais, mostrando evidências em que elas se reúnem. Embora a definição de representatividade seja corresponder aos interesses de um grupo, aqui essa definição se aplica ao se ver em uma outra pessoa, com as mesmas características que você em uma posição de prestígio. Isso é o que ocorre entre as meninas negras e as jornalistas retratadas na presente pesquisa. Logo, fazendo jus a essas vivências, compreendemos o quão fundamental é a representatividade e os sentidos que ela produz para a reconciliação positiva do negro

brasileiro com a sua cor e identidade (uma vez que ser negro não é sinônimo de ter letramento racial).

Em *Quem tem medo do feminismo negro*, ao retratar suas vivências na adolescência, Djamila Ribeiro (2018) relata episódios de racismo religioso, exclusão e solidão. No livro, Ribeiro conclui que o racismo se constitui como a "ciência" da superioridade eurocristã (branca e patriarcal) à medida que se estruturava o modelo ariano de explicação, crítica essa estendida também às teorias feministas, centradas na branquitude.

A filósofa relata que quando criança era alvo de piadas por conta da cor da sua pele. À sua volta, a sociedade concordava com aquela constatação, uma vez que ela não se via na TV, nas revistas, nos livros didáticos, nem em suas professoras. Ao relatar uma situação sobre sua filha, percebemos sobre o privilégio branco e como ele acontece ainda na infância.

> Um dia, quando levava minha filha à escola, um grupo de adolescentes começou a rir dela, que usava uma flor no cabelo solto. Minha filha nem percebeu, mas eu me aproximei deles e disse calmamente: 'Estão rindo do quê?O cabelo dela é lindo. Se eu voltar e vocês estiverem aqui, vou pegar um por um.' Claro que não faria nada daquilo, só queria só assustá-los (e consegui!), mas ouvi críticas do tipo: 'Ah, eram só adolescentes brincando.' E eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá sua autoestima aviltada, que desde cedo é ridicularizada? (Ribeiro, 2018, p. 20).

Em 2018, a influenciadora e empresária Ana Paula Xongani, por meio de seu canal no *YouTube*, relatou a sua experiência da solidão da mulher negra ainda na infância por meio de uma situação ocorrida com sua filha Ayo, na época, com quatro anos de idade. Intitulado como *Eu tenho pressa*, Xongani fala sobre a importância de os pais educarem crianças não-negras de forma que elas possam conviver, respeitar e acolher crianças negra[67]. Nesta dissertação, mencionamos esse caso de forma indireta, com finalidade em exemplificar como o racismo afeta o gênero feminino, pois entendemos que pessoas negras devem ser sujeitas de suas construções[68]. Em entrevista ao portal *Mundo Negro*, Xongani relatou o modo como se sentiu afetada ao reviver essa situação no trecho abaixo.

> Nós mulheres negras vivemos esses mesmos traumas na infância. Foi ruim, mas com o passar do tempo a gente esqueceu, superou ou refletiu em outros momentos da vida. Mas, ser mãe te faz reviver alguns deles, e dessa vez de forma mais intensa e muito mais dolorosa (Nascimento, 2018).

[67] Eu tenho pressa. Disponível em: https://bit.ly/2s1tylH. Acesso em: 27 mar. 2023.

[68] Em conversa com o site *Mundo Negro*, em 2018, Ana Paula Xongani relatou que recusou todas as propostas de entrevistas por decidir lidar com o tema de forma cautelosa. Ao portal, ela fez a seguinte declaração: "Não quero ser objeto do racismo e sim ser sujeito das minhas construções". Na época, o seu *post* a sobre o caso no *Facebook* gerou 7 mil compartilhamentos, com a viralização da *hashtag #EuTenhoPressa*. Disponível em: https://bit.ly/3K8HX8b. Acesso em: 27 mar. 2023.

A fim de relacionar a AD com o feminismo negro, abordamos aqui a respeito da teoria do ponto de vista (*standpoint theory*), porém, seguindo o pensamento proposto por Cestari (2015) retomado a partir da teoria do ponto de vista e de duas feministas estadunidenses que são referência para o feminismo negro. Basicamente, a ideia consiste no fato de que as perspectivas do sujeito são moldadas fundamentadas nas suas experiências sociais e também políticas. Cestari propõe – fazendo sentido para o direcionamento proposto em nosso trabalho – dialogá-lo com a práxis da AD ao relacioná-la com pensamento feminista negro americano[69]. Ao questionar expressões como "ponto de vista" e "como mulher negra", ela lembra da pluralidade e diversidade que envolve a existência das mulheres negras, algo também mencionado nesta pesquisa. Esse diálogo com a AD promove uma ruptura com a ideologia dominante imposta a essa mulher, fugindo de um possível relativismo.

> As mulheres negras, segundo Bell Hooks (1983), por ocuparem nesta matriz de dominação uma posição sem "outro" para discriminar, explorar ou oprimir, tem uma experiência que pode conformar um ponto de vista vantajoso para criticar a hegemonia racista, classista e sexista, bem como para formular uma contra-hegemonia. Este ponto de vista que difere de outros que têm certo grau de privilégio social pode contribuir com as lutas feministas e projetos de transformação social como um todo. Patricia Hill Collins (2000), em texto que apresenta as características principais do feminismo negro estadunidense, reforça que o fato de mulheres negras sofrerem opressões interseccionais produz pontos comuns entre elas, mas não garante um ponto de vista estático e homogêneo (Cestari, 2015, p. 45).

Segundo Lélia Gonzalez (1979), podemos, também, entender o racismo enquanto discurso de exclusão, visto que o grupo excluído é tratado como objeto e não como sujeito. De acordo com a autora, o dizer sobre produz o silenciamento de vozes (e nesse caso, sentidos) das e sobre as mulheres negras. Graças a esse impedimento, os discursos sobre as mulheres negras as retratam como não qualificadas para dizerem de si, sendo acusadas de que a fala de grupos minoritários é "emocional", o que revela a finalidade da invalidação como forma de apagamento.

Por sua vez, bell hooks (1995), ao romper com a ideia de representação das mulheres negras por meio do servilismo e também da sexualidade, pontua que a objetificação dos corpos[70] se opõe à prática da intelectualidade das mulheres negras, rompendo com esse modelo de representação.

---

[69] Vale reforçar que os estudos sobre feminismo negro começaram nos EUA antes do Brasil.

[70] Esse não é o viés da abordagem da pesquisa, mas, por meio da representatividade, desde a infância, rompe-se com essa finalidade até então determinada como destino para as meninas negras.

> No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, a reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados. O modo mais sutilmente paternalista é exatamente aquele que atribui ao sentido de "discurso emocional" à verdade contundente da denúncia presente na fala do excluído. Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam numa renúncia à razão, mas, ao contrário, num modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão (Gonzalez, 1979, p. 16).

Uma pretensão deste material é abordar as vivências particulares experimentadas pelas mulheres negras brasileiras para as páginas e, consequentemente, as discussões e os apontamentos. Por isso, para além do *corpus*, apresentamos os relatos anteriores. Entendemos que o ambiente acadêmico – ainda que aborde a pauta racial – é distante do dia a dia das meninas e das mulheres brasileiras. Essa é uma constatação porque o estudo é uma conquista que, dentro das minorias, é para poucos. Abordar essa lacuna de forma tão aberta neste trabalho nos possibilita a formulação das provocações, inserindo, também, a Análise do Discurso na construção de apontamentos.

Essa concepção é apontada por Berth (2019):

> Em longo prazo, o silenciamento do grupo dos oprimidos e o endurecimento do conveniente desinteresse dos grupos dominantes em discutir nossas matrizes opressoras das desigualdades deixou um enorme atraso na produção do conhecimento, visto que há uma incompletude em quase tudo que propõe a estudar sobre temas correlatos, e uma superficialidade generalizada que foi mutilando todas as forças que carecem do conhecimento profundo para se atualizar e instrumentalizar a sociedade no sentido de viabilizar práticas de erradicação dos nossos problemas históricos (Berth, 2019, p. 38).

Por meio das autoras mencionadas acima, podemos sair da superficialidade acerca da invalidação dos dizeres proferidos por mulheres negras. Embora haja uma incompletude mesmo reconhecendo os estudos de pioneiras como Lélia Gonzalez, Patricia Hill Collins, Angela Davis e outras mais contemporâneas, como Djamila Ribeiro, conseguimos fundamentar os questionamentos para esta e outras pesquisas relacionadas às mulheres negras. Ainda vivemos em uma sociedade na qual o dizer proferido por uma mulher negra é invalidado, porém, com permanente provocação, a fim de confrontar a produção de conhecimento por mulheres negras ganha amplitude de voz, rompendo a hegemonia de terceirização acerca da condução da vida das mulheres negras.

5 DELIMITAÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DO CORPUS: DEMARCAÇÃO E CIRCUNSTÂNCIAS DE ANÁLISE

5.1 Procedimentos metodológicos: condições de produção da análise e delimitação de material do *corpus*

Diferentemente do que é comum na produção de *corpus* das pesquisas acadêmicas, em que os critérios são adotados conforme critérios estabelecidos, em nosso estudo, houve um percurso no qual a possibilidade de trabalhar com a análise linguístico-discursiva e imagética se abriu diante de conclusões minhas enquanto aluna especial do Posling/Cefet-MG, embora elas já fizessem parte do seu percurso iniciado ainda na graduação. Como já mencionado, entre os anos de 2015 a 2018, temas como empoderamento, representatividade e feminismo negro ganharam força nos espaços de debate, o que de fato impulsionou e influenciou o modo de consumo nas mídias sociais e tradicionais, como a televisão, pela cobrança por representatividade.

Como telespectadora, a ascensão das carreiras de Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho chamou a minha atenção enquanto ambas já traziam, em suas trajetórias, uma íntima relação com questões, por exemplo, a representatividade e a educação – fatores que também nortearam a minha vida. A chegada de ambas na apresentação dos telejornais MG1 e Hoje, entre 2019 e 2021, colocou-as na instância de referência para a população negra e, de modo particular, a feminina. Anteriormente, pontuamos questões como a significação do corpo negro, a condição da mulher negra e os seus processos de identificação.

Por outro lado, a diferença dos tons de pele de ambas as jornalistas e o modo como esse fator influencia a aceitação delas perante ao público foi a principal diferença notada por mim durante o desenvolvimento da pesquisa. Enquanto Aline Aguiar é uma mulher negra de pele clara, Maria Júlia Coutinho é uma mulher negra retinta com a pele escura. Mencionamos anteriormente a respeito do conceito de colorismo e os ataques sofridos por Coutinho70. Retratamos também o apontamento realizado por Cruz e Lopes (2019) onde a figura do jornalista não é associada ao "ser negro", uma vez que a figura do jornalista é uma figura de prestígio e, consequentemente, poder. No entanto, ainda não havíamos abordado sobre a mulher negra enquanto também figura feminina.

[70] Ver tópico "1.1 Contexto da pesquisa: anseios de uma não-pesquisadora", no primeiro capítulo.

Enquanto Aline passa a se afirmar enquanto mulher negra de modo intenso principalmente após a sua transição capilar[71], por meio de posts nas redes sociais e com o desenvolvimento de sua própria dissertação de mestrado[72], em Coutinho essa negritude torna-se evidente diante do fato de que a sua pele é mais escura[73]. Ainda que pessoas negras enfrentem as instâncias que colaboram para o racismo estrutural presente na sociedade e consigam estar em espaços e poder, as tratativas serão diferentes, pois quanto mais escura for a pele de uma pessoa, maior dificuldade ela enfrentará para estar em um espaço de poder. É necessário nos atentarmos a esse fator para não interpretarmos como verdade absoluta o discurso meritocrático de que "todos podem, basta querer". Em uma sociedade racista, como ainda é a brasileira, existe uma cadeia que favorece a perpetuação de privilégios para aqueles que já têm acesso ao mesmo.

Aqui, o nosso objetivo não é dimensionar qual das jornalistas sofreu mais ou menos racismo, mas sim entender qual é o lugar ocupado pela mulher negra quando pensamos a respeito da figura feminina, também determinante para posição ocupada por uma jornalista de TV. Até porque a mestiçagem na sociedade brasileira foi fruto não só de violência, como também da tentativa de apagamento da negritude do nosso povo, como o incentivo da imigração europeia nos séculos XIX e XX. Devulsky (2021), nos atenta ao fato de que a pele clara não coloca mestiços em espaços destinados aos brancos, mas torna-os mais próximos do ideal do que a pessoa de pele escura. Se a pessoa parda tiver uma boa situação econômica, ela estará mais próxima (embora não na mesma paridade) aos brancos, se esquivando de lugares comuns do racismo, como a solidão.

Só é considerado feminino (e belo) aquilo que é branco. E esse é um ideal que foi perpetuado também pela literatura ao longo da história. Isso explica, por exemplo, o porquê das protagonistas de romances famosos de autores brasileiros no século XIX terem sido mulheres brancas. Exemplificamos aqui romances como a Escrava Isaura (1875), de Bernardo

Guimarães, onde ainda que a protagonista fosse a filha de uma mulher parda escravizada, sua pele era branca, tendo a sua beleza e pureza enfatizadas a todo o tempo no livro. Citamos também o escritor Machado de Assis (1938-1908) que, embora fosse mestiço, somente na atualidade deixou de ser retratado como uma pessoa branca. Em seu romance

[71] Aline decide voltar a usar os cabelos cacheados. Disponível em: https://bit.ly/3KYh0n1 . Acesso em: 13 abr. 2023.

[72] Essa é uma interpretação minha enquanto seguidora da jornalista nas redes sociais, conforme observei e analisei seus posts.

[73] Vale destacar que Aguiar usava os cabelos escovados antes da transição, o que a caracterizava como uma mulher "morena". Ao realizar essa mesma busca por imagens de Coutinho no início da carreira, tanto em seu perfil no Instagram quanto na internet, não encontrei.

Helena (1876), a protagonista de mesmo nome é uma jovem da classe média urbana da sociedade carioca do século XIX. A ausência da presença de mulheres negras na literatura no século XIX também corroborou para esse lugar de subalternidade destinado às mulheres negras, também observado por Devulsky (2021), contribuindo para esse imaginário criado acerca das mulheres negras, onde a mulher negra de pele clara é erotizada e a mulher de pele escura é associada apenas ao trabalho braçal, ambas tendo a sua humanidade retirada. Sobre o perigo da insistência em termos o arquétipo branco e europeu em um país miscigenado como o Brasil, Devulsky (2021) revela não só ser um arquétipo inalcançável, como também neurótico.

> Um arquétipo nacional legítimo deve ser aquele facilmente encontrável em COHABs, periferias, favelas, bairros, comunidades e escolas públicas, e deve corresponder à realidade de boa parte dos brasileiros. Senão, estamos diante de mais uma pura e simples fórmula de imposição racista que mata, recalca desejos, obstrui carreiras e bloqueia sonhos. (DEVULSKY, Alessandra, 2021, p. 85).

Agora, com todas essas ponderações, pretendemos mostrar que as condições do discurso são determinantes para a produção de sentidos e seus efeitos. Orlandi (2009) realiza essa classificação como circunstâncias da enunciação, chamando de contexto imediato. Para Orlandi, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, conforme já mencionado e ideológico.

> O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentido elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições, entre elas a Universidade, no modo como elege representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência (Orlandi, 2009, p. 31).

Ao me tornar aluna regular, ainda segundo a linha discursiva proposta por Charaudeau, minha intenção consistia em apontar como ambas jornalistas se portavam no local de mediadoras dos fatos ligados à população negra e ao racismo entre os anos 2019 e 2020 e sua repercussão, como o assassinato de George Floyd, nos EUA, e Miguel Santana da Silva, que ficou conhecido como "caso menino Miguel"[74], no Brasil. Na época, esses fatos desencadearam protestos estaduais e nacionais contra o genocídio da população negra, onde até mesmo famosos vieram a público a fim de se posicionarem contra o genocídio da

[74] Miguel, menino negro e filho de empregada doméstica, morreu por negligência da patroa branca. Disponível em: https://ponte.org/miguel-menino-negro-e-filho-de-empregada-domestica-morreu-por-negligencia-da-patroa-bran ca/. Acesso em: 18 nov. 2023.

população negra[75].

Nesse contexto, voltei para a rede social das jornalistas, a fim de mapear posts de ambas a esse respeito. Entretanto, fui advertida pela minha então orientadora que precisava encontrar algo em comum entre Aguiar e Coutinho para que constituísse o corpus da pesquisa. Ao refazer esse mapeamento, sob esse critério, vi que era recorrente os posts nos quais crianças se inspiravam nelas, em meio também ao modo como ambas as jornalistas se posicionaram mediante aos casos de racismo noticiados em ambos os telejornais, como mencionado no início da presente dissertação e o modo com eu mesma interpretei essas informações enquanto pesquisadora. Pois, conforme Orlandi (2007a) aponta, os dados não existem enquanto tais, sendo eles o resultado de gestos teóricos, fato que a ideologia positivista busca apagar por meio da produção de evidências. Os 'dados' são discursos e não objetos empíricos como fórmula essa ideologia" (ORLANDI, 2007a, p. 211, adaptado). A partir de então, uma nova possibilidade de análise se abriu para mim.

5.2 Efeito de representatividade: ação a partir da produção de sentido

Na relação entre as apresentadoras e as meninas negras, não há um sentido literal. Reconhecemos e sabemos que, no efeito de representatividade, a criança é posicionada pela mãe quando ela assiste ao jornal: a criança pede à mãe para assistir, a criança lembra à mãe de sintonizar o canal na hora da atração ou a mãe simplesmente a coloca em frente à TV enquanto realiza as tarefas. Logo, a criança é posicionada nessa situação. Notamos que isso poderia ser apontado como efeito a partir do momento que esse comportamento se torna recorrente, a ponto de as apresentadoras postarem em suas páginas com frequência fotos de meninas vendo os telejornais e se identificando com elas e, até mesmo, imitando seus penteados e roupas.

Sobre esse lugar de mediação, ao mesmo tempo longe (TV), mantendo-se em local de autoridade, porém acessível (*Instagram*), trazemos a perspectiva de Orlandi em *Segmentar ou Recortar* (1984). No texto, a autora considera a linguagem em relação às suas condições de produção, chegando à sua finalidade principal. Ao classificar os mecanismos de linguagem como tipologia, a autora chega ao conceito de discurso lúdico, referindo-se à relação de dominância de um sentido com os seus ecos, de forma a preservar essa amplitude

[75] "Fogo nos racistas": Djonga participa de caminhada e ocupa loja do Carrefour em BH. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208272/fogo-nos-racistas-djonga-participa-de-caminhada-e-ocupa-carrefour.shtml. Acesso em: 18 nov. 2023.

de ecos. Em contrapartida, é um termo que nos leva a compreender o efeito da representatividade e como o mesmo foi gerado em várias crianças. Sobre o não-domínio da fala, pensando pela dimensão do efeito da mensagem emitida pela presença das jornalistas conforme o lugar social, Orlandi considera:

> Levando-se em conta o lugar social dos interlocutores, podemos afirmar que o falante "sabe" a sua língua mas não tem o "conhecimento" completo do seu dizer: o que diz tem relação com o lugar, isto é, com as condições de produção de seu discurso, com a dinâmica de interação que se estabelece com outros discursos já produzidos ou que poderiam ser produzidos. Quer dizer, ao considerarmos o sujeito falante dentro da ordem social na qual ele vive, devemos reconhecer que ele não tem o domínio de sua fala. Mas ainda, como há uma ilusão que é constituída do sujeito- isto é, a ilusão de que ele é a fonte do sentido do que ele diz quando, na verdade retoma sentidos pré-existentes (Pêcheux, 1975) – o dizer do sujeito é, por condição, constituído mesmo por aquilo que o sujeito não conhece mas está presente em seu discurso (Orlandi, 1984, p. 12-13).

Contudo, os *efeitos de representatividade* acontecem quando essa criança quer assistir a esse produto, que não é direcionado para ela, fato percebido por meio dos penteados das apresentadoras, quando ela passa a gostar do próprio cabelo por conta dessa presença, a questão da cor da pele de ambas naquele espaço tão prestigiado, mas ainda distante da realidade de tantas meninas negras no Brasil. Embora tenhamos a ciência de que não podemos garantir tal efeito, sua recorrência se dá por meio das frequentes postagens das apresentadoras, o que nos leva a sustentar tal argumento, caracterizando também as Sequências Discursivas (SD's), uma vez que nos leva a esse processo de interpretação. São os efeitos que, conforme Orlandi (2005), não há um sentido verdadeiro, mas o real sentido na materialidade linguística e histórica.

Afinal, não há um aprendizado para a ideologia e nem um meio para controlar o inconsciente (Orlandi, 2005, p. 59). Sobre essa busca da literalidade e a constituição dos sentidos, a autora esclarece:

> Temos afirmado que não há sentidos 'literais' guardados em algum lugar – e que – 'aprendemos' a usar. Os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes (Orlandi, 2005, p. 60).

Embora estejamos cientes de que, no horário do telejornal, as crianças eram posicionadas até mesmo caracterizadas para estarem vestidas como Aline e,

principalmente, Maria Júlia, não o fazendo de forma autônoma[76], nas imagens, identificamos a alegria e a espontaneidade ao estarem como tal. Apesar de a Análise do Discurso não trabalhar exatamente com a questão da identidade, por meio da relação de Pêcheux com Althusser, a AD coloca a *interpelação-identificação* na origem do sujeito. O *efeito de representatividade* ocorre por meio de um elo despertado, pois a identificação ocorre justamente em uma falha do sentido no processo de assujeitamento, conforme já mencionado. Logo, estamos cientes de que, para acontecer essa significação (em que o significante ganha de fato significado), é necessário haver toda uma rede em volta.

Sobre o processo de *interpelação-identificação* na origem do sujeito, Pêcheux (2006, p. 151) explica que não se trata de explicar o poder das palavras ou da linguagem, mas, sim, o que se invoca e o signo – aquilo que pode representar algo para alguém. Em Lacan, Pêcheux conclui que o significante é o que o sujeito representa para outro significante, sendo que o sujeito enquanto em processo dentro do não-sujeito é constituído por uma rede de significantes. Segundo o autor:

> não se trata, aqui, de evocar 'o papel da linguagem' em geral ou 'o poder das palavras', deixando em dúvida se o que se invoca e o *signo, que designa alga para alguém*, como diz Lacan, ou *o significante*, isto é, aquilo que representa *o sujeito para Outro significante* (Lacan, mais uma vez). Está claro que, para meu propósito, a segunda hipótese é a correta, pois ela trata do sujeito como processo (de representação) dentro do não-sujeito constituído pela rede de significantes, *no sentido de Lacan:* o sujeito é 'captado' nessa rede – '*substantivos comuns*' e '*nomes próprios*', efeitos 'deslizantes', construções sintáticas, etc –, *de tal sorte que resulta como* '*causa de si mesmo*', no sentido espinozista da expressão (Pêcheux, 2006, p. 151).

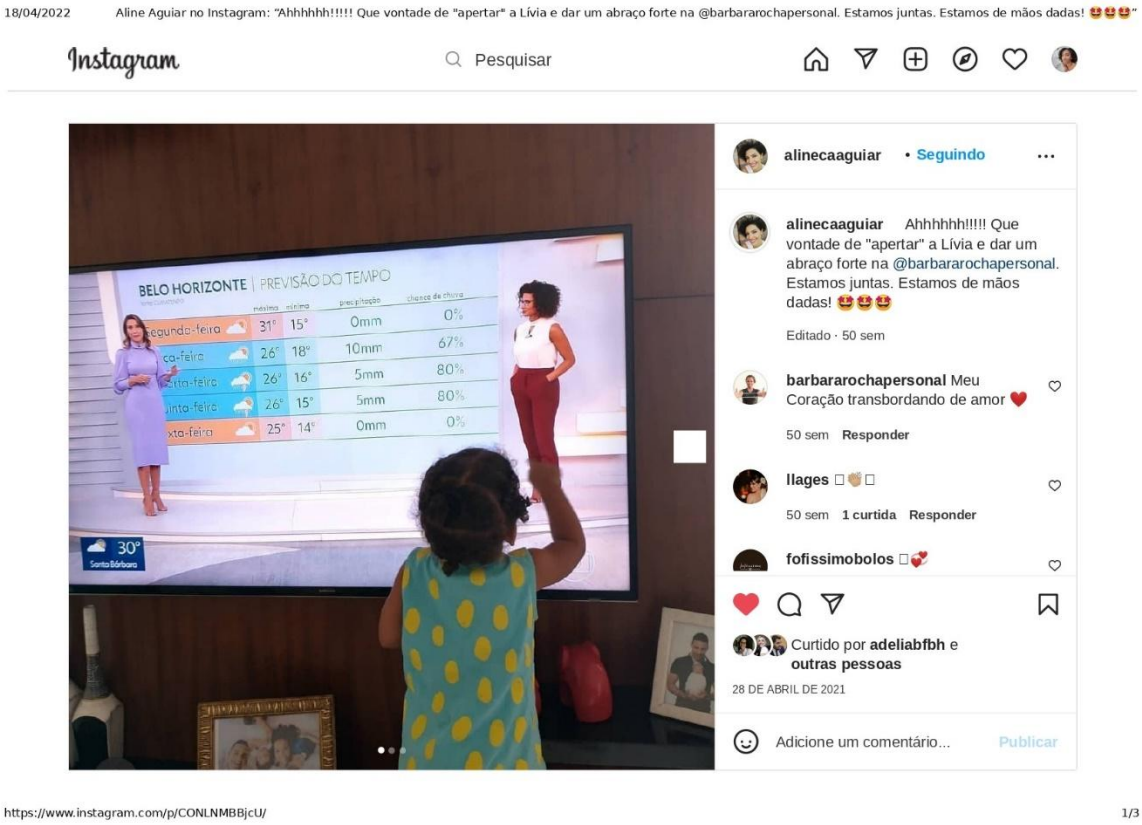
Por sua vez, Lacan entende que o significante é desprovido de significação. O que, para a presente pesquisa, faz sentido quando nos damos conta de que esse efeito de representatividade ocorre em meninas negras e de um modo muito particular. Para Lacan, tudo é representado para algum fim.

> Se o significante, portanto, é um vazio, é por atestar uma presença passada. Inversamente, no que é significante, no significante plenamente desenvolvido que é a fala, há sempre uma passagem, isto é, algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados, e que por natureza são fugazes, evanescentes. É essa passagem de um para o outro que constitui o essencial do que chamamos cadeia significante (Lacan, 1999, p. 355).

[76] Entendemos que, ainda que as crianças peçam para assistir ao telejornal, o responsável (normalmente a mãe) as posiciona em frente à TV na hora em que o noticiário vai ao ar.

Após o processo de seleção das imagens nas páginas de ambas jornalistas no *Instagram*, pude observar que, embora esse efeito de representatividade não tivesse uma concepção exata (já que a comunicação das jornalistas não era direcionada para as crianças), algo ali acontecia, pois, de fato, as crianças estavam se identificando com as apresentadoras. As fotos são a demonstração desse efeito como a concretização real de novas construções sociais possíveis (uma mulher negra pode estar à frente de um telejornal de prestígio), promovendo desconstruções sociais.

Figura 3 – A pequena Lívia confunde a apresentadora Aline Aguiar com sua própria mãe



Legenda: Criança se identifica com Aline Aguiar durante a edição do *MG1*, da *TV Globo*. A mãe da criança fez a gravação e enviou para a apresentadora pela rede social *Instagram*. Na publicação, a mãe de Lívia descreve que a foto foi feita após a própria criança subir na estante da sala, achando que a jornalista era a própria mãe.
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 28 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CONLNMBBjcU. Acesso em: 18 abr. 2022.

Percebemos que a expressão "Representatividade importa" é, de fato, mais do que uma frase de efeito. Entendemos que a representatividade é um meio de rompermos as fronteiras impostas a pessoas negras conforme a identificação e a ocupação de espaços de prestígio. Em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de 1905, Freud afirma que "a identificação é

conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa".

Para Souza (2021, p. 19, adaptado), "evidenciar processos que produzam identidade positiva e laço social facilitam a transformação social e coletiva", pois, "enquanto a branquitude mantiver seus privilégios apagando o que não é branco, ela também perde por não ampliar seus horizontes". Essa é uma constatação que evidencia o caráter discursivo das imagens, assim como a relação entre a imagem e a memória. Para exemplificarmos melhor esse argumento, apresentamos a noção de intericonicidade, defendida por Courtine (2011):

> A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser escrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, Foucault; mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo (Courtine, 2011, p. 160).

Naturalmente, as crianças não são impedidas de assistirem a um telejornal, mas essa conexão é algo que cabe uma devida observação, como na imagem abaixo.

Figura 4 – O telejornal da hora do almoço atrai um novo público

Legenda: Equipe de reportagem chegou da rua com esse beijo gostoso! E ainda contou que eles foram abordados com um: "vocês são da Aline?". Ah, gente!!! Amo demais essas telespectadorinhas! □□□ @vladimirvilaca , @saulolsvieira e Jackson, Obrigada por esse presente!
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alinecaaguiar). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CI3Ad5shmQ8/. Acesso em: 26 jun. 2023.

O *corpus* apresenta, também, a construção linguística que acontece por meio dos efeitos. Ao longo do percurso com a reunião e a análise dessas imagens, podemos observar termos como *cabelo igual ao seu*, *parecido com esse é o meu cabelo* e outros se tornam recorrentes, além dos *posts* nos quais as crianças se notam com a vestimenta semelhante à usada por Maju Coutinho. Afinal, podemos pensar nas imagens como uma rede de memória e refletir que o trabalho discursivo pode ser realocado para a imagem.

Lagazzi (2012, p. 1) esclarece que se tratando da Análise do Discurso, os elementos significantes não consideram como parâmetro o signo, mas *a cadeia significante*, o que nos permite buscar uma relação de movimento, estabelecendo uma *relação a*. Sobre a noção de incompletude, Lagazzi (2012, p. 2) assume que o jogo entre descrição e interpretação, constitutivo do dispositivo analítico discursivo, não é restrita à prática verbal.

Ao longo das próximas laudas, por meio das imagens, observamos nesta análise como ocorre esse processo discursivo. De antemão, vale esclarecer que as fotos apresentadas estão publicadas nos perfis pessoais das jornalistas no *Instagram*, sendo as páginas de domínio público. Em alguns casos, as próprias mães ou responsáveis enviaram as fotos para as apresentadoras e a produção dos telejornais a fim de gerarem essa repercussão. Entretanto, a fim de respeitar a questão ética e preservar a integridade das crianças, as imagens estão com os olhos das crianças tampados, porém preservando o seu sorriso a fim de mostrar a espontaneidade delas em estarem ali. Escolhemos a tarja com a cor marrom a fim de não possibilitar qualquer interpretação racista.

Embora a construção de identidade seja determinada pelas condições de produção dos sentidos e, por isso, há certa desorganização, essa mesma é permeada pelas referências à nossa volta. Seja pela moda, o nosso contexto social, as instituições como a escola e a Igreja – que moldam a nossa moral – as mídias de massa, como TV, revista, rádio e as mídias sociais, essas referências externas, de fato, atravessam e moldam o indivíduo, criando sentido. As formações imaginárias contribuem para o que classificamos, aqui, como *efeito de representatividade*.

> Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais, que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um operário, de um presidente, de um pai, etc. Há, em toda língua, mecanismos de projeção para que se constitua essa relação entre a situação – sociologicamente descritível – e posição dos sujeitos, discursivamente significativa (Orlandi, 2007, p. 30).

Dessa forma, por meio do "se ver", nas redes sociais, o indivíduo percebe que sua existência é legítima, afirmando o lugar do negro do mundo. Sobre os *processos de identificação*[77], França (2018) explica que diferentes funcionamentos discursivos participam de processos de identificação, produzindo identidades. Logo, não temos uma só identidade de menina negra[78], mas diferentes processos que, em sua particularidade discursiva e conjunta, fixam os processos de identificação de forma provisória.

[77] França (2018, p. 33, no rodapé), em sua pesquisa, faz uma observação que também se torna pertinente em nossa dissertação. Em sua tese, a pesquisadora explica que a Análise do Discurso realiza uma distinção entre *identidade* e processos de *identificação*, reconhecendo que a primeira é instável e contraditória e a segunda se dá a partir dos processos nos quais as identidades e os lugares de enunciação são constituídos. França entende que a identidade se constitui por meio de processos de identificação de natureza ideológica e se dão pela inscrição do indivíduo na língua afetada pela história, sendo essa uma visão alinhada ao que mencionamos anteriormente sobre o processo de *interpelação-identificação.*

[78] França (2018) originalmente se referia à identidade do brasileiro. Fizemos essa modificação para que pudesse ser adaptar a temática da presente pesquisa.

Conceição e Conceição (2010) descrevem o fato de ser comum o negro se submeter às crenças e valores da cultura branca dominante, sendo essa internalização de estereótipos negativos feita de forma inconsciente. Ainda de acordo com os autores:

> No dizer de Passos (1999) a identidade é a forma dos indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, a maneira como se vêem e são vistos. Assim, aquilo que os outros dizem e esperam dele, passa a fazer parte do que ele acha que é a sua natureza e modelará o seu perfil, a sua forma de ser. (Passos, 1999 *apud* Conceição; Conceição, 2010).

Para a presente dissertação, analisamos as postagens das redes sociais de Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho e a forma como ambas as jornalistas inspiram crianças, seja pelos *looks* usados ou pela tonalidade da pele de ambas. A seguir, além da nossa própria interpretação, adotamos como marcador de produção de sentido e *desuperficialização do corpus* o destaque das expressões em itálico e em negrito. Não pretendemos analisar de forma separada da imagem em virtude de a junção das palavras com a imagem compor a cadeia do significante, o que impacta, ainda, em nossos gestos de análise.

Nos materiais em que as publicações originais foram realizadas em formato de vídeo, trazemos a descrição dos diálogos, uma vez que eles também compõem a cadeia significante. Conforme Lima, Vieira, Gomes e Silveira (2017, p. 3), o uso dos marcadores da produção de sentido fazem parte desse processo de dessuperficialização do *corpus*, caminhando da superfície linguística rumo ao objeto discursivo.

Tendo em vista os objetivos específicos – que consistem em analisar o modo como as materialidades linguísticas e imagéticas[79] interferem nos processos de identificação de meninas negras e entender esse processo na construção da autoestima delas –, iniciamos a análise das imagens retiradas do *Instagram* de ambas jornalistas. Elas se tornaram referência à medida que cresceram em suas respectivas carreiras, o que não deixa de ter relação com o papel da representatividade, ainda que não intencionalmente. Desse modo, Lagazzi (2011) orienta que:

> Importam as palavras usadas assim como a sintaxe do texto, no caso da materialidade verbal. Importam as imagens em seus vários elementos constitutivos, tais como as cores, a relação luz e sombra, a perspectiva, os traços no caso da materialidade visual. E no caso de um texto alocado no espaço digital, importam também os links, muitas vezes o movimento de imagens, a sonoridade e a

[79] As materialidades linguísticas são as marcas linguísticas presentes no enunciado, enquanto as materialidades imagéticas são as imagens, não em sentido literal, mas sim em função do significante. No caso da pesquisa, não se trata somente das fotos das meninas negras, mas sim de toda a composição (condições de produção de discurso e sentido) que as envolve.

> musicalidade, em caso de vídeos. Enfim, são muitas as materialidades significantes sobre as quais os leitores se debruçam em seus percursos de interpretação. (Lagazzi, 2011, p. 499).

Na próxima seção, destacamos as repetições, pois, conforme Orlandi (2005), "não há sentido sem repetição". Percebemos uma regularidade de tal modo que nos leva ao *efeito de representatividade* proposto na presente dissertação.

5.2.1 Tópico da análise: relembrando os objetivos da pesquisa e introdução à análise

Iniciamos, a partir de agora, as análises que nos levam ao alcance dos objetivos da presente pesquisa, os quais consistem em:

- Analisar o modo como as materialidades linguística e imagética interferem nos processos de identidade e sentidos das crianças, observando as palavras adotadas por elas e pelas jornalistas que levam à identificação dos efeitos de representatividade e como isso também reflete no relacionamento dessas meninas com a sua autoestima;
- Observar e entender o processo de identificação no discurso entre crianças e jornalistas negras na plataforma digital *Instagram* na construção da autoestima.

Embora em nossa análise a imagem esteja em maior evidência, destacamos um apontamento realizado por Orlandi (2005), que consiste no fato de que, para a Análise do Discurso, o que realmente importa não é a organização linguística do texto, mas, sim, a forma na qual o texto organiza a relação da Língua com a História no trabalho do significante do sujeito em sua relação com o mundo. Para a pesquisadora, o texto é porque se faz significar, o que independe a sua extensão.

> Consideramos o texto não apenas como "dado" linguístico (com suas marcas, organização, etc) mas como "fato" discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise. São os fatos que nos permitem chegar à memória na língua: desse modo podemos compreender como o texto funciona enquanto objeto simbólico (Orlandi, 2005, p 69-70).

Conforme já mencionado, no início de 2022, voltei a consultar as páginas de Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho no *Instagram* a fim de encontrar algo em comum entre ambas jornalistas que sustentasse a presente dissertação. As imagens das crianças foram esse ponto

em comum. Ao refletir sobre essa ocorrência, que, por sua vez, leva ao sentido e ao modo como ele é sustentado. Novamente recorro a Orlandi (2005), o qual aponta que, tratando-se de discurso, não há como determinar um limite. Com isso, entendemos que todo o funcionamento da linguagem ocorre na tensão entre processos polissêmicos. É na paráfrase que está aquilo referente ao dizer que se mantém, enquanto na polissemia ocorre a ruptura da significação, na qual acontece o deslocamento do sentido.

5.3 Análise imagético-discursiva e linguística: Aline Aguiar

Nas três primeiras Sequências Discursivas (SD1, SD2 e SD3), destacamos o uso de expressões como "cabelo igual ao seu e parecido com o meu" (SD1); "crianças empoderadas" (empoderamento gerado a partir do efeito de representatividade) (SD2); e "meu cabelo se parece com o dela" (SD3). Lagazzi (2009, p. 68) explica que a imbricação acontece por meio da incompletude na qual se constitui a linguagem, em suas diferentes formas. A linguista esclarece que, na remissão de uma materialidade a outra, a não saturação atuando na interpretação permite que novos sentidos sejam solicitados, em uma constante demanda.

Fazemos desse modo a fim de destacar a recorrência dessas expressões, com o entendimento de que não se trata de ser a verdadeira finalidade, mas em se tratar de que os apontamentos aqui realizados o levarão ao sentido real, o que difere de verdadeiro. Assim como Orlandi (2005), assumimos que ao interpretarmos, já estamos presos a um sentido, pois, a compreensão da forma como um objeto simbólico produz sentidos e a forma como ele é revestido de significado "implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido" (Orlandi, 2005, p. 26-27).

No tocante às significações das palavras em dadas condições sócio-históricas, Moreira (2009) afirma:

> As condições sócio-históricas fazem com que as palavras signifiquem diferentemente, porque elas estão vinculadas a certas redes de significância. É assim que temos sentidos disponíveis pelos já-ditos no discurso jornalístico sob censura que não se estabeleceram predominantemente pelas redes de significância produzidas sócio-historicamente, mas foram determinados por uma imposição de poder político. (Moreira, 2009, p. 115).

Sobre a importância da recorrência (repetição) para a formação do sentido, ainda buscamos os estudos de Orlandi (2005) que, ao afirmar que a paráfrase é a origem do pensamento, chegamos ao fato de que não há um sentido sem uma repetição. Esse é um fato

que também observamos nas próximas Sequências Discursivas (SD’s). É necessário salientar que é justamente na sua regularidade que o sentido se torna presente, embora ele possa sempre ser outro.

Figura 5 – A partir de um ato, mudanças podem ser geradas. Aline Aguiar relata que seus cabelos inspiraram uma criança

SD1 Legenda:
– Aline!
– Ei!
– Posso te mostrar uma coisa?
– Pode, claro!
Ele pega o celular e começa a mexer.
– Deixa eu ver se vou achar alguma foto aqui. Acompanho a busca, ainda sem entender.
– Aqui. Achei! A Duda te viu um dia saindo aqui da TV. Você passou por nós dois, nos cumprimentou e em seguida ela disse que queria ficar com o ***cabelo igual ao seu***! Ela tinha um cabelão, Aline, grande mesmo, mas agora todo mês preciso levá-la ao salão pra não perder o corte!
– Mentira! – respondo, surpresa.
– Deixa eu ver! Olho pra foto e me emociono. Duda é uma criança, linda, de cabelo cacheado, na altura do ombro, com a ponta maior na frente. O corte do cabelo realmente é igualzinho.
– Nossa, que legal! Nunca vi ninguém com o cabelo tão ***parecido com o meu*** assim! Ela é linda! – A Duda é toda vaidosa com o cabelo, Aline. Ela gosta muito do cabelo dela. – Ah, mas tem que gostar mesmo, é maravilhoso! Manda um beijo pra Duda, quero conhecê-la.
O pai sorriu e eu fiquei toda orgulhosa em saber que uma criança se inspirou em mim pra escolher o corte de cabelo. Dali até meu compromisso fiquei pensando... refletindo... me questionando o porquê eu não tinha tanto amor pelos cachos quando era da idade dela. Pergunta, aliás, que sempre vai e vem e agora eu consegui entender: naquela época não tinha referência. Faltava inspiração. Faltava representatividade... Que mais "Dudas" cresçam assim, empoderadas e sem vergonha de mostrar os cachos.
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 6 set. 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BKB-kXIDp-v/. Acesso em: 16 fev. 2022.

Em sua dissertação, Aline relata que fazia uso de produtos químicos desde a infância e, portanto, não conseguia se lembrar do cabelo real. Esse ritual se repetiu por 15 anos até

que, um dia, ao cortar o cabelo, um profissional a questionou sobre a possibilidade de abandonar o alisamento.

> Fui uma criança cacheada. Sempre gostei dos cachos, mas do volume não. Ninguém tinha volume! Lembro-me de, lá pelos sete anos, perguntar à minha mãe se era possível mudar a cor da pele, da minha pele. Eu assistia à TV e notava que só pessoas brancas estavam lá. Logo, queria ser como elas. Na adolescência eu descobri que, se não tinha como mexer na cor da pele, tinha como mudar a estrutura dos fios do cabelo. No meu aniversário de quinze anos, tudo que eu queria era um cabelo liso para dançar a valsa. E ficou liso, com ajuda do secador e da prancha, e depois da noite de "princesa", quis tê-lo assim. Foi quando me submeti ao alisamento (Aguiar, 2021, p. 11).

A identificação das crianças com Aguiar é algo que destacamos, pois, em algumas imagens, podemos observar que as próprias crianças a abordam em eventos e até mesmo nas ruas para pedirem fotos, como nas imagens a seguir.

Figura 6 – Crianças empoderadas

SD2 Legenda:
– Ei, que cabelo lindo você tem!!!
– Eu sei, tia! ☹☹☹☹☹
Morri!!!!! Crianças empoderadas vão se tornar mulheres fortes. Precisamos empoderar nossas crianças. Precisamos nos empoderar sempre! @henriquestenio, que foto! #teatronacreche #criancaempoderada #cabelocrespo #cabelocacheado #amoomeucabelo #empoderamento
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alinecaaguiar). Data de publicação: 15 dez. 2017. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BKB-kXIDp-v/. Acesso em: 16 fev. 2022.

Ainda que a pele não tenha sido a real menção, o cabelo cacheado gera identificação e sensação de pertencimento, o que não deixa de ser uma ruptura com a ideia de que o cabelo com cachos ou crespos não sejam elegantes e ou até mesmo precisem de permanecerem

domesticados. Abaixo, percebemos que a criança se sente representada pela apresentadora por ter o cabelo parecido com o dela.

Figura 7 – Criança relata que os próprios cabelos se parecem com os da apresentadora

SD3 Legenda: Bom dia com essa fofura que veio correndo ao meu encontro só pra falar que *o meu cabelo se parece com o dela*! Ahhhh, meu coração explode com essas lindezas!!! ♥□♥□♥□
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 18 mar. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BvJWbcsBvA1/. Acesso em: 16 abr. 2022.

Na próxima Sequência Discursiva (SD4), a #representatividade[80] já aponta a intencionalidade presente (ainda que não-verbalizada) acerca da influência gerada com a presença de uma mulher com cachos na TV. A intenção do uso da *hashtag* (#) seguida pela palavra representatividade por Aguiar não deixa de ter como intenção de gerar reflexão, promovendo o ciberativismo, prática difundida no Brasil desde meados dos anos 1990, junto com a internet no País. Paveau (2021) concorda que o prefixo *tecno* não se trata apenas de um morfema, mas, uma vez sendo produzido no espaço digital para além de uma opção teórica que altera o conhecimento formal das ciências da linguagem. A *hashtag* é um meio que permite que as publicações possam ser encontradas mais facilmente (reforçando a questão da ampliação do discurso). Por meio do termo *tecnodiscurso*, Paveau leva à questão do discurso para o meio digital, procurando entender a relação do sujeito e da linguagem nesse ambiente.

> Centralizar o conceito de tecnodiscurso para uma fundamental Análise do discurso digital, não se refere a propor mais uma taxonomia para as teorias do discurso, mas

[80] Aqui, referimo-nos a #representatividade (*hashtag* representatividade) e não a palavra representatividade em si. A questão com a palavra representatividade já foi abordada anteriormente.

> de entender o complexo funcionamento do digital sem prescindir da intrínseca relação entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade (Paveau, 2021, p. 23).

Destacamos, também, a importância da representatividade enquanto propulsora de deslocamento de sentido presente na **expressão** "[...] pra menina que nunca foi princesa, nem nas histórias de filme […]"[81]. Seguimos a ideia de deslocamento de sentido proposto por Orlandi (2005) e mencionado anteriormente, onde a partir da ruptura de interpretação ocorre o deslocamento de sentido. Já mencionamos anteriormente que a menina negra nunca foi priorizada nas relações sociais, o que torna comum e recorrente situações em que meninas ou mulheres negras são preteridas. Sob um viés discursivista a partir da naturalização do estereótipo e do clichê, em *Discurso Fundador*, Orlandi (2003) menciona: "a força dessa impregnação dos sentidos gera uma democrática e, aparentemente, insuspeita adesão por parte de uma sociedade que compartilha certos conceitos a respeito de si própria" (Orlandi, 2003, p. 70). A partir do efeito de representatividade, no entanto, acontece essa ruptura, afinal, essa mesma menina passa a ter a possibilidade de ser *a heroína*.

Figura 8 – O relato de Bento, de apenas 2 anos

SD4 Legenda: Imagina o que a fala do Bento, de apenas dois aninhos, não representa **pra menina que nunca foi princesa**, nem nas histórias de filme... E é verdade, prefiro ser Moana, **uma heroína**. **#representatividade**. Obrigada @nathalya_caraujo, por compartilhar essa lindeza. O coração se fortalece! ♥□□

Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 8 abr. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B-u8b4KpwS0/. Acesso em: 18 abr. 2022.

[81] No capítulo 4, retratamos as experiências recorrentes vivenciadas por mulheres negras. Indicamos a leitura do tópico 4.3: "Quem são as mulheres negras do Brasil?" – experiências recorrentes, mas não iguais.

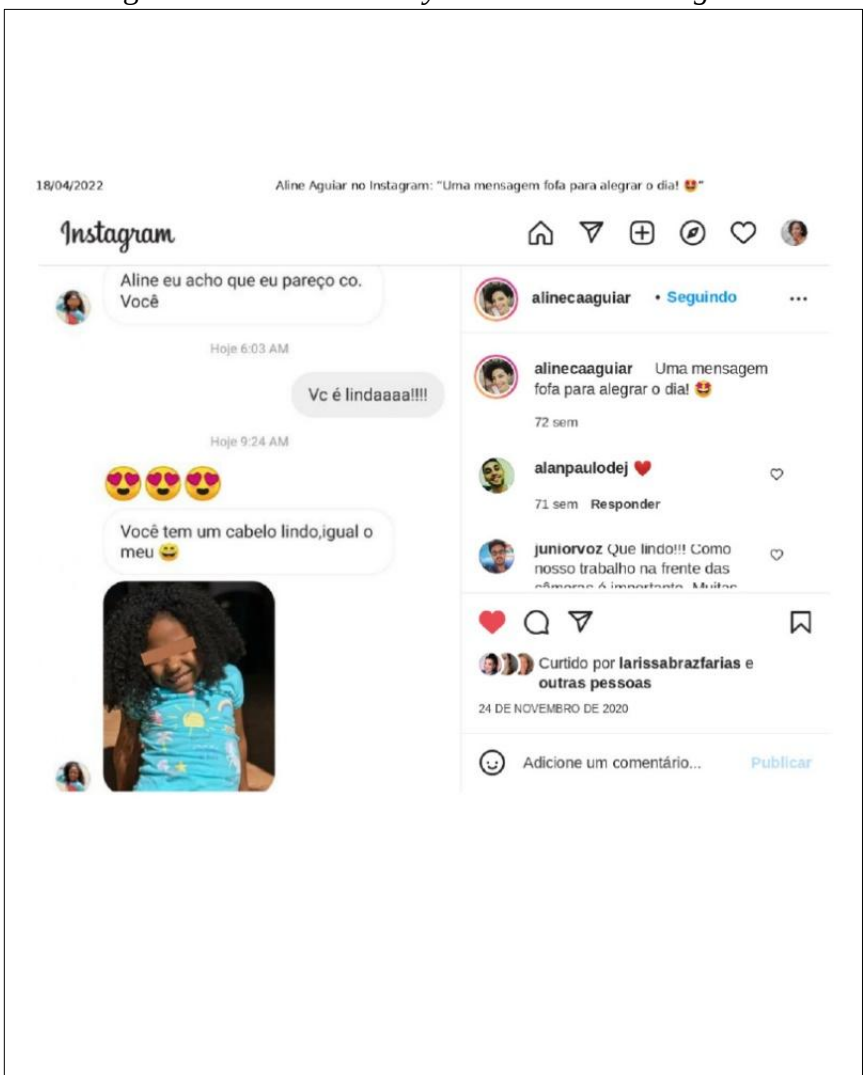
Nas Sequências Discursivas a seguir (SD5, SD6 e SD7), interessa-nos observar além da Língua enquanto base para o gesto de análise. Procuramos entender o efeito do sentido sob uma articulação entre a Análise do Discurso Materialista (tendo como base no Materialismo Histórico) e a Psicanálise. Em Magalhães e Mariani (2010), encontramos respostas acerca de questões que se fazem presentes na pesquisa, como a questão da Análise do Discurso segundo a determinação pela ideologia e pelo inconsciente. O nosso intuito é encontrar um meio para compreender o que ocorre no intervalo presente na passagem do *indivíduo 1 – que consiste na interpelação do indivíduo em sujeito*; para *indivíduo 2 – que se trata do processo de individualização dado pelo Estado,* como proposto por Orlandi (2002).

Já entendemos que a interpelação produz assujeitamento no qual movimentos como *"eu falo"*, *"eu sou"* ou *"eu penso"* são, na verdade, fruto de uma ilusão do teatro da consciência já que o sujeito age interpelado em ideologia. Pretendemos aprofundar esse intervalo presente na passagem do sujeito entre o intervalo 1 e 2, pois é nesse momento que está a *subjetivação*. De fato, sabemos o que é subjetivação, mas é nossa intenção entender pela perspectiva da psicanálise, como proposto por Mariani:

> Falar implica incluir o lugar de onde se fala e a fala do Outro – lugar do simbólico –, mesmo que isso não seja transparente para o sujeito. Falando, o sujeito não está em simbiose com o mundo. Ao entrar na linguagem e ao estabelecer uma distância entre as palavras e as coisas, distância necessária para constituição da subjetividade, o sujeito se vê submetido ao funcionamento de uma estrutura linguística, ou seja, encontra-se submetido a uma estrutura de linguagem, por um lado, e a sentidos já constituídos na historicidade e na memória, por outro. (Mariani, 2003, p. 393).

Essas são observações que se tornam evidentes, por exemplo, na Sequência Discursiva 5 (SD5), quando dessuperficializamos expressões como "eu me pareço com você" e "você tem um cabelo lindo, como o meu".

Figura 9 – Relato via *story* na rede social *Instagram*



SD 5 Legenda: Uma mensagem fofa para alegrar o dia!
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 24 nov. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CH-XaQCBZ-k/. Acesso em: 18 abr. 2022.

Por sua vez, na SD 6, temos de forma evidente a questão da subjetivação, como apresentado por Magalhães e Mariani (2010). A criança associa a apresentadora com a própria mãe, que, por sua vez, relata se sentir representada por ela por estar naquele espaço de prestígio (TV) e confessa que abriu mão de cursar Jornalismo por se sentir desencorajada. Formada em Educação Física, a mãe de Lívia relata que, se tivesse maior representatividade em sua juventude, talvez seu destino teria sido diferente. Observamos que a criança confunde Aline com a mãe (que, provavelmente, possui as mesmas características que a jornalista). A associação da mulher negra com adjetivos como *linda* já demonstra a quebra de rupturas, assim como o fato da mãe da criança demonstrar se sentir representada pela jornalista. O *post*, que foi publicado originalmente no formato carrossel no *Instagram*, foi reproduzido em nosso

material no formato de montagem para que fosse possível a visualização do relato da mãe da criança, o qual destacamos abaixo. Na publicação original, ele está na imagem 2 do carrossel.

> "Ontem a Lívia subiu no painel da sala para mostrar a mamãe na televisão. Ops, não era a mamãe e sim a apresentadora Aline Aguiar.
> Me senti lisonjeada ao ser comparada com uma profissional que admiro tanto, mas o melhor é me sentir representada. Ver uma mulher parecida comigo "aos olhos da Lívia" em frente ao jornal diariamente.
> Vocês sabiam que jornalismo era a minha primeira opção de curso durante todo o ensino médio e educação física a segunda? Sempre ficava na dúvida de qual faria: o jornalismo me encantava os olhos, mas me via distante do desejo de ser apresentadora um dia. Tenho certeza que era a falta de representatividade e referência.
> E ontem vendo essa cena fiquei emocionada. E passou um filme na minha cabeça. Então, Aline Aguiar agradeço por você não ter desistido do seu sonho, apesar das portas que foram fechadas, você venceu e saiba que hoje você é uma grande inspiração.
> Vou criar minha filha para que ela seja uma criança segura, para crescer sabendo que pode ser o que quiser na vida!"

Figura 10 – "Mamãe, é você?"

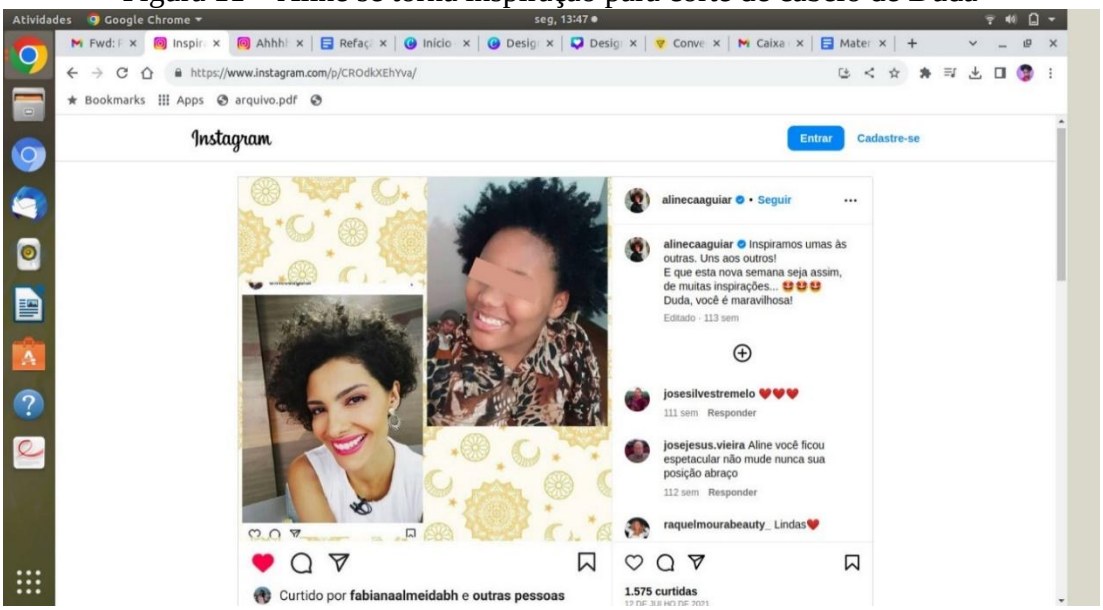
SD 6 Legenda: Ahhhhhh!!!!! Que vontade de "apertar" a Lívia e dar um abraço forte na @barbararochapersonal. Estamos juntas. Estamos de mãos dadas! □□□
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 28 abr. 2021. *Post* formato carrossel disponível em: https://www.instagram.com/p/CONLNMBBjcU. Acesso em: 18 abr. 2022.

Na SD7, as imagens relacionadas de Aguiar e a criança Duda nos levam a interpretar que a criança se identifica com a apresentadora diante do comprimento dos cabelos. Sabemos que, no imaginário social, o cabelo ideal e feminino é o cabelo comprido e, preferencialmente, o liso, o que atesta, mais uma vez, a quebra de ruptura. Embora o foco desta análise não seja o dito, mas, sim, o efeito. Aqui, entendemos que as ausências também integram a Língua, como demonstram Magalhães e Mariani (2010).

Quando Aline escreve "Inspiramos umas às outras", torna-se presente a questão da troca desse efeito, sendo ambos os locutores afetados por esse efeito. Essa observação faz jus

a uma reflexão de Pêcheux (2004, p. 74) que reconhece que "o todo da língua só existe constituído pelo signo ausente, pelo não dito". Ao fazer essa demonstração, Magalhães e Mariani (2010) se refere ao pensamento de Lacan no que diz respeito a esse "impossível" como aquilo que não é dito, mas que diz e retorna, porém, interpretamos esse impossível como um *déjà vu* e entendemos como um efeito.

Figura 11 – Aline se torna inspiração para corte de cabelo de Duda



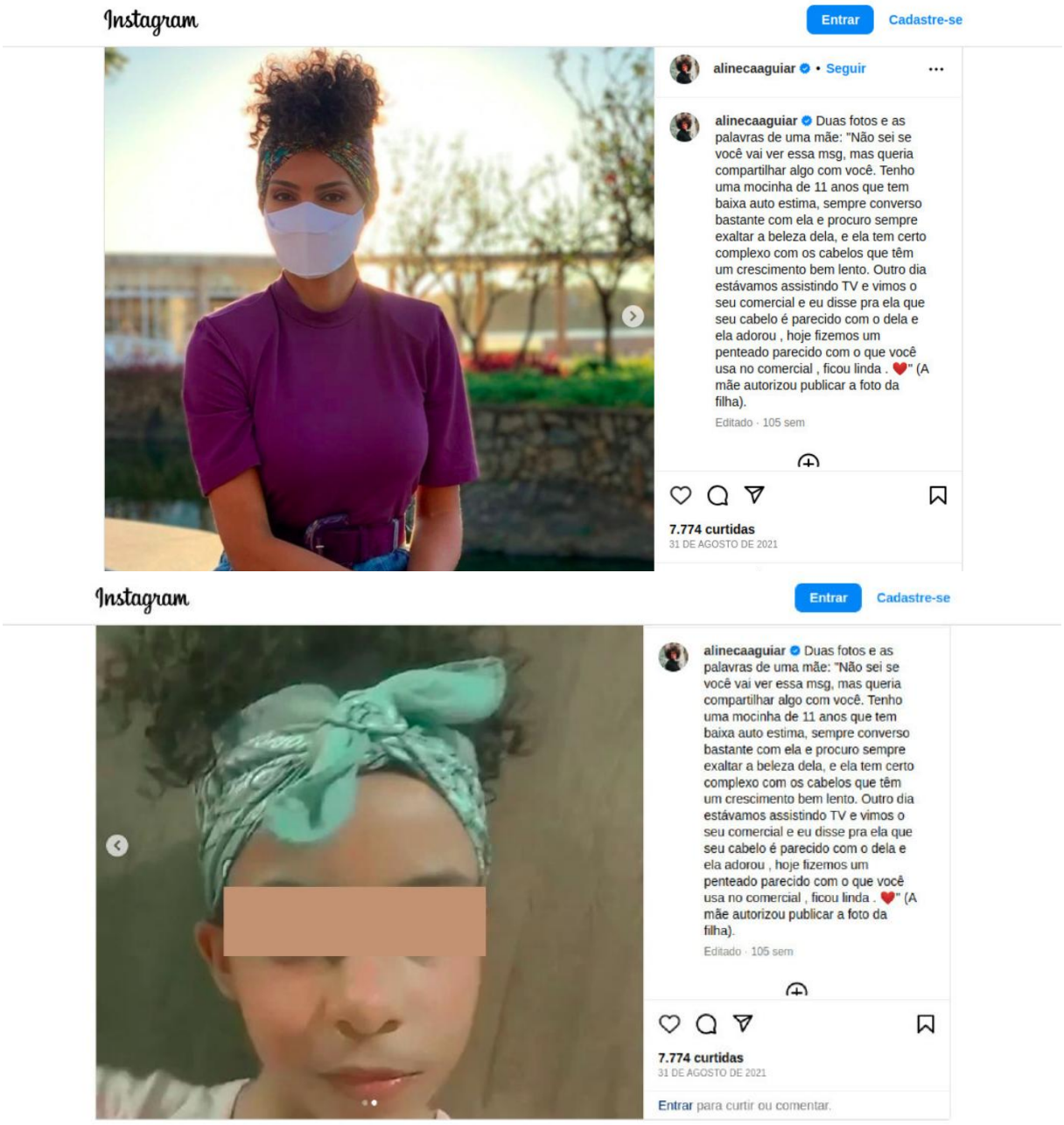
SD 7 Legenda: **Inspiramos umas às outras**. Uns aos outros!
E que esta nova semana seja assim, de muitas inspirações... □□□ Duda, você é maravilhosa!
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 12 jul. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CROdkXEhYva/. Acesso em: 18 abr. 2022.

Na última Sequência Discursiva (SD8), observamos que a mãe relata que, ao ver um vídeo institucional de Aline (a mãe pensa que se trata de um comercial), a filha passa a gostar do próprio cabelo ("vimos o seu comercial e eu disse pra ela que seu cabelo é parecido com o dela e ela adorou"). Essa é uma representação da ressignificação para além do deslocamento do sentido. Assim como na SD7, interpretamos esse efeito como um agir da subjetividade, em que o simbólico passa a redigir a regularização do sujeito. O fato de a mãe conversar com a filha sobre aceitação antes já demonstra a primeira atuação da ação ideológica, que ocorre no núcleo familiar. Depois, à medida que vamos nos socializando enquanto indivíduos, nossas percepções são interpeladas continuamente, apesar da possibilidade do equívoco, como atestam Magalhães e Mariani (2010).

> Inculcações sobre o lugar de homens e mulheres na sociedade são ditadas ao indivíduo pelas escolhas que a família realiza de roupas, quartos, nomes etc., assim

como as expectativas, esperanças, objetivos que os adultos têm em relação ao novo ser. Tudo isso participará do inconsciente e vai sendo ressignificado no decorrer da história de vida de cada indivíduo. É importante frisar que esse processo, embora oriundo de relações sociais que afetam todos os seres sociais, é recebido de forma singular, o que faz com que cada indivíduo elabore de forma diferente a mesma práxis, tornando diferenciada a subordinação às práticas ideológicas. (Magalhães; Mariani, 2010, p. 405).

Figura 12 – Reconciliação com a autoestima



SD8 Legenda: Duas fotos e as palavras de uma mãe: “Não sei se você vai ver essa msg, mas queria compartilhar algo com você. Tenho uma mocinha de 11 anos que tem baixa auto estima, sempre converso bastante com ela e procuro sempre exaltar a beleza dela, e ela tem certo complexo com os cabelos que têm um crescimento bem lento. Outro dia estávamos assistindo TV e **vimos o seu comercial e eu disse pra ela que seu cabelo é parecido com o dela e ela adorou**, hoje fizemos um

penteado parecido com o que você usa no comercial, ficou linda . ❤□" (A mãe autorizou publicar a foto da filha).
Fonte: Aline Aguiar (Instagram: @alicaaguiar). Data de publicação: 31 ago. 2021. Imagens (publicação feita no formato carrossel) disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CTPQKRXrDWL/. Acesso em: 19 abr. 2022.

No próximo item, iniciamos as análises das imagens retiradas do perfil do *Instagram* de Maria Júlia Coutinho. Assim como nas imagens anteriores, destacamos o agir da subjetividade na constituição do sentido, o que nos ajuda a pensar mais acerca do efeito de representatividade.

5.4 Análise imagético-discursiva e linguística: Maria Júlia Coutinho

Nas imagens analisadas a seguir, observamos que devido ao posicionamento de Coutinho em um espaço de prestígio, como é a TV, meninas negras de todo o País começaram a se vestir e a se verem como ela. Essa é uma constatação amplamente descrita em nossa pesquisa. Mas, ainda assim, falta-nos responder sobre o modo como essa ideia se instala no imaginário dessas meninas a ponto de levá-las a tal ato[82]. Nesse caso, mais uma vez, recorremos à articulação entre o inconsciente, a psicanálise e a análise do discurso. O que levou essas meninas a se vestirem e se pentearem como Maju? Esse é um apontamento que destrinchamos durante as análises das imagens.

Nas três primeiras Sequências Discursivas (SD1, SD2 e SD3), detectamos que o fenômeno discursivo ocorre a partir da identificação das crianças com a apresentadora[83]. Embora sejam muito pequenas, acontece de fato a identificação com a apresentadora. Diferentemente do que ocorre com Aguiar, não há um relato delas, mas interpretamos o modo como o assujeitamento promovido pela interpelação age. Esse é um fator que nos leva a, mais uma vez, entender como se sucede esse fenômeno discursivo por meio do inconsciente.

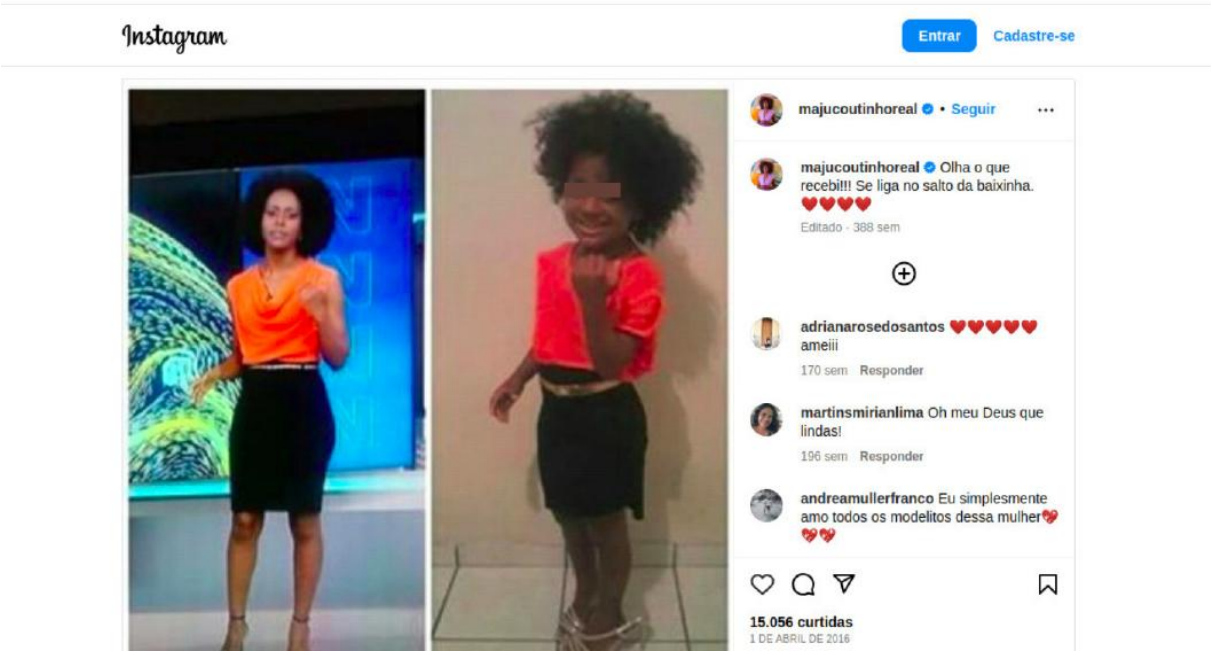
Assim como na análise das postagens de Aline Aguiar, recorreremos novamente às análises em grupo a fim de evidenciar a repetição como meio de promoção da constituição de sentido, seguindo novamente a constatação de Orlandi (2005) de que não há sentido sem uma repetição. Anteriormente, estudamos que o discurso também acontece no silêncio, mas, agora, pretendemos entender tal modo e assim sustentar as nossas análises por meio de um conceito

[82] Escolho não ignorar a questão da imaginação da criança por entende-la como um sujeito, porém, ainda em formação, não tendo essa plenitude em suas percepções. Discursivamente, sabemos que o sujeito não sabe que é interpelado, mas, no caso de criança, esse é um fator ainda mais dimensionado. A criança é um sujeito ainda em desenvolvimento.
[83] No tópico "A construção dos processos de identificação das crianças negras por meio da representatividade", com base em França (2018), abordamos a respeito dos processos de identificação.

definido por Pêcheux em *Semântica e discurso* (2014) e retratado por Mariani (2003): o imaginário linguístico: "o imaginário lingüístico é o lugar onde se constitui – ou, do meu ponto de vista, lugar onde se encontra materializada – a rede de paráfrases e reformulações características de uma formação discursiva" (Mariani, 2003, p. 56).

Embora na foto abaixo (SD1) o linguístico aponte para o salto, podemos notar que a postura da criança imita a da apresentadora, assim como a sua expressão, que transmite autoconfiança. Não há nada que aponte para as características como pele e cabelo, acontecendo a identificação de "modo natural" (sem que o sujeito se dê conta de que está sendo interpelado ideologicamente). Segundo Mariani (2003), é no imaginário linguístico que está materializada a rede de paráfrases e reformulações que fazem uma formação discursiva. Fazemos essa relação porque, para chegar ao modo como a partir do imaginário, as crianças se sentem como Maju, o nosso gesto de interpretação se dá pela relação da Psicanálise com a Análise do Discurso. Como? Pelo significante[84].

Figura 13 – Criança imita Maria Júlia Coutinho



SD1 Legenda: Olha o que recebi!!! Se liga no salto da baixinha.❤□❤□❤□❤□
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 1 abr. 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BDrMJByP9MZ. Acesso em: 19 abr. 2022.

Na imagem a seguir, a menina vê a jornalista negra e, novamente, evoca a questão da identificação. Descrevemos a Coutinho como "jornalista negra" diante do fato de que fica

[84] É importante deixar claro que a nossa interpretação segundo a relação da Psicanálise com a Análise do Discurso não anula a ação da interpelação ideológica. A nossa intenção é entender como essa significação acerca do efeito de representatividade se forma nas crianças.

evidente o cabelo crespo e curto da criança, parecido com o da apresentadora. A circunstância na qual uma menina negra, em frente à TV, vê uma apresentadora com as mesmas características é fundamental para a construção desse sentido. Isso é algo que poderia passar totalmente indiferente para a criança, mas algo a "desperta". Conforme Mariani (2003, p. 65): "São significantes cujos sentidos estão vinculados a uma formação discursiva e se mostram já-lá, como evidências para um sujeito".

Figura 14 – Pertencimento na hora da previsão do tempo

SD2 Legenda: Love, Love, Love ♥□♥□♥□
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 19 jul. 2017. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BZPlSxfjS3J/. Acesso em: 19 abr. 2022.

"O futuro já começou." Embora seja o tradicional *slogan* de fim de ano da *TV Globo* na próxima foto (SD3), podemos atribuir a interpretação para um futuro no qual as crianças negras pertençam e possam ocupar todos os espaços que sonham. Entendemos a adoção dessa frase por parte de Coutinho como um efeito de sentido gerado pela recorrência das imagens, sendo uma constatação de um futuro em que as meninas negras serão capazes de ocupar em espaços de destaque. Podemos observar, então, a pretensão de Mariani (2003) sobre o fato de que, na AD, é determinante a supremacia do significante acerca do significado sobre a compreensão de uma referência em uma dada formação discursiva "determinada por seu exterior específico" (Mariani, 2003, p. 65), em que a circunstância (condição de produção de sentido) é fundamental para a construção de um significado.

O efeito de representatividade ganha um significado porque a presença de uma mulher negra na TV gera identificação para uma menina negra a ponto de gerar um significante (para ela, aquilo ganha uma dimensão de sentido). Uma curiosidade é que a própria apresentadora mantém um destaque no *Instagram* com as fotos que recebe das crianças caracterizadas por seus pais e responsáveis justamente com esse nome.

Figura 15 – A confiança passada por Coutinho no exercício da profissão inspira meninas negras

SD3 Legenda: 🎤**O futuro já começou**🎤❤

Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 26 dez. 2017. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BdKwv84j-yi/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Seguindo a proposta de Mariani (2003) acerca do significante (que, aqui, entendemos como efeito, uma consequência) sobressair o significado, na imagem a seguir (SD4), chegamos a uma questão muito recorrente nas próximas SD's: os cabelos. Enquanto pessoas negras, os nossos cabelos são um elemento simbólico não apenas da nossa identidade individual, como da identidade da população negra como um todo. Até o presente momento nesta pesquisa sobre os significados de *ser* e *ter* o corpo negro, mencionamos Fanon (1998), Nogueira (1998) e Souza (2021), mas ainda não havíamos dado o devido destaque a esse elemento tão simbólico da cultura negra. Logo na introdução de sua obra, Gomes (2020) reflete sobre o porquê desse componente também fazer parte da cultura:

> Entendo a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa,

> conflituosa e complexa que este trabalho privilegia, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra. Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (Gomes, 2020, p. 28).

Na Figura 16 (SD4), destacamos a beleza de Eduarda a partir dos cabelos e pele de Maria Júlia Coutinho. No vídeo gravado por Aline Aguiar, ela direciona um comunicado para as meninas que têm o cabelo e a pele como os dela ("Que todo mundo me chama de Maju Coutinho"). O cabelo e a pele de Coutinho são a legitimação de cabelos e pele bonitos em virtude da posição que ela ocupa. O cabelo crespo e a pele escura passaram a ser bonitos porque uma apresentadora de TV os têm.

Sob o viés discursivista, apresento novamente a questão acerca das condições de produção do discurso proposto por Pêcheux. A noção de *condição de produção do discurso* é determinante em nossa pesquisa devido ao entendimento de que, se não fosse a posição que Coutinho e Aguiar ocupam e o modo que os faz, o sentido e o efeito apresentados não seriam os mesmos. Já pontuamos sobre os esquecimentos do sujeito e o fato de que, em Althusser, Pêcheux atesta que o sujeito é um resultado da interpelação dos indivíduos concretos[85].

> Aline Aguiar: – E o que você fala para todas as meninas que têm o cabelo igual ao nosso?
> Eduarda: – Que todo mundo me chama de Maju Coutinho.

No entanto, desejamos chegar à questão da maneira como na qual o sujeito formula isso na relação entre *você é*/*eu sou.* Pêcheux e Fuchs (1997) dizem que toda formação discursiva deriva de condições de produção determinadas e detectáveis conforme uma posição dada numa conjuntura no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 167). Assim, em uma formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classes, podendo fornecer elementos que integram em nossas relações ideológicas que colocam em jogo novas formações ideológicas (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 167-168). Mariani (2003), porém, traz que a AD deseja compreender os gestos de interpretação de forma a entender como os significantes "tomam corpo", prendendo-se a sentidos e se tornando signos para uma dada posição-sujeito na qual

[85] Disponível em: https://bit.ly/496kX3S Acesso em: 26 nov. 2023.

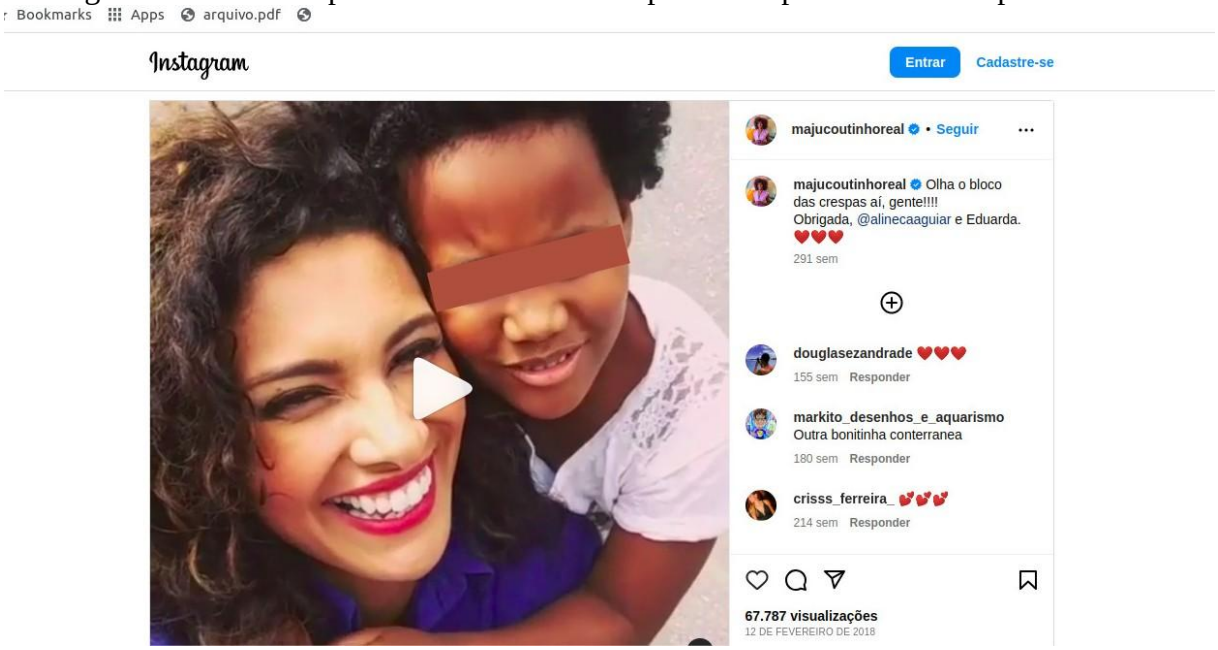
um sujeito enuncia certas condições de produção, já interpelado em ideologia e falado pelo Outro. Sobre o sujeito, afirma Pêcheux (2014):

> Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto "pré-construído" e "processo de sustentação") que constituem, no discurso do sujeito, os *traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux, 2014 p. 150).

Descrição do vídeo:

> Aline Aguiar: – Qual é o seu nome?
> Eduarda: – Meu nome é Eduarda!
> Aline Aguiar: – **Eduarda. E você se parece com quem?**
> Eduarda: – **Maju Coutinho!**
> Aline Aguiar: – Sério?! **Por que você se parece com ela?**
> Eduarda: – **O cabelo e a pele**.
> Aline Aguiar: – É igual?
> Eduarda: – É!
> Aline Aguiar: – **E o seu cabelo é bonito?**
> Eduarda: – **É!**
> Aline Aguiar: – E você gosta dele?
> Eduarda: – Gosto!
> Aline Aguiar: – Eu também achei ele lindo, viu?
> Aline Aguiar: – **E o que você fala para todas as meninas que têm o cabelo igual ao nosso?**
> Eduarda: – **Que todo mundo me chama de Maju Coutinho**.
> Aline Aguiar: – E você gosta que te chamem de Maju Coutinho?
> Eduarda: – Eu gosto!
> Aline Aguiar: – Manda um beijo para a Maju, quem sabe ela vê o nosso vídeo!
> Eduarda: – Ei, Maju! (Ela envia o beijo).
> Aline Aguiar: – Manda outro! Quem sabe ela vê! (Ela envia o outro beijo).

Figura 16 – Eduarda passou a se sentir bonita por se ver parecida com a apresentadora

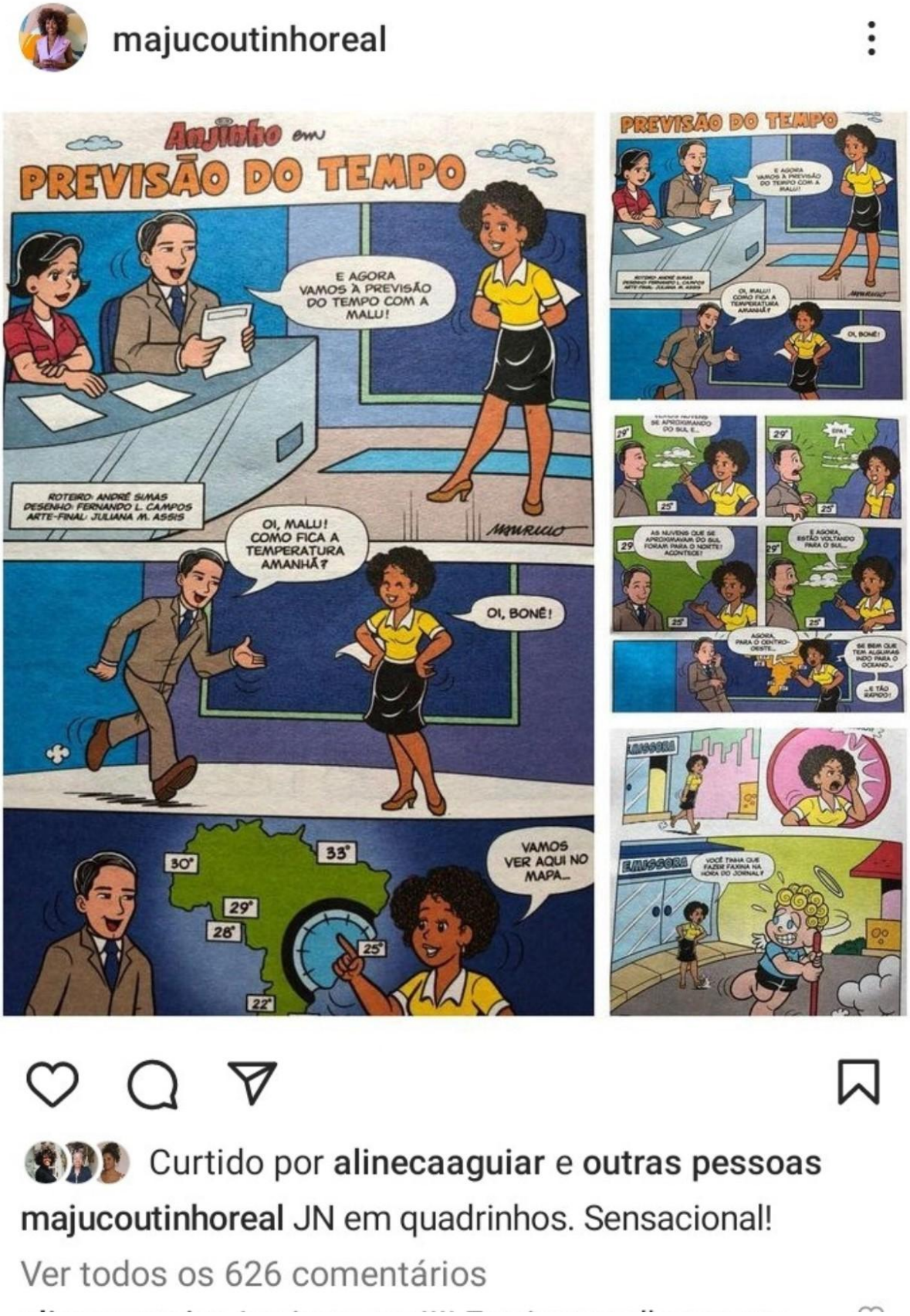


SD4 Legenda: Olha o bloco das crespas aí, gente!!!!
Obrigada, @alinecaaguiar e Eduarda. ♥□♥□♥□
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 12 fev. 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BfHJJCjjYGd/?img_index=1. Acesso em: 19 abr. 2022.

A repercussão do estilo didático de apresentar a previsão do tempo junto ao estilo e aos *looks* de Coutinho durante dos anos em que ficou à frente da previsão do tempo do *Jornal Nacional* (2015-2019) saiu da televisão e chegou ao mundo dos quadrinhos por meio da publicação do cartunista Maurício de Souza, criador da *Turma da Mônica*. Há décadas, a turminha do bairro do Limoeiro faz parte da infância dos brasileiros. É interessante observar que a retratação de Coutinho em uma revista de quadrinhos é ressignificado para o estímulo à imaginação das crianças, onde as mesmas pertencem e são validadas, já que o *Jornal Nacional* é um programa relevante com linguagem direcionada ao público adulto.

Nossa pretensão não está em dizer se as crianças assistem ou não ao telejornal, mas sim entender que elas sabem que Maju está todas as noites no principal telejornal do País. O que desejo aqui é destacar brevemente a questão do papel do imaginário para o desenvolvimento da criança. Sarmento (2003) afirma que as crianças desenvolvem a sua imaginação de forma constante conforme o que observam, experimentam, ouvem e compreendem por meio de suas vivências ao mesmo tempo em que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, até incorporarem como algo vivenciado (Sarmento, 2003, p. 63-64). Na imagem a seguir (SD5), o personagem Anjinho faz uma pequena intervenção na previsão do tempo.

Figura 17 – O telejornal mais assistido do País foi parar na revista em quadrinhos



SD5 Legenda: JN em quadrinhos. Sensacional!
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 24 jul. 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BiGI4WgDfKT/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Na SD6, ao realizarmos o gesto de interpretação, permitimo-nos ser guiados pela expressão de espanto com o que seria a semelhança da criança com a apresentadora e o modo como o seu cabelo está penteado. Reconhecemos que, possivelmente, alguém a posicionou em frente à TV e arrumou seu cabelo dessa forma, mas, ainda assim, temos uma expressão de espanto. Para esta análise, pautamo-nos em Orlandi (2007a), na AD, é possível trabalhar para além da linguagem verbal diante da sua multiplicidade e complexidade. Aqui, enxergamos que o sentido vem primeiro e a linguagem vem depois[86].

Figura 18 – Criança se espanta com a "semelhança" com Coutinho

SD6 Legenda: Morri de emoção! ❤

Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 26 out. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B4GBmgeJzHJ/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Escolhemos analisar as SD's 7 e 8 juntas em virtude de serem referentes a mesma criança. A fim de dimensionarmos o que representa quando, ao apontar para a TV, a pequena Maria Alice diz: "E esse aqui é o meu vestido amarelo, yellow!" (SD7). Citamos novamente Mariani (2003) que adverte que, para acontecer o assujeitamento no jogo dos significantes, é preciso que a Língua e a História ressoem de forma material.

Logo, a rede de significantes deve estar em alinhamento (mais uma vez, a noção de condições de produção de sentido). No entanto, devemos entender que os sentidos não são imutáveis. O vídeo[87] viralizou em todo o Brasil, tornando-se notícia nos principais portais na

[86] Escrevo desta forma porque não precisamos das palavras para elaborar a análise.

[87] Novamente, optamos por utilizar o recurso do *print* para que tivéssemos o efeito visual diante da impossibilidade de reproduzir o vídeo no texto.

internet. A pequena Maria Alice se reconhece na jornalista, elencando elementos como cabelos e vestidos iguais. Sobre o vínculo do sujeito à formação discursiva e imaginária, Mariani (2003) afirma:

> Como já foi mencionado, encontra-se materialmente constituído na linguagem o vínculo do sujeito à formação discursiva que o domina, vínculo esse concebido por Pêcheux como 'identificação simbólica', ou seja, identificação a determinados significantes na linguagem, significantes constitutivos do sujeito como efeito. Na identificação simbólica estão inscritas, portanto, as representações verbais (termo de Pêcheux), ou seja, o resultado do efeito do assujeitamento a uma dada formação discursiva. As representações verbais vinculam-se entre si em função dos processos de reformulação parafrástica inerentes às formações discursivas. E, como efeito de haver sentido, essas representações verbais produzem uma consistência imaginária para o sujeito, ou seja, ficam impregnadas de evidências. Observe-se que essa consistência imaginária só pode concebida porque já há um remetimento ao simbólico, ao campo do Outro. Só é possível falar em imaginário, na perspectiva discursiva, com recurso ao simbólico, ao inconsciente e à ideologia (Mariani, 2003, p. 68).

Descrição do vídeo (SD 7):

> Maria Alice: – É. **Esse aqui é o meu cabelo!** [Maria Alice aponta para o cabelo de Coutinho na TV].
> Voz masculina: – É?!
> Maria Alice: – Ó!
> Maria Alice: – E esse aqui **é o meu vestido amarelo**, yellow! [Maria Alice aponta para a blusa de Coutinho].

Figura 19 – O vídeo de Maria Alice viralizou em todo o País

SD7 Legenda: Eu me segurei para não repostar, mas não dá pra resistir. Olha a fala dessa pequena: “**Esse aqui é meu cabelo! E o meu vestido é amarelo, yellow.”**❤□❤□❤□

Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 24 nov. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5Q2-OMpnNd/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Na Figura 20 (SD8), a divisão entre telespectador e apresentadora é rompida diante da repercussão do vídeo. A pequena Maria Alice, na época com dois anos, viajou de Floriano, no Piauí, para conhecer a apresentadora pessoalmente em São Paulo.

Figura 20 – Maria Alice foi até São Paulo se encontrar com a apresentadora

Legenda: Fofura, Fofura, Fofura. *No Encontro* com @fatimabernardes, o encontro entre Maria Alice e Maria Júlia @mariaalicemaju. Obrigada a todos os envolvidos.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 3 dez. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B5n2C2ip6TX/. Acesso em: 19 abr. 2022.

"**É sobre isso.**" Na SD9, destacamos a sensação de pertencimento causada pela fotografia e pelo texto na imagem, no qual está escrito a seguinte frase: "Todo o dia a Maju grita para a televisão quando a Maju Coutinho aparece. **A Maju fala que elas se parecem**. Hoje a Maju deu um grito quando viu que a Maju Coutinho estava com a mesma cor de roupa dela. E sobre isso, né?". Ainda que não haja uma palavra verbalizada pela pequena Maju, esse grito que ela dá ao ver a apresentadora nos leva a interpretar como um traço do inconsciente agindo.

> Criticando a lingüística e colocando a unidade do sujeito em questão, Pêcheux retoma da psicanálise a diferença entre o sujeito ("je") enquanto efeito do inconsciente, representado pelo significante e o sujeito ("moi" ou ego-imaginário) que se perde no engano de se julgar como unidade. A cada falha, a cada lapso cometido – marcas dessa divisão inconsciente – o sujeito imaginariamente se reconstrói como unidade, e isso se marca na linguagem (Mariani, 2003, p. 69).

Figura 21 – Os figurinos de Coutinho são imitados por crianças de todo o Brasil

SD9 Legenda: Fechando mais uma semana de trabalho com o lado bom das coisas. ♥
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 17 jul. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CCwv9TDJQkk/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Anteriormente, mencionamos o quão simbólica é a questão dos cabelos para a cultura e a identidade negra segundo Gomes (2020). Nas próximas análises, fatores como roupas e cabelos são mais enfatizados na presente pesquisa em virtude do fato de que, além de se verem em Coutinho, torna-se recorrente o fato de que as crianças se vestem como apresentadora, o que interpretamos ocorrer em virtude da sensação de pertencimento que esse efeito proporciona. Além disso, merece destaque também o modo como elas se mostram confiantes como tal ato. A SD10 é um exemplo que analisamos a partir deste ponto.

Figura 22 – Os cabelos de Coutinho inspiram e ditam tendência

SD10
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 9 ago. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CDsJfknpNJn/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Na SD11, voltamos a retratar a questão do imaginário. O desenho retratado pela criança Isabella é fruto da sua própria projeção sobre a apresentadora. Ao mesmo tempo em que podemos direcionar a análise para o viés lúdico, em que, conforme Sarmento (2003), o imaginário infantil compreende o modo no qual as crianças entendem o mundo, sendo o jogo simbólico função na construção do sentido para as crianças. Ao retomarmos essa noção pelo viés do discurso, Mariani (2003) lembra que, ao dizer o “eu” do lugar imaginário (“eu” » ego) e identitário a formação discursiva que o domina, o sujeito materializa sua inserção na História, mostrando um percurso de sentidos na Língua e se colocando a serviço dos jogos dos significantes (Mariani, 2003, p. 70).

Figura 23 – Representatividade: propósito e missão

SD11 Legenda: Depois de 85 minutos de @jornalhoje, a gente recebe um envelope, abre e encontra este desenho e fica como? Resposta: com a sensação de que está no caminho certo ❤️
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 26 nov. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIEDBM1Ji67/. Acesso em: 19 abr. 2022.

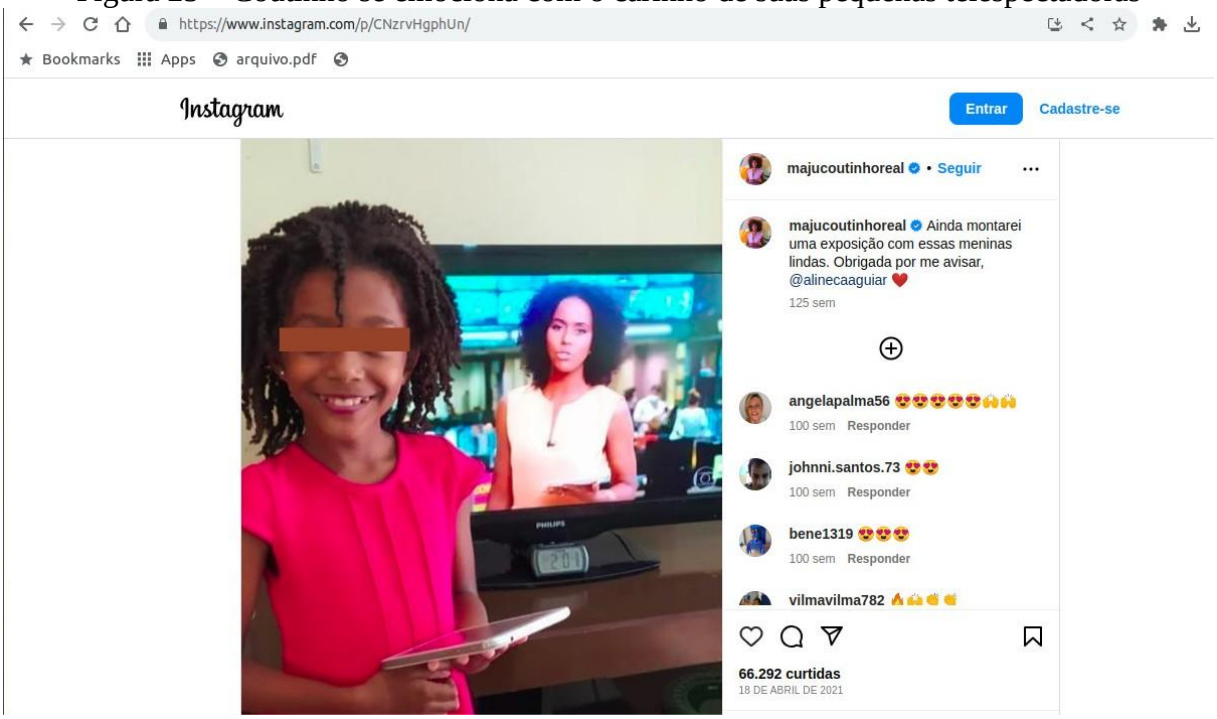
Para as SD's 12, 13 e 14, realizamos o gesto de análise sob a influência dos cabelos e roupas da apresentadora para a criança. Ao retratar sobre os dilemas de aceitação e rejeição dos cabelos étnicos, Gomes (2020) revela que tanto o se aceitar como o se rejeitar como negro não se dão de forma racional. Esse movimento de aceitação como também de orgulho gerado pela apresentadora (mesmo que não-intencionalmente) desconstrói o sentido até então determinado. A fim de dimensionarmos a importância dessa mudança, citamos Gomes (2020):

> Apesar do seu caráter específico no que se refere a construção da identidade do negro no Brasil, o movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que inclui dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas. Ele nos fala da relação de aproximação e afastamento no qual coexistem atitudes opostas. De um ponto de vista cultural, essa distância pode ser vista como a maneira por meio da qual os grupos sociais se reconhecem a si mesmo e aos outros (Gomes, 2020, p. 139).

Figura 24 – Mais uma vez, os cabelos de Coutinho fazem sucesso entre as meninas negras de todo o Brasil

SD12 Legenda: ❤□❤□❤□ o cabelo dividido pelo @robsonjovino está fazendo sucesso.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 3 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNNugkvJuWG/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Figura 25 – Coutinho se emociona com o carinho de suas pequenas telespectadoras



SD13 Legenda: Ainda montarei uma exposição com essas meninas lindas. Obrigada por me avisar, @alinecaaguiar ❤□.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 18 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNzrvHgphUn/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Uma vez recorrentes, as publicações de crianças vestidas como Maria Júlia Coutinho transcenderam a relação TV – telespectador. Na Figura 26 (SD14), Clara Larchete (atualmente atriz) homenageia jornalista e outras personalidades negras, como a atriz Taís Araújo e a escritora Conceição Evaristo. Na época, sua foto foi inspirada em uma das capas da revista *Marie Claire* de julho/agosto de 2020[88] com Maria Júlia Coutinho. A repercussão da foto de Clara chegou até a apresentadora.

Figura 26 – A pequena Clara reproduziu uma foto de Coutinho feita para a revista feminina *Marie Claire*

SD14 Legenda: E o que dizer da camaleoa[89] @clarinha_larchete ! ? ? ? ?
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 18 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNzscEgJCV1/?img_index=1. Acesso em: 19 abr. 2022.

Na SD15, destacamos a inversão dos papéis: para Flor de Maria, é Coutinho quem se parece com ela (“Você é parecida comigo, né?”). Enfatizamos que enquanto ela menciona a semelhança com a apresentadora, ela acaricia a pele e os cabelos, não verbalizando. Porém, pela expressão em seu rosto, sendo uma validação da própria beleza, pois, trata-se de um aspecto positivo. Depois, descrevemos o vídeo.

[88] *#NoFrontDaNotícia*: os bastidores das capas de *Marie Claire* à distância. Disponível em: https://bit.ly/3SIUN11 Acesso em: 12 set. 2023.
[89] Maju se refere a Clara Marchete como “camaleoa” diante do fato de que, em suas redes sociais, a criança se caracteriza como várias outras personalidades da mídia e da literatura, como a atriz Taís Araújo e a escritora Conceição Evaristo.

Figura 27 – Flor de Maria demonstra carinho pela apresentadora

SD15 Legenda: O futuro já começou! Flor de Maria. @negoalvaro.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 30 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COTKhrLp0bi/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Descrição do vídeo:

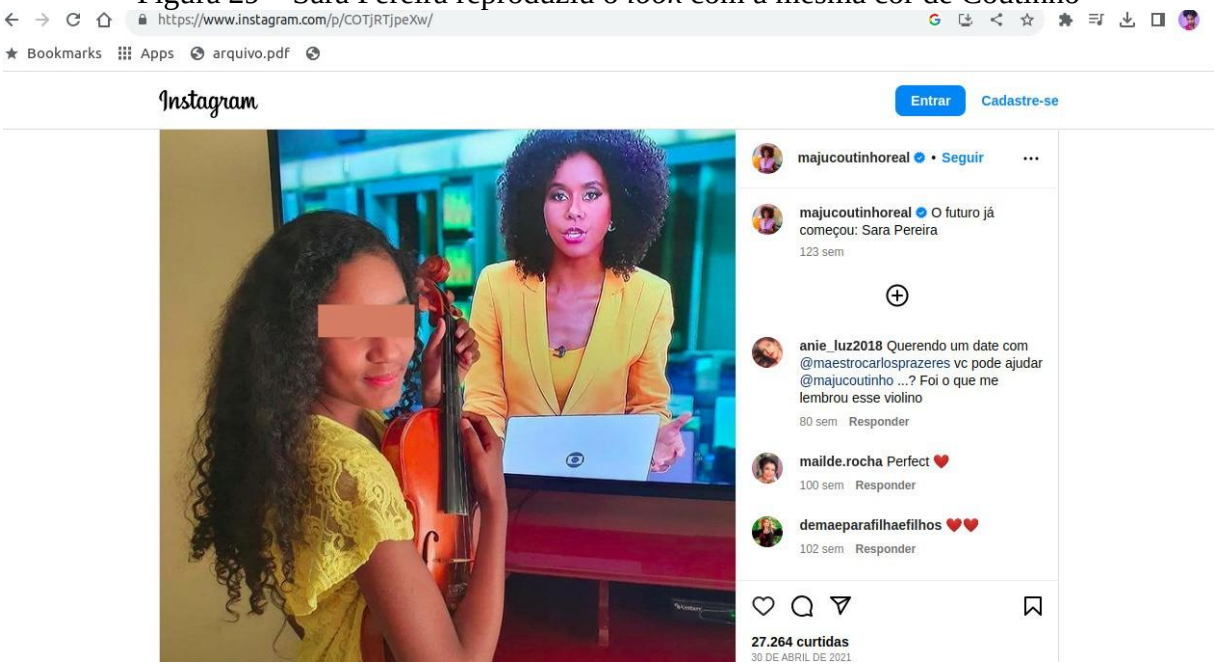
> Flor de Maria: – Ei Maju, tudo bem? Eu gosto muito de você! **Você é parecida comigo, né?**
> Flor de Maria: – Então, eu tô aqui para devolver o beijo que você me deu. Então vou mandar aqui. E beijo, tchau! Te amo, tá? Beijo, tchau!

Nas últimas imagens (SD's 16 e 17), analisamos o modo como as meninas se posicionam perto da TV e a frase "O futuro já começou" escrita pela apresentadora e se vestiram como a mesma. Destacamos o olhar de afeto, a afeição delas pela jornalista por meio do efeito de representatividade e pertencimento amplamente pontuados ao longo desta dissertação. No futuro mencionado por Coutinho, desejamos que meninas negras possam sonhar e ser o que quiserem.

Figura 28 – Maju Coutinho organizou um destaque em seu perfil nas redes sociais somente para organizar as fotos das crianças

SD16 Legenda: O futuro já começou! Luíza Maria.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 30 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COTOdXGJoWU/. Acesso em: 19 abr. 2022.

Figura 29 – Sara Pereira reproduziu o *look* com a mesma cor de Coutinho



SD17 Legenda: O futuro já começou: Sara Pereira.
Fonte: Maju Coutinho (Instagram: @majucoutinhoreal). Data de publicação: 30 abr. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COTjRTjpeXw/. Acesso em: 19 abr. 2022.

5.5 O efeito de representatividade: perspectivas discursivas e apontamentos

Ao observarmos as imagens acima, notamos o efeito de sentido gerado na relação apresentadora – telespectador(a). Como já mencionado, embora o produto telejornal não seja direcionado para crianças, ele não deixa de transparecer o que já está inconsciente nelas, como a questão da negritude, uma vez que elas são sujeitos em formação. Para sustentarmos essa percepção, recorremos a Grigoletto (2005) que, com base em *Semântica e Discurso* (2014), reconhece que já não cabe enxergarmos o ideológico e o inconsciente como elementos à parte, mas, sim, como um todo, constitutivo de qualquer discurso e, assim, de todo o sujeito. Logo, o sujeito constitui a linguagem, pois ainda que não haja uma interação direcionada e verbalizada, a mensagem (implícita) é direcionada, gerando efeito, mesmo que não seja de forma intencional.

Fontana (2018), ao abordar sobre a complexidade do gênero como construção discursiva, traz essas mesmas identificações (de gênero) com outras nos processos de subjetivação. Isso reforça a nossa afirmativa anterior de que não há um processo exato na construção da identidade. Assim como Fontana, entendemos também que o funcionamento da interpelação ideológica é algo sempre já-gendrado, sofrendo a sobredeterminação de identificação simbólica de gênero para além da formação lúdica das crianças presentes nesta análise. Sobre o funcionamento da interpelação, a autora conclui que esse processo, em termos discursivos, leva a discutir teoricamente a complexidade dos processos de identificação que configuram as posições-sujeito no discurso, na sua relação constitutiva com as condições de produção, a memória discursiva, a enunciação e o corpo (Fontana, 2018, p. 64).

Anteriormente, pontuamos que nenhuma vivência sobre negritude é e será igual. No entanto, é inevitável perceber um efeito em comum após observarmos as imagens apresentadas. Podemos notar que nem mesmo as próprias apresentadoras tinham noção dos efeitos que as partilhas das suas vivências poderiam gerar. Sob uma perspectiva discursiva, consideramos a visão de Orlandi (1984) a respeito, que afirma que o falante sabe a sua "língua", mas não tem o conhecimento completo do seu dizer.

Quando nos deparamos com Fontana (2018), entendemos também que, por meio da interpelação ideológica, compreendemos os processos de identificação que constituem o sujeito-discurso conforme a sua inscrição no simbólico e na história. Ao afirmar que os processos de identificação se caracterizam como um movimento contraditório de reconhecimento e desconhecimento do sujeito em relação às determinações do inconsciente e

da ideologia que o constituem, materializadas nos processos discursivos, Fontana nos auxilia na busca pela compreensão do que nomeamos como efeito da representatividade, fazendo jus à importância da tal.

Historicamente, crianças negras ainda são sub-representadas não só na mídia tradicional, como também na publicidade. O que observamos acima é o preenchimento de um vazio, um refúgio imaginário e lúdico (no sentido de criar uma realidade paralela) na falta de referências positivas reais e, acima de tudo, possíveis. Anteriormente, mencionamos a relação entre *eu sou*/*você também é*, mas como a criança vai criar essa relação sendo está quase nula? Pontuamos a questão estrutural do negro em capítulos anteriores, mas se tratando de um sujeito em formação, esse processo precisa ser percebido e menos subjetivo, por isso, a abordagem sob um viés lúdico.

Na sociedade brasileira, o racismo é constantemente praticado, de forma velada e não-velada, distorcendo a contribuição africana e afro-brasileira para a nossa identidade como povo. Com isso, ao mesmo tempo em que isso incide na vida das crianças negras que, na falta de referência, constituem-se como alguém sem passado histórico, são privadas de sua ancestralidade a partir de um lugar de pertencimento e orgulho. Por sua vez, as crianças brancas são destituídas da oportunidade de aprender sobre uma história que também é sua[90].

Entendemos que a essa ausência na dualidade da construção de uma referência positiva, para além do pertencimento, causa um efeito também estético. Essa questão estética também provoca impacto, uma vez que, ao realizarmos a busca por crianças consideradas bonitas, a criança negra não se enquadra ou, então, caso se adeque, é aquela que possui os chamados "traços finos". Quanto mais retinta, menos considerada e, por isso, ela acaba vivenciando a retirada do seu direito ao belo, sofrendo ao perceber que tudo que lhe diz respeito é entendido comumente de menor valor, levando a um processo de negação de quem ela é[91].

A evidência de ambas apresentadoras gera mudança nesse quadro, o que justifica, por exemplo, fatores como o aumento de pessoas negras com orgulho de seus cabelos[92]e as buscas por cabelos crespos ou cacheados no *Google* em 2021[93]. O trailer do lançamento do *live*

[90] Como a falta de representatividade negra afeta todas as crianças? Disponível em: https://bit.ly/3A0xntT. Acesso em: 14 abr. 2023.
[91] Como a falta de representatividade negra afeta todas as crianças? Disponível em: https://bit.ly/3A0xntT. Acesso em: 14 abr. 2023.
[92] Cabelo e identidade: 83% das pessoas negras consideram os fios como forma de expressão e orgulho. Disponível em: https://bit.ly/41uOQG. Acesso em: 14 abr. 2023.
[93] *Google* revela crescimento de 232% na busca por cabelos cacheados. Disponível em: https://bit.ly/3odbTrl. Acesso em: 14 abr. 2023.

action A pequena sereia, protagonizado pela atriz e cantora Halle Bailey, que é negra, apesar das críticas, emocionou meninas negras em todo o mundo[94].

[94] Reações de crianças pretas com trailer do novo *A Pequena Sereia* viralizam. Disponível em: https://bit.ly/41yF0Ul. Acesso em: 14 abr. 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos às páginas finais desta dissertação, mas as ideias e os saberes continuam em eterno movimento. As discussões permanecem, pois, seus efeitos são cíclicos. Embora espera-se por respostas nesta fase de uma dissertação de mestrado, apresento, também, o modo como a minha trajetória enquanto mestranda e o modo como esse processo me moldou como mulher negra no mundo e sujeita de minhas ações.

Relembro que, ainda universitária, o empoderamento feminino, o feminismo negro e a representatividade despertaram o meu interesse, uma vez que, naquele período, a minha busca por pertencimento era presente. Ao chegar à universidade, infelizmente, o racismo deixou de ser uma situação pontual em minha vida para se tornar recorrente, mesmo que fosse de uma forma velada. No bairro e, mais precisamente, na comunidade onde cresci, éramos "iguais", ainda que meu círculo de amizades fosse composto majoritariamente por pessoas brancas, o que gerou em mim a naturalização do preterimento.

A representatividade exercida por Glória Maria foi determinante para buscar um futuro diferente do meio no qual estava inserida. À medida que as situações que me geraram trauma na faculdade cresciam, comecei a refletir sobre a questão racial sob o ponto de vista do gênero. Desenvolvendo a dissertação, ao ler sobre Lélia Gonzalez e Neusa Santos Sousa, além de outros relatos, pude perceber que, ao longo da História, mulheres negras recorrentemente foram desumanizadas. Minhas perspectivas pessoais foram determinantes para a realização desta pesquisa.

Retomo a pergunta da nossa pesquisa "*Qual é a importância da ascensão do protagonismo de mulheres negras atuantes no telejornalismo nacional na construção de identidade de meninas negras?*", na qual desenvolvemos os objetivos do estudo, como o modo em que analisamos as imagens e as palavras adotadas pelas jornalistas Aline Aguiar e Maria Júlia Coutinho interferem nos processos de identificação de meninas negras por meio da rede social *Instagram*. Em determinado momento, o nosso interesse pelo que classificamos como *efeito de representatividade* sobressaiu a nossa curiosidade inicial pela rede social.

Diante do modo como a História do negro no Brasil é desarticulado em registros oficiais, inicialmente, tivemos que traçar esse percurso não só da História, mas do modo como o negro é compreendido em uma sociedade estruturalmente racista como a brasileira e a sua condição de existência. Diante de uma realidade tão particular, como a do negro no Brasil. O apagamento da história e da cultura negras no Brasil foi crucial na construção de sua autopercepção, o que eleva o valor do percurso e da preservação do movimento negro no País,

este fortemente afetado em momentos determinantes para a História do Brasil, como a ditadura militar.

Reconheço a contribuição da Análise do Discurso e, de modo particular, as obras de Michel Pêcheux e Eni Orlandi como fundamentais para a construção de uma pesquisa com base teórica e análise justa, ainda que fruto de buscas por respostas pessoais. Nesse caminho, aprendi (e sigo aprendendo) a abrir mão dos achismos em nome da produção honesta de conhecimento, algo tão caro à ciência produzida no Brasil atualmente. Graças a esses estudos, pudemos dimensionar sobre o quão a Língua é onde acontece o discurso sem abrir mão de levar em conta o modo como o indivíduo é afetado e posicionado no mundo, assim como os seus efeitos e, de modo particular aos processos de identificação, como em nossas análises.

A articulação realizada entre discurso, psicanálise e – em nossa pesquisa – a raça deram protagonismo a questões que afetam as mulheres negras. Embora respeite profundamente a produção existente voltada para a negritude na Análise do Discurso, ainda a enxergo como deficiente, uma vez que a produção atual não prioriza a questão das mulheres negras e os próprios autores que são referência em nossos estudos, sendo pessoas brancas, não possuam compromisso ou fidelidade a pauta racial, o que torna ainda mais fundamental as obras de Nogueira (1998), Fanon (1998) e Souza (2021) acerca da psicanálise sob o viés racial.

Ter autores negros em nossa pesquisa valoriza e democratiza as perspectivas defendidas apresentadas. Por isso, nossa pesquisa tem dois capítulos exclusivamente para a questão das mulheres negras e a legitimação de si. Recortar as vivências de mulheres negras em nosso trabalho foi fundamental para nos prepararmos e prepararmos o leitor para o processo de dessuperficialização do *corpus*, além de mapearmos as questões que são pertinentes às mesmas.

Partindo para as soluções propostas em nossa pesquisa, destaco o modo como a representatividade negra tanto na mídia como para os processos de formação de identidade de meninas negras, pois, historicamente, mulheres negras são preteridas em espaços de decisão, discussão e legitimação, sendo privadas do direito ao pertencimento. O efeito de representatividade proposto em nosso trabalho é um apontamento que se abre ao percebermos que a presença das duas jornalistas causa, além da sensação de pertencimento a meninas e mulheres negras, a reconciliação delas com sua feminilidade e beleza estética, tópicos destinados frequentemente às mulheres brancas.

Ao longo da análise destacamos repetidamente esse ponto em virtude do papel da regularização na formação do sentido. É nessa regularização que confinamos relações como

social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo e o objetivo, como demonstra Orlandi (2005). Além disso, apresentamos o modo como o termo representatividade e seu impacto foi dimensionado em nossa pesquisa, deixando de ser um termo da "moda" ou em voga para uma discussão que corrobora com a reconciliação do negro com a sua identidade de modo positivo.

Relembramos nosso compromisso de pesquisa, que consistia em apresentar o modo como a materialidade linguística e imagética interferem nos processos de identidade e sentido de meninas negras, assim como o modo como elas constroem sua autoestima. Ao longo do processo da nossa análise, entendemos que não fazia sentido segregar as palavras empregadas das imagens, porque notamos que foi justamente por meio da rede de significação que esse efeito se estabeleceu.

Na prática, concluímos que ainda que a AD não lide com a identidade de modo direto, a questão proposta por meio da relação entre Pêcheux e Althusser na questão da *interpelação-identificação* nos levou ao entendimento sobre o efeito de representatividade. Esse ocorre por meio de um elo despertado, uma vez que a identificação acontece justamente na falha do sentido no processo do assujeitamento. Nesta dissertação, reconhecemos que as condições de produção do sentido foram determinantes para o acontecimento dessa significação, na qual o significante → mulher negra jornalista na TV ganha o significado → efeito de representatividade.

Logo, se não tivéssemos essa rede de significação formada pelas imagens e as palavras designadas, não teríamos os efeitos retratados ao longo da pesquisa, como os casos de meninas que passaram a gostar de seus cabelos por conta do modo como os cabelos das jornalistas apareciam na TV. Esses efeitos também são demonstrados no emprego de expressões como *cabelo parecido com o seu* e *parecido com o meu*.

O nosso interesse em compreender como a formação imaginária pelo viés do lúdico na criança nesse processo nos guiou na busca pelo entendimento conforme o *efeito de representatividade* aconteceu nessas meninas. Mapeamos garotas que se reconciliaram ou passaram a gostar de suas características segundo a presença e representatividade exercida por ambas jornalistas.

Figura 12 (SD8 nas análises de Aline Aguiar):

> [...] vimos o seu comercial e eu disse para ela que seu cabelo é parecido com o dela e ela adorou, hoje fizemos um penteado parecido com o que você usa no comercial, ficou linda. [...]

Figura 16 (SD8 nas análises de Maria Júlia Coutinho):

Aline: – E você se parece com quem?
Eduarda: – Maju Coutinho!
Aline: – **Sério?! Por que você se parece com ela?**
Eduarda: – O cabelo e a pele.
Aline: – É igual?
Eduarda: – É!
Aline: – **E o seu cabelo é bonito?**
Eduarda: – **É!**
Aline: – **E você gosta dele?**
Eduarda: – **Gosto!**
Aline: – **E o que você fala para todas as meninas que têm o cabelo igual ao nosso?**
Eduarda: – **Que todo mundo me chama de Maju Coutinho!**

Assim, percebemos como principal contribuição realizada por meio do desenvolvimento de nossa pesquisa se dá pelo fato de que esse efeito é a concretização real de que a ressignificação da construção da identidade da mulher negra é possível, ainda na infância, promovendo desconstruções sociais e, de modo particular a sociedade brasileira, estruturais. Se na minha geração, meninas negras eram submetidas a traumas simplesmente pela cor da pele, como o fato de serem preteridas nas festas juninas simplesmente por serem negras, a representatividade contribui para a reversão de quadros como esse.

Nós, mulheres negras, não aceitamos mais que nossa história seja determinada por outros. Desejamos ser donas de nossas narrativas e decisões. Está claro que não cabe mais um futuro no qual nós não pertençamos. E, ao nosso modo, estamos fazendo isso: seja pela cobrança de maior representatividade em todos os espaços, ou seja, pela conquista deles, como tem acontecido no meio acadêmico, ainda que aos poucos. Posicionamo-nos e, a partir desse posicionamento, os impactos e as mudanças se efetivam, ainda que a passos longos.

Sermos o sonho dos nossos ancestrais é uma maneira de honrá-los, assim como nos colocarmos diante dos efeitos do racismo em nossa sociedade. É preciso sempre lembrar que estamos inseridos em uma sociedade na qual o racismo estrutural resiste há séculos. Todavia, é segundo os nossos movimentos que essa estrutura tão difícil, aos poucos, será rompida. Por essa consciente escolha, opto pela esperança e pelos os efeitos já visíveis conforme esses movimentos.

Há muita força na sensibilidade.

(Camila da Conceição Marques)

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre *et al*. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

AGUIAR, Aline Cristina Araújo de. **Resistir e Reexistir**: análise discursiva de narrativas de vida sobre transição capilar. 2021. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ALMEIDA, Marisangela Lins de. Mulheres negras e intelectualidade: transgredindo fronteiras. *In*: Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias, 28., 2018, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. p. 1-9. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529785033_ARQUIVO_enviarMULHERESNEGRASEINTELECTUALIDADE.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BALDINI, Lauro José Siqueira. Gênero/Psicanálise. *In*: FONTANA, Mónica Zoppi; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso**: identificação de gênero e práticas de resistência. v. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 23-34.

BARRETO, Raquel Goulart. Análise de Discurso: Conversa com Eni Orlandi. **Revista Teias**, [*S. l.*], v. 7, n. 13-12, p. 1-7., 2007. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24623. Acesso em: 2 jan. 2024.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

BRASIL, Luciana Leão. Deslizamento de sentidos por efeito metafórico: o discurso de uma fotografia. **Rua**, v. 2, n. 17, 2011. Disponível em: https://bit.ly/3KeE3uk. Acesso em: 14 jan. 2023.

CASS, Mark Julian. A teoria da prova em Leibniz. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 267-79, 2013. Disponível em: https://bit.ly/3NPXfkC. Acesso em: 22 out. 2022.

CESTARI, Mariana Jafet. **Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às Yabás**. 2015. 264p. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Lingugagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução de Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

CONCEIÇÃO, Elenice da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 8, p. 1-13, fev. 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. Discurso e imagens: Para uma arqueologia do imaginário. *In*: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 145-162.

CROCHICK, José Leon. Teoria crítica e psicologia social: relevância das pesquisas empíricas. **Psicologia e Sociedade**, v. 30, p. e174315, 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174315. Acesso em: 14 jun. 2023.

CRUZ, Márcia Maria; LOPES, Edilene. Jornalistas Negros: como a experiência de negritude pauta a atuação nas redações de Minas Gerais. *In*: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes Negras em Comunicação**: mídia, racismos, resistências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: https://encurtador.com.br/sHMR8. Acesso em: 22 mar. 2018. [Edição original é de 1982, em Nova York, pela editora Randon House].

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. Disponível em https://encurtador.com.br/swxyJ. Acesso em 8 abr. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução, revisão técnica e prefácio de Norman Fairclough e Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 1998.

FERREIRA, Andressa Marques; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. As dimensões do corpo na perversão comum: objeto, imagem e borda. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 dez. 2023.

FONSECA, Rodrigo. **Historicidade**. YouTube, 20 set. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3B648GL. Acesso em: 22 out. 2022.

FONTANA, Mónica Zoppi. "Lugar de fala": enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, v. 12, n. 18, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457. Acesso em: 7 jun. 2023.

FONTANA, Mónica Zoppi; CESTARI, Mariana Jafet. "Cara de empregada doméstica": Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. **Rua** – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, Edição Especial, 2014. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/rua. Acesso em: 22 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Glória da Ressurreição Abreu. **Gênero, raça e colonização**: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França. 2018. 363f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem e Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité, Campinas, SP. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331559. Acesso em: 8 nov. 2019.

FRANÇA, Marilda Aparecida Lachovski de. O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva. **Caletroscópio**, Ouro Preto, v. 8, n. 2, 27 dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.58967/caletroscopio.v8.n2.2020.3792. Acesso em: 22 dez. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 3. ed. rev.amp.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 8., 1979, Pittsburgh, Estados Unidos. **Annual Meeting of the Latin American Studies Association**, 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf . Acesso em: 22 dez. 2023.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afro-latino-americano". *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento Feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982. (Coleção 2 pontos, v. 3).

GRIGOLETTO, Evandra. A Noção de Sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da Língua(gem)**, [*S. l.*], v. 1, n. 1, p. 61-67, 2005. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978. Acesso em: 22 dez. 2023.

GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. Breves considerações, comentários e ideias acerca de uma Psicologia Social Crítica. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [*S. l.*], v. 11, n. 2, p. 514-526, 2017. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1764. Acesso em: 12 jun. 2023.

HEINE, Palmira. Reflexões sobre o interdiscurso. **Revista Intersecções**, v. 3 n. 3, p. 25-34, 2010. Disponível em: https://bit.ly/3FY1nu6. Acesso em: 27 dez. 2022.

HOOKS, Beel. Intelectuais Negras. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf. Acesso em: 27 dez. 2023.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda. *et al*. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 5: as formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

LAGAZZI, Suzy. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 497-514, set./dez. 2011.

LAGAZZI, Suzy. O exercício parafrástico na imbricação material. *In*: ENCONTRO DA ANPOLL, 27., 2012, Niterói. **Anais** [...]. Disponível em: Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/SuzyLagazzi.pdf Acesso em: 26 jun. 2012.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significante na memória. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO – SEAD, 3., UFRGS, Porto Alegre, 2009. **Anais** [...]. p. 1-6. Disponível em: https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/SuzyLagazzi.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

LIMA, Deivson Wendell da Costa; VIEIRA, Alcivan Nunes; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVEIRA, Lia Carneiro. Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 25, p. e12913, 2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/12913. Acesso em: 13 dez. 2023.

LORDE, Audre. A Transformação do silêncio em linguagem e ação. **Geledés**, 1977. Disponível em: https://bit.ly/41tHfbr. Acesso em: 8 out. 2022.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *In*: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sílvio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad el ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: GÓMEZ, Santiago Castro; GROSFOGUEL, Ramón (eds.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Iesco, 2007.

MARQUES, Camila da Conceição. **A trajetória da mulher negra jornalista**: das consequências da escravidão até a conquista do protagonismo. 2018. Trabalho de Conclusão

de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário de Belo Horizonte, UniBH, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://encurtador.com.br/hirE0. Acesso em: 22 jun. 2023.

MARIANI, Bethania. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. (2010). Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem Em (dis)curso**, v. 10, n. 2, p. 391-408, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1518-76322010000200008. Acesso em: 22 jun. 2023.

MIRANDA, André. Black Barbie: filme conta história da primeira versão negra da boneca, lançada só 20 anos depois da branca. **O Globo**. Austin, Texas, 18 mar. 2023. Cultura/Filmes (seção). Disponível em: https://encurtador.com.br/iuGOU [somente assinantes]. Acesso em: 18 jun. 2023.

MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera**, v. 9, n. 17, p. 124-145, 2018.

MOREIRA, Carla. **Produção, circulação e funcionamento da censura na ditadura militar brasileira e no fascismo italiano**: a censura na ordem do discurso. 2009. 187p. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

MUTTI, Regina Maria Varini. O primado do outro sobre o mesmo... *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO – SEAD, 1., Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. **Anais** [...]. Disponível em: http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/. Acesso em: 18 jun. 2023.

NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana do. Sobre cultura e diversidade hoje: o político e a diferença. [Resenha]. **Entremeios** – Revista de Estudos do Discurso, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG, v. 16, p. 391-397, jan./jun. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol16pagina391a397. Acesso em: 15 abr. 2023.

NASCIMENTO, Sílvia. "Elas não querem brincar comigo": A dor de presenciar o racismo na infância. **Mundo Negro**, 2018. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/elasnaoquerembrincarcomigo/. Acesso em 27 mar. 2023.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1998. Disponível em: https://bit.ly/3TniMRJ. Acesso em: 13 ago. 2022.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. **Com Ciência**: um caso de determinação histórica. 2007b. Disponível em: https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296. Acesso em: 17 jun. 2023.

ORLANDI, Eni. **As Formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni (org.). **Discurso fundador**: A formação do país e a construção da identidade nacional. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

ORLANDI, Eni. **Língua e Conhecimento Lingüístico**. Para Uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni. O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo. *In*: CONFERÊNCIA SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., Porto Alegre, 2005. **Anais** [...]. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005b. Disponível em: https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi.pdf. Acesso em: 17 jun. 2023.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? **Lingüística: Questões e Controvérsias**. Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, Eni. Tecnologias da linguagem: um novo funcionamento. *In*: ORLANDI, Eni. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PAES, Audicéria Maria de Souza; MOTA, José Ribamar Alves; TOCANTINS, Raimundo de Araújo. Diálogo entre imagens: um caso de intericonicidade. **Anagrama**, [*S. l.*], v. 9, n. 2, p. 1-17, 7 jul. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2015.100247. Acesso em: 3 jan. 2024.

PASSOS, Professor Matheus. **Aparelhos Ideológicos do Estado** (Louis Althusser). YouTube, 13 dez. 2017. Disponível em: https://bit.ly/3UMRlQO. Acesso em: 8 dez. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas (orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET; HAK (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al*. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, J.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEREIRA, Cely; MODESTO, Rogério. "Mulher negra de pele clara": lugar de enunciação e processos de identificação. **Entremeios**, Revista de Estudos do Discurso, v. 21, p. 274-290, 2020. Disponível em: 10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina274a290. Acesso em: 19 jun. 2023.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. *In*: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba, PR. **Anais** [...]. p. 140-148. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/POSSENTI%20-%20Observa%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20o%20Interdiscurso.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: Sousa Santos, B. de; Meneses, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

REIS, Vitor Augusto Werner dos. O tripé fundador da Análise do Discurso: as interfaces de uma teoria de entremeios. **Revista Inventário**, Salvador, n. 21, jul. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29566/19241. Acesso em: 16 abr. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo. Claro Enigma, 2012.

SILVA FONTANA, Larissa da. **O discurso do colorismo no Brasil: processos de racialização e genderização nos dizeres da identidade nacional e das mídias negras**. 2021. 1 recurso online (288 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1642050. Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas”: Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cad. Cedes**, v. 19, n. 45, p. 7- 23, 1998. Disponível em: https://bit.ly/3nt6WKw. Acesso em: 23 mar. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOUSA, Karla Cristina Silva; BARROS, João de Deus Vieira. Estereótipos étnicos e representações sociais: Uma breve incursão teórica. **Revista Educação e Emancipação**, v. 5, n. 2, p. 201-226, jul./dez. 2012. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/3259. Acesso em: 23 mar. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TEIXEIRA, Vivian Cristiane. **Divulgação do conhecimento e imaginário**: uma abordagem discursiva da exposição Demasiado Humano, do Espaço do Conhecimento UFMG. 2020. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (Posling), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ZANDWAIS, Ana. Linguagem e Ensino: Saberes lingüísticos e literários dominantes em compêndios escolares. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 1-20, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30015. Acesso em: 20 dez. 2023.